

SERÕES



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 50 — AGOSTO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Anuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

Vaccina animal contra as hexigas — Verdadeiro cow-pox

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: CARLOS MONIZ TAVARES

Endereço telegraphico: Vaccina

Numero telephonic: 548

Os animaes que servem á producção da vaccina, escurpulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 1 a 5 pessoas	500 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas	800 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas	4\$000 »

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem addicionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vaccinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde	1\$200 réis
A's quartas feiras, vaccinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista	2\$000 »

Preços especiaes para vaccinações em collegios

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa** e **Brazil**, acondicionamento especial de fórma a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuário Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

PAG.

CONSTANTINO FERNANDES (Frontespicio)	90
S. JOÃO DA RIBEIRA (6 illustrações) por J. REIS COMES	91
O TERROR DOS GATUNOS (3 illustrações e 2 vinhetas) por MANUEL DE MACEDO	100
PENACOVA (8 illustrações e 1 vinheta) por L. MANO	107
TERRA DE PORTUGAL (<i>Versos</i>) de RAUL DO VALLE	112
UM IMITADOR DE SHERLOCK HOLMES (4 illustrações e 2 vinhetas) por MARIA O'NEILL	113
O ALEMTEJO HISTORICO (3 illustrações e 2 vinhetas) por A. F. BARATA	122
COIMBRA (<i>Sonetos</i>) de ALBERTO DE MONSARAZ com o retrato do auctor	124
O JARDIM DA INFANCIA (3 illustrações e 1 vinheta) por F. ADOLPHO COELHO	125
DE INHAMBANE A LISBOA (9 illustrações) por THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT	131
A ALDEIA (<i>Versos</i>) de ARTHUR COUTINHO	140
O CAMPO DE SANT'ANNA — RECORDAÇÕES DE ENTÃO (4 illustrações e 1 vinheta) por CARLOS ABREU	141
A PAIZAGEM PORTUGUEZA (14 illustrações e 2 vinhetas)	145
UM LANCE MARITIMO (2 vinhetas) por ALINE CUNHA	154
CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR (2 illustrações e 2 vinhetas) por M. A.	156
A ELOQUENCIA EM PORTUGAL (2 vinhetas) por JOSÉ DE ABREU TORRES	160
QUEBRA CABEÇAS	162
ECCOS E REFLEXOS (17 illustrações)	164
SONETO DE JOSÉ ALVES MONTEIRO	176

A MUSICA DOS SERÕES

MARÇA TURCA por L. DE BEETHOVEN	3 pag
---	-------

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, oficinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6\$000 réis	1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »	1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	2\$000 »	1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	{ Anno	2\$200 réis
	{ Semestre	1\$200 »
	{ Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca).....	- Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro...	- Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) **27**

Telephone **805**

LISBOA

NOVIDADE LITTERARIA

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUÇÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDÍCE DOS CAPITULOS

Capitulos	Pags.	Capitulos	Pags.
I— Bruce Ingersoll principia a sua historia	7	XIX — Na praça de touros	255
II— Adeus a Cambridge	17	XX — O dr. Luthero James	279
III— Jehan Cavanagh	29	XXI— Barcelona	299
IV— A casa do Fen	41	XXII— No palacio da Ponte	321
V— As noticias do jornal	55	XXIII— As desconfianças de Paulina	331
VI— O grito nocturno	65	XXIV— O regresso a Inglaterra	337
VII— A mulher e a creança	77	XXV— Fédoro	351
VIII— O destino de Cavanagh	93	XXVI— Um conhecimento	367
IX— Prospero de Blondel	105	XXVII— Jornada nocturna a Waterbeach	377
X— A festa do Corpo de Deus	119	XXVIII— A dama do bosque	395
XI— A luz da janella	143	XXIX— Na bibliotheca	403
XII— Ainda Paulina Mamaviell	165	XXX— O barco	413
XIII— A prisão de Bruges	177	XXXI— Robiniof	429
XIV— A encarcerada	189	XXXII— A sua familia	437
XV— A segunda entrevista	203	XXXIII— Paulina emmudece	447
XVI— Raiz e tronco	217	XXXIV— O milagre	461
XVII— O homem de cabelo ruivo	229	XXXV— A memoria de Jehan Cavanagh	469
XVIII— O expresso de Vienna	249		

PREÇO 500 RÉIS

À venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA



SERÕES

N.º 50 - AGOSTO

LIVRARIA FERREIRA-EDITORA

132, RUA DO OURO, 132 LISBOA



CONSTANTINO FERNANDES

Auctor do quadro intitulado «Despedidas», tela que obteve o segundo premio na ultima exposiçãõ da Sociedade Nacional de Bellas Artes



A FORTALEZA DE S. JOÃO BAPTISTA, SALVANDO — MARGEM ESQUERDA DA RIBEIRA DE S. JOÃO

S. João da Ribeira

○ ARRAIAL MADEIRENSE



A ribeira que toma o nome do Santo e por seu turno o designa na concreta linguagem popular, é um valle que, tendo origem nas serras de S. Roque e Santo Antonio, se espreguiça, sempre pittoresco e verdejante, até o mar, em Santa Catharina, onde lança tórvas e ruidosas torrentes no inverno e um cantante veio crystalino durante a longa secca do estio.

A igreja de S. João Baptista com o seu hospicio de frades franciscanos, é dos tempos da descoberta da ilha e obra do zelo

religioso de João Gonçalves Zarco. Os monges que com elle vieram, juntamente com os que, segundo a tradição, encontrou no Porto Santo, tiveram ali o seu primeiro gasalhado.

A frescura do local e o encanto da pay-sagem não poderam, comtudo, distrahir o espirito nem arrefecer a tenaz paixão d'um pobre frade que, — pelo que diz Fructuoso, — n'uma lucta homerica com o espirito das trevas revestido nas fórmãs mais tentadoras e mais bellas, o dominou e venceu, levando-o a enforcar-se n'uma trave do proprio dormitorio. As teias do demonio foram mais fortes que as grades do mosteiro.

A qualidade do peccado tornando inter-

dicto o hospício, trouxe os frades cá para baixo, para as casas bem ordenadas e espaçosas que se ficaram chamando convento de S. Francisco.

A imagem venerada do Baptista lá permaneceu, no entanto, no sitio primitivo, no ponto mais alegre e pittoresco da ribeira. Os religiosos sahiram; mas o Demónio ficou nos aposentos, não sei se d'esse tempo, ou tornando lá em data mais recente; João Nunes Diabo era, na minha infancia, o servidor e guarda d'este sympathico Santo, cargo que legou a seu filho o habil e ardisoso charadista João Nunes Diabinho que allí vive feliz com uma bôa prole de diabretes dos dois sexos.

A parte da ribeira que póde considerar-se como dominio exclusivo do Santo, é d'uma belleza particularmente original. As margens, elevando-se aos socalcos, verdejam em densos cannaviaes, ostentando, mais baixo, nas terras encharcadas, a larga folha d'inhamo onde as rãs coaxam ternamente, ao abrigo das vistas e pedras dos rapazes.

Mais proximo do leito, os muros de pedra solta demarcam propriedades liliputianas, ephemerhas hortas tentadas entre dois invernos, emquanto a meia encosta as vinhas preguiçosas estendem, sobre as latadas de canna, longos bacellos de «verdelho», «bastardo» e «negra molle».

E a acompanhar os muros, como defesa ao garotío, as silvas adensam-se, offerecendo ás toutinegras os seus fructinhos pretos, e, ás raparigas, as rosas meúdas, de côr pallida, com que ellas toucam os cabellos cahidos em duas tranças emquanto bordam á porta dos casaes.

As malvas cortam de rubro vivo as manchas verde-metallicas d'esta vegetação rica de seiva, ao tempo que a madre-silva corre sobre as balseiras, luctando com os «mimos» bravos, a perfumar a atmospherha d'estes vergeis d'um bocolismo encantador e estranho.

E' do lado do occidente, no ponto onde o leito mais alarga, que se ergue a capellinha branca que baptisou a ribeira, agrupando-se, n'uma margem e n'outra, varias casas de colmo e muitas já de telha, como a constituir um lugar ou, menos do que isso, um

sitio onde todos os annos a festa do orago promove um enthusiastico e concorridissimo arraial.

O arraial dura toda a novena, variando o empenho dos festejos com o numero e qualidade dos «mordomos».

A festa começa ao meio dia. A esta hora sóbe ao ar, no pico que se ergue atraz da egreja, uma grossa girandola de foguetes e granadas, ao tempo que uma philarmonica rompe o hymno da Carta com um abuso estrondeante de pancadaria e de metaes.

Os festeiros — os mordomos — erguem no alto de compridas varas a bandeira nacional e, depois de tocada uma peça que na minha infancia era, nunca soube bem porquê, quasi sempre o hymno americano, começa a descida ao som d'uma audaciosa marcha de que, a distancia, só se ouve a voz galharda e triumphal d'um estridente cornetim.

Os rapazes, adiante do cortejo que rompe com as bandeiras, acompanham a assobio a parte melodica da marcha; atraz, veem em linhas, de braço dado e lenço no collarinho, os que por esmolhas contribuíram para a novena do dia e todos os amadores e partidarios da philarmonica que adiante se estrompa e se esganiça. Ha um alto horario, certo, na Ponte de S. João, começo do lanço de caminho que vae em direitura á egreja. Tiros de pedreiro saúdam o cortejo; a musica corresponde a pé firme com o hymno, seguindo logo em passo dobrado até ao arraial.

A banda toma lugar no coreto, embocando os clarinetes, trompas e trombones, e empunhando os pratos e as vaquetas, á espera de qualquer cousa d'augusto e de solemne que vae ali passar: são as «mordomas» que sahindo de casa da «cabeça» se dirigem soberbas d'attitude, no berrante das suas vestes novas, para o portico estreito da capella. Pé nos degraus do adro e logo o hymno da Carta se entramalha com o estralejar de mais uma girandola de foguetes. Ha alegrias vaidosas nos olhos das festeiras, que marejam de ternura ao defrontarem com os derriços que por ali espreitam este momento solemnissimo e feliz.

O arraial, composto de numerosas barracas, cobertas a louro verde, onde se come a moreia frita e a carne de vinho e alhos, e

de bazares e «rodas da fortuna», sendo animado, geralmente, nas tardes da novena, tresporda de concorrentes na vespera de S. João.

Um episodio typico d'essas tardes era, no meu tempo, o sermão de que tinha quasi o monopolio um antigo conego, vigario da parochia a que pertence a egreja. Velho já, mas forte e obêso, o conego que possuia relativa facilidade de dicção, inda que lhe faltasse aqui e ali a propriedade dos termos, seguia sempre ovante no seu discurso até á peroração em que procurava congregar todas as suas faculdades de grande emocionista. A assistencia havia de chorar: era a méta das suas ambições como orador.

O martyrio do santo decepado, constituia assumpto revolvido com ardor no empenho d'escutar o choro dos ouvintes.

O seu fim conseguia-o quasi sempre; e quando percebia que a palavra ia a falhar-lhe como agente da emoção, suggestionando-se a si proprio, n'um crescendo de voz e de gestos afflicativos, chorava elle, a face e os olhos congestionados, e d'ali a instantes, estabelecendo-se o contágio, o pranto do mulherío enchia toda a egreja, n'um carpir inconsciente mas verdadeiramente angustioso.

Era o seu triumpho: descia do pulpito n'um sorriso de gloria intima, quasi contente, com o cutello d'Herodes que lhe fornecera esse irresistivel thema, em lagrimas, tão sensacional e fecundo.

Uma ou outra vez, prégava ali, n'esses tempos idos, um padre de cujo nome e phisionomia me não lembro.

N'uma occasião, ao fazer o elogio das

preclaras virtudes do Baptista, sahiu-se com esta que juntou á tradição: «S. João que era d'um soffrivel e regular comportamento...» Apesar da folha corrida que assim passava ao santo, o seu sermão não teve um extraordinario exito.

Os fieis que lhe não negavam felizes qualidades para administrador de concelho ou regedor, vibravam mediocremente com as suas peças oratorias.

Mas não se julgue que ainda hoje se mantém no pequeno pulpito do nosso S. João tão pequena elevação de palavras e processos. Não; o clero madeirense tem possuido dis-



O IMPERIO DO ESPIRITO SANTO

tinctissimos oradores. E a apologia do Santo Precursor tem sido feita, entre nós, ultimamente, por tudo quanto ha de mais brilhante n'esse bello nucleo d'illustrados prégadores.

*

No primeiro domingo de novena realisa-se em S. João o «Imperio do Espirito-Santo».

Sob um amplo toldo fixo — ornamentado a flôres e verdura e illuminado a balões venezianos, está disposta a meza, vistosa e profusamente adornada a plantas, fructas, pratos, bolos, peixes e cordeiros d'ovos e as-

sucar, onde deve ser servido um lauto jantar a doze pobres, todos vestidos de novo por conta dos festeiros. Ao fundo, n'uma alegria de lumes, ostenta-se a baixella de prata, grande mas heterogenea pela diversidade de gosto e desenho das varias peças emprestadas por muitos para a decoração da «copa».

E' ali que se erguem a bandeira e pendão do Espirito-Santo, feitos em seda ver-



ESPIRITO SANTO — UM PEDITORIO

melha, tendo ao centro, sobre um triangulo branco, d'azas abertas, a casta pomba symbolica.

Chama-se «Imperio» á meza e copa preparadas para o grande bodo christão.

Além dos doze pobres que tomam lugar á meza, outros muitos são soccorridos com fatos, lenha, pão, carne, arroz e hortaliças. A festa é, além d'alegre e pittoresca, profundamente sympathica pelos seus fins caritativos.

Durante sete domingos percorrem os festeiros do Espirito-Santo a sua freguezia, levando, um, o estandarte, outro, o pendão, e outros, a corôa imperial e o sceptro, tudo feito em prata, colhendo as esmoias para o Imperio. Vão acompanhados d'uma pequena orchestra composta de rabeca, violas e «rajões», todos com opa vermelha, e d'um grupo de pequenas, as «saloiás», vestidas á moda das antigas camponesas da Madeira.

Entram em todas as casas e fazem o peditorio por meio de trovas com a sua musica propria, cantando :

*O Devino Sprito Santo
Vem de ladeira em ladeira:
Anjos do Céu lhe deitae
Rica flôr de laranjeira.*

*Acudi gente da casa,
Abri a vossa portinha.
Que aqui tendes o Devino
Na figura da pombinha.*

E terminam sempre por esta quadra :

*Abençoada a esmola
Se a daes com alegria.
O Espirito Santo Devino
Seja em vossa companhia.*

D'antes, a festa do Espirito-Santo era feita com um maior aparato.

O «Imperio» tinha um imperador visivel. A corôa cingia, a valer, a fronte d'um barbudo latagão cujas mãos callosas pela enxada d'um anno empunhavam, triumphaes, o glorioso sceptro d'um dia.

O «soberano» era coroado na egreja e tinha entre o povo a designação de «divino». A multidão gritava, annunciando, ao vêr o cortejo das bandeiras e das opas: «lá vem-no Espirito Santo, mai-lo devino Imperador».

E os que o seguiam, cantavam em córo :

*Foi c'roadado, bem c'roadado
O nosso «Imparador»
Veiu-lhe a c'rôa e o sceptro
Das mãos de Nosso Senhor.*



S. JOÃO—UM TRECHO DA PAIZAGEM, VENDO-SE A FONTE DO MESMO NOME

A costumeira passou d'esta ilha, levada pelos emigrantes para algumas localidades da Guiana Ingleza onde, nas egrejas catholicas, se pratica ainda a coroação. Entre nós, madeirenses, o alto criterio do illustre prelado da diocese tem acabado com esses usos ridiculos a que o povo tinha um mais que decidido apêgo.

Ainda ha pouco me contou alguem que de perto tratou com «imperadores», como as cousas se passavam na sua localidade.

Esse alguem herdára de seus avós um velho espadagão que nas vespas do Espirito Santo era brunido e limpo da ferrugem d'um anno d'abandono. Cabia, geralmente, a um seu caseiro, o João d'Hypolito, esse grato papel de soberano; em casa, ainda, entregava-lhe o senhorio a durindana, armando-o «cavalleiro» entre beberetes e folganças e, assim, d'espada ao hombro, seguia o «vilão» impado d'orgulho para a igreja a occupar o seu logar no altar-mór. A determinada altura da missa o «cavalleiro» ajoelhava e o padre, collocando-lhe a corôa na cabeça, sagrava-o imperador ante os olhares comovidos e respeitosos da assistencia.

N'esse dia, o João d'Hypolito assoprado d'importancia, solemne na sua barba negra, equilibrando com difficuldade a corôa sobre a melena penteada a azeite, considerava-se para todos os effeitos, um soberbo e autentico Carlos Magno.

No tempo a que nos vamos referir era capitão general da Madeira, D. Diogo Forjaz Coutinho, o «torto», como vulgarmente lhe chamavam por ser cego d'um olho, homem de grande merito e bom humor, e que, como todos os tortos e marrecas, tinha seus ditos e frequentes sahidias d'espirito.

Certo dia, um d'estes «soberanos» que, apezar dos altos poderes da sua investidura, tinha medo da cadeia, desejando lançar foguetes em terras do seu «Imperio», viu-se coagido a impetrar do capitão general a respectiva licença. O seu requerimento principiava assim: «F... , casado, leiteiro e Imperador da freguezia de S. Roque, pede a Vossa Excellencia auctorisação para... etc.»

Forjaz Coutinho recebeu do seu secretario a petição, leu-a, e, logo, revestindo-se da maior seriedade lançou-lhe á margem as palavras: «Vossa Magestade manda, não pede».

Orgulhoso, o leiteiro, com esta confirmação da sua alta magistratura, consta que fez do arraial um temeroso campo de batalha, mantendo-se impavido e sereno por entre o estralejar dos foguetes e tiros de pedreiro como se fôra elle mesmo o primeiro Napoleão.

Vespera de S. João!...

Esta noite que em todo o Portugal é de verdadeira festa celebrada com descantes, luminarias e fogueiras, sortes d'ovos e alcachofras, tem na Madeira uma significação mais complexa, despertando ardores e enthusiasmos mais intensos.

A multidão acotovella-se, ruidosamente, sob o longo tunnel de vidrinhos multicôres, seguindo desde a Ponte ao largo da capella que, vista ao longe, flammeja em desenhos caprichosos de varios tons combinados, produzindo um effeito onde o feérico se reune ao original.

Por toda a parte os romeiros aos grupos lançam trovas junto aos barris de vinho que, d'espaco a espaco, estacionam pela estrada. No leito da ribeira, agora quasi secco, desdobram-se toalhas e abrem-se as cestas para varios piqueniques alumiados pelos foguetes de lagrimas, pela viva illuminação do arraial e pelas grandes fogueiras de palha e louro secco que incendeiam frequentemente as duas margens.

As «granadas de chlorato», rebentando com um fragor de romper tympanos, perturbam violentamente, de quando em quando, a vibração do ar rythmada pelas philarmonicas que no adro, alternando-se, vão tocando ao desafio.

A's nove horas começa o fogo preso na encosta oriental do pico: rodas n'um redemoinhar vertiginoso, baterias lançando balas luminosas, arvores de fronda colorida e chammejante, bonecos que em jactos de fogo simulam incontinencias physiologicas, tudo quanto o gosto inculto dos pyrotechnicos locaes pode encontrar de mais divertido e atrahente, convergindo n'um ultimo esforço para a girandola final, farta de côr e luz, a pôr gritos d'espanto na bôcca ingenua dos romeiros das freguezias affastadas.

O fogo termina sempre pelo retrato do Santo, cercado d'intensos lumes, n'uma recolhida apothose a que o povo assiste de joelhos.

E, seja dito como annotação exacta, o sentimento religioso, mesclado de tanta credence e costumeiras populares, não perde n'estas festas o respeito aos symbolos, mais ou menos suspeitos, do objecto do seu culto.

Caberá talvez aqui, referida de passagem, uma nota muito subjectiva, é certo, mas que prova, exuberantemente, o que deixamos dito.

Teria eu os meus doze para treze annos, quando, uma vez, depois de ter pintado com desvanecimento dos meus, a altiva Fortaleza do Pico, servindo-me d'uns «gouaches» de bazar de tres vintens, me deitei a fazer o trecho de paizagem que encerra a Capella de S João Baptista. O successo subiu de ponto, tresbordando da casa paterna para alguns visinhos e amigos intimos — tornados admiradores e thuribularios da minha precoce vocação para a pintura.

Longe estava, comtudo, de suppór o exito que me esperava.

N'esse anno, os «mordomos» de S. João, commissionados, exigiam da minha «arte» um tão bello quanto supremo esforço: em obsequio a elles e preciosa esmola para os festejos da vespera, eu accederia a pintar, no leito do Jordão, o Santo lançando as aguas baptismaes sobre a cabeça de Jesus. Este «quadro» era reservado á apotheose final pelo fogo d'artificio e deveria apparecer, occupando-a toda, na ampla bocca que encima a porta da capella.

Fiquei hesitante, mas lisongead. Lancei mão á obra e fabricando, eu proprio, umas colas de grude com que vira pintar uns pan-

nos de theatro, copiei como pude, em oito dias, a lithographia que me trouxeram para modelo.

A agua, cahindo da concha, sahia-me torva e suja, pela sombra com que eu modelava o veio liquido. Satisfaria, talvez, por este só aspecto, a um pintor néo-realista, mas ao meu espirito inculto apparecia-me falha d'aquelle brilho argenteo que deveria existir n'uma verdadeira agua lustral. Mas, fulgurou-me uma idéa: para disfarçar as minhas deficiencias de factura, pincelei com verniz de pratear os veios luminosos do famoso jacto d'agua.



A CAPELLA DE S. JOÃO — PREPARATIVOS PARA O ARRAIAL

Ficára, ao menos a meu contento, resolvido o problema na sua dupla face, espiritual e esthetica. A obra a que eu, cuidadosamente, reservava para observação o seu ponto de vista — não fossem descobrir-me, ao pé, os segredos da factura — agradou soberanamente á commissão e eu fui nomeado mordomo honorario da grande festa da vespera.

A' noite, batia-me, ancioso, o coração ao sentir approximar-se a ultima peça do applaudido fogo preso. A onda começou a dirigir-se para o adro na ancia de gosar todo o effeito. Eu já lá estava, bem defronte, en-

costado ao muro, occulto atraz da grande móle de povo.

De repente, illumina-se o rectangulo da janella; roda a tela em torno do seu eixo vertical, e a scena do Jordão surge, iriada, aos olhos surprezos da assistencia. E oh! prestigio dos symbolos e effeitos do fogo d'artificio! Como uma seára abatida por violento sopro de nortada, aquella multidão immensa prosterna-se, rendida, diante da minha obra. D'onde eu estou vejo-a a meus pés e chego a suppôr que uma parte d'aquella homenagem se dirige tambem a mim. Não ha duvida: eu sou apontado a dedo e sou aclamado n'um sussurro d'admiração. Era já enorme o aperto e eu tive d'escapular-me com uns tres amigos meus para escapar aos perigos de tão espantoso triumpho.

Passaram-se alguns annos, e, n'um dia de novena, dou com a obra n'uma escura dependencia da capella, em termos d'uma proxima exhibição.

De ha muito que eu a procurava a occultas de todos os olhares.

E oh! crueldade da educação da vista e da falta de *trucs* pyrotechnicos! O quadro que eu vira admirado como se fôra de Buonarrotti ou Ticiano, não passava d'um mesclado informe d'alvaiade, vermelhão, verdete e rôxo-terra, onde, n'aquella meia obscuridade, brilhavam, como rastos de torpes carcoes, os laivos metallicos do verniz de prata!...

«Isto não está benzido», pensei eu, passando-me pela cabeça a idéa d'um attentado. Fôra d'isso só poderia prender-me a representação do symbolo; mas, n'essa altura reflecti como o esculptor d'imagens: «bem te conheço meu pau de laranjeira». E, abrindo um canivete, cortei n'uma furiosa irreverencia pela minha obra, um grande circulo da pavorosa téla.

Não houve mais remedio: ficára prejudicado o ultimo effeito pyrotechnico das vesperas do nosso S. João, mas eu não temeria mais aquelle pesadêlo do meu estrondoso successo cinco annos antes.

D'essa vocação de plasticista, só me resta, talvez, um parafuso a Nankim na Polytechnica, uma bahia verde e a lambida aguarella d'um canhão de bronze na Escola do Exercito, e o meu culto, muito intimo, pelas fórmas, perfeitas, da metade mais fraca de todo o genero humano.

Não termina com o soar das doze horas todo o prestigio d'esta noite de folguedos.

Antes do nascer do sol quasi toda a população que formava o arraial se estende pela ribeira apanhando cannas, colhendo louro, murta e alecrim, varias herbas e folhagens com que ornamentam as portas dos talhos e tabernas, guardando, outras, para as benzeduras e certos remedios caseiros, porque:

*Todas as herbas são bentas,
Na manhã de S. João.
Só o aipo-branco da rocha
Por sua desgraça, não.*

O aipo-branco é a planta demoniaca, reservada ás feiticeiras.

Uma crença interessante é a da cura dos meninos «quebrados», effectuada por certos passes atravez d'um vime.

A mãe leva a creança que soffre de ruptura, para dentro da ribeira, até junto d'um vimeiro, acompanhada por dois donzeis: uma Maria e um João. Tomado um vime, sem destacal-o do pé, abre-se a vara a meio na extensão sufficiente para deixar passar o menino entre a curva formada pelas duas metades flectidas. Collocam-se, d'um lado, a Maria, e do outro, o João que segura a creancinha «quebrada». E, passando-a, trez vezes atravez do vime, vão dizendo:

— *Toma lá Maria.*
— *Que me dás João?*
— *Este «quebradinho»
P'ra m'o dares são.*

O vime é depois unido e bem ligado: assim como elle soldar, assim se curará a ruptura do menino.

Entre a gente do povo o que ha de mais importante para a felicidade individual ou d'uma familia, é a posse d'uma vitella nascida na manhã de S. João. Estes animaes possuem, dentro de si, a chave de todos os thesouros e de todas as venturas: é a «varinha de condão».

Rapariga pobre e feia que case com rapaz estimado e d'alguns meios, logo as ou-

tras affirmam ter ella a «varinha de condão...»

Apezar de lhe chamarem vara, a cousa, segundo se affirma, tem a fórma e dimensões d'uma laranja, constituída d'uma trama encerrando pelligem do proprio animal.

A «varinha de condão», ainda assim, só se deixa colher por um ou outro eleito. Conta-se o caso d'uma mulher, Berimbega d'alcunha, que estando por duas vezes, na praia, a amanhar uns intestinos de vitella, lhe saltára a «varinha de condão», como cousa viva, correndo de rolões até se sumir no mar. Uma mal-aventurada esta Berimbega.

A «varinha de condão» só dá fortuna se tiver sido benzida por um padre sem elle o perceber. Para isso, levam-n'a em geral, occulta dentro d'um pão que o sacerdote benze, sem saber que está transmittindo tão cubiçada virtude áquelle miólo fraudulento.

Quem, dentro da ribeira, olhando para a superficie d'uma poça não alcance vêr a sua «sombra», não chega ao proximo anno. E

Funchal.

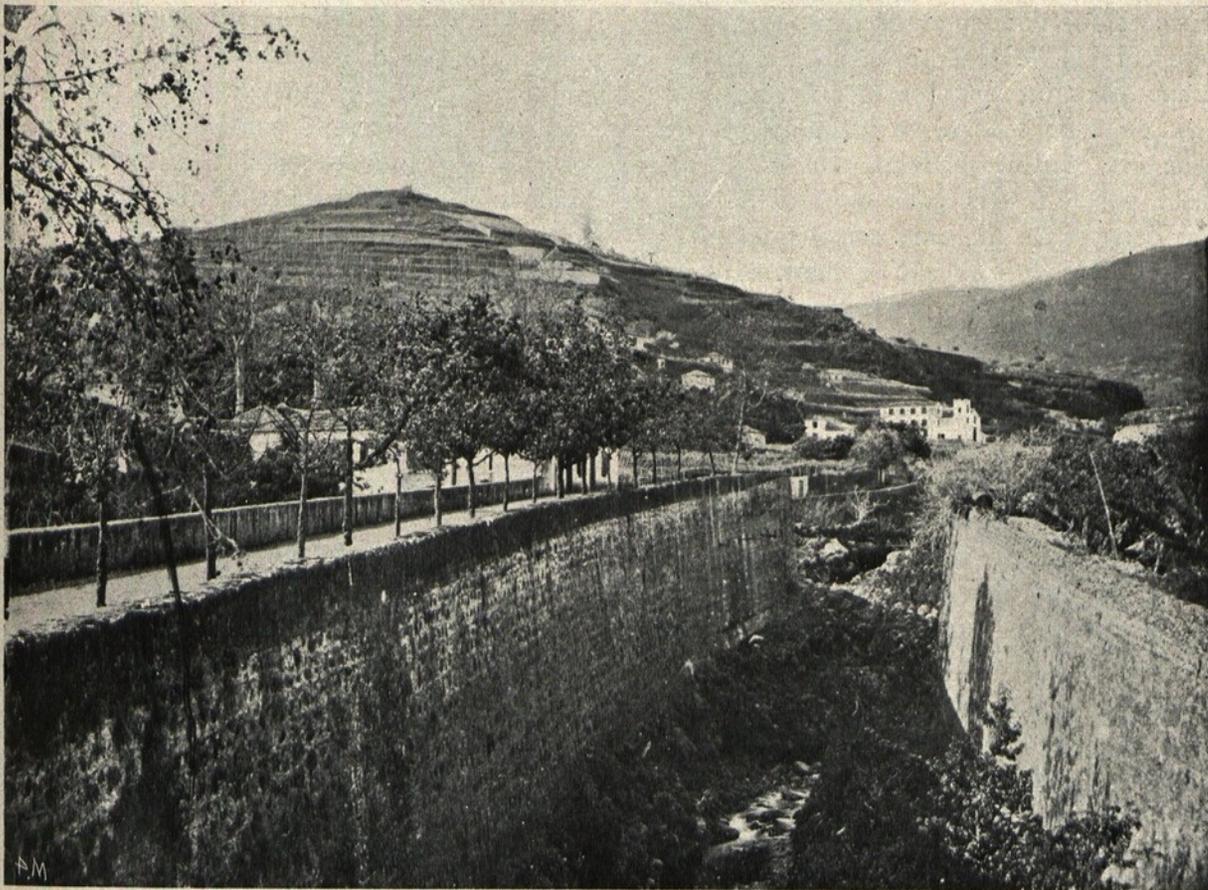
ha quem, tendo boa vista, não consiga enxergar na agua a sua imagem, passando um anno de torturas até que o surgir do primeiro de janeiro lhe venha desmentir, alegremente, a ingenua credence.

As aguas tambem estão bentas na manhã de S. João. E os romeiros que enchiam o arraial, empastados de terra e de suor e depois de terem observado a sua «sombra», veem em magotes até o mar onde se entregam a proficuas abluções que pela beneficiação immediatamente produzida, accrescentada d'um somno reparador, mais lhes radicam a idéa de que as aguas, bentas, lhes avigoraram o corpo quebrantado pela viagem, pela vigilia e pelo vinho.

Os banhistas do Funchal suspendem os seus mergulhos n'este dia. A praia, depois de dispersos os romeiros, apresenta todos os caracteristicos d'um arraial levantado.

Mas um dia basta á normalidade dos banhos da estação, graças ao movimento das marés e ao poder singularmente esterilisante das aguas do oceano...

J. REIS GOMES.



A RIBEIRA DE S. JOÃO (A' ESQUERDA, O PICO DO MESMO NOME)

O TERROR

DOS GATUNOS

Lady Alstonborough declarou que o marido era, sem comparação possível, o maior zaranza deste mundo.

Pode ter havido exaggero na affirmativa, e comtudo, é provavel que ella não fosse além dos limites da verdade, quando acrescentou que mais ninguem se teria lembrado de pregar com o proprio feitor desde o Norte de Inglaterra numa região da Europa Central, para lhe dar umas certas instrucções que podiam muito bem transmitir-se pelo correio. Mylord replicou que não tinha tempo para escrever cartas: acrescentando que, em todo o caso, havia agora possibilidade em expedir o Henderson direito para casa, portador das joias da familia, o que não deixava de ser uma compensação.

— O Henderson não é homem para se deixar roubar. Confio no Henderson. — Hein? A sua aia! Eu fiava-me lá em semelhante seresma!

Era mais que plausivel, ainda tratando-se de qualquer que não fosse apprehensivo por temperamento, o sentir uma tal ou qual ansiedade com respeito á guarda dos tão afamados brilhantes dos Alstonboroughs, que nunca deviam ter saído da Inglaterra, se acaso o dono o pudesse impedir. Mas pelo facto da esposa o haver acompanhado numa missão official a uma côrte importante, tornara-se necessario ella apresentar-se com o possível esplendor, ao passo que uns quaesquer compromissos obstavam a que o nobre casal regressasse immediatamente ao seu solar. E assim, pois, o John Henderson, um latagão, forte como um toiro, que não era

para graças, e cuja catadura nem convidava a tentar violencias nem deixava antever que fosse homem a quem se pudesse dar mel pelos beiços, foi incumbido do transporte dos preciosos estojos, recebendo, aliás, as mais estrictas instrucções para seu governo durante a longa jornada que tinha que pre-fazer.

— Tome sentido, Henderson, não as largue das mãos, um só momento, e durante a viagem, no comboio, vá sempre de olho áleria. Não se deixe adormecer, veja lá! Tem tempo á vontade, na volta, para tomar a desforra. Aqui tem as chaves, hão-de-lhe ser precisas lá na alfandega; guarde-as no bolso das calças. Tenha muita cautela, ao subir para bordo e quando desembarcar, e á primeira cotovelada ou encontrão que lhe derem, atire com o sujeito de cangalhas.

Receio que tenha que passar a noite em Reddington; palpita-me que não poderá chegar a horas de apanhar o ultimo comboio do ramal. E d'ahi, você, quando lá chegar, pouco ou nada tem já que temer, espero em Deus.

Mister Henderson era de opinião que nada tinha de que se arreçar, por todo o caminho. Não havendo nunca arredado pé da sua terra natal, atrapalharam-n'o algum tanto os interrogatorios dos empregados das linhas ferreas estrangeiras, e foi sempre desejoso de se ver outra vez entre gente capaz de falar de modo intelligivel; mas sempre descançado quanto á possibilidade de quem quer que fosse o esbulhar da preciosa incumbencia, e, com respeito ao demais, percebeu que o silencio, de meias com um resolutio aceno de cabeça e a apresentação

do bilhete, satisfazião praticamente a todas as exigencias. Não obstante, era caso serio ter que ir para ali constantemente hirto e apumado, um dia e uma noite, sem poder comer á vontade, com as mãos filadas naquelle par de estojos de coiro, tão pesados. E ainda por cima, o nosso Henderson tinha a desventura de ser um pessimo homem do mar, de modo que, ao chegar a Charing Cross, no segundo dia, pela volta da tarde, em seguida a uma viagem isenta de incidentes, estava quasi que rendido de todo, a um ponto que nem elle proprio se lhe daria de confessar. Nem descansou emquanto não se viu em S. Pancraccio, subiu para o primeiro comboio que ia para o Norte, e desabafou num immenso suspiro.

— Não era eu que me mettia noutra, nem por vinte libras! resmungou. Que, afinal, Mylord faz bem confiando-me o encargo. Se o entrega a qualquer criado, estava servido! Com semelhante barafunda! D'ahi, elles eram lá capazes como eu de ir acordado todo este estirão!

Elle, com tudo isso, não estava longe de dormir tambem a sua somnéca, no acto de soltar aquelles commentarios, mas saccudiu-se, arrebitou tal qual um cão de guarda, quando, no acto de o comboio estar prestes a largar, eis que sobe um passageiro retardado e nada bem vindo, para a carruagem em que elle esperava ir sózinho e livre de importunos. O intruso, um sujeitinho lepido e desembaraçado, de cara rapada e com uns olhos pardos, muito vivos, não tinha a minima apparencia de pertencer ás classes criminaes; e não obstante, o unico alvitre seguro, para quem quer

que leva comsigo uma fortuna no regaço, é não se fiar seja em quem fôr, e o nosso Henderson, defraudado da sua rapozeira, de si para si foi encommendando ao diabo o companheiro de jornada. Nem teve animo de responder á observação emitida em tom alegre pelo adventicio, a não ser com um grunhido rabujento, um tudo nada.

— Por um triz que não fico em terra! Declarou o sujeito. E eu a ver-lhe geitos de o senhor me abalar por ahi além, não sei se lh'o diga!

O comboio tinha largado da estação terminal e ia despedindo por ali fóra, com crescente velocidade, através dos suburbios de Londres, antes de que o sujeito tornasse a abrir bocca. Quando este afinal se decidiu a fazê-lo, foi para formular uma declaração um tanto de molde a sobresaltar.

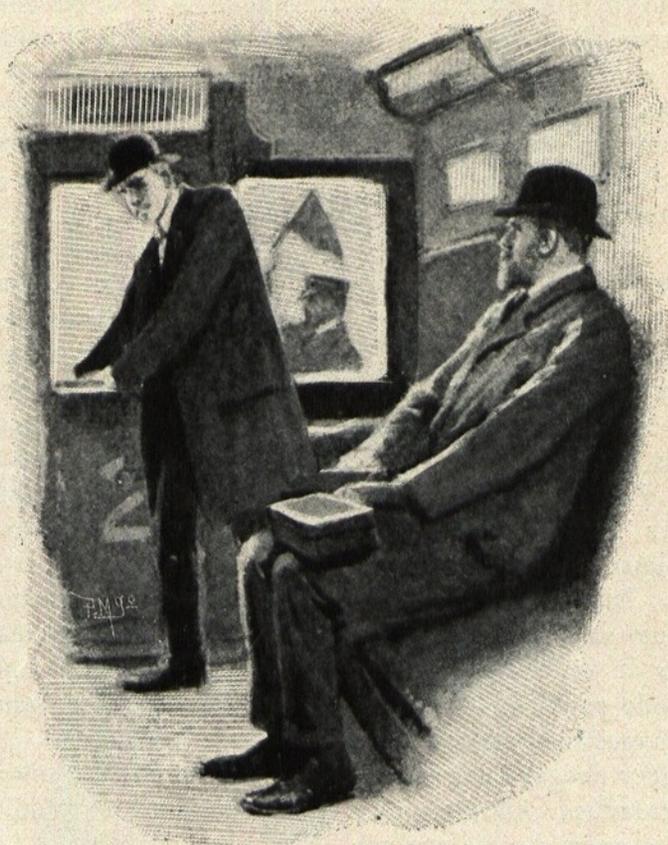
— E então, Mister Henderson, disse, risonho, o senhor nem por isso me parece ir muito agrado com a minha companhia. Pois não tem razão, fique sabendo, que eu, se

aqui vou, é para olhar pelo senhor.

— Olhar por mim! Ora essa! rosou o nosso John, contrahindo as hirsurtas sobrançellas. Muito agradecido; mas, sei olhar por mim, graças a Deus!

E o senhor, quem vem a ser, antes que eu mal pergunte?

— Pelo contrario, a pergunta é naturalissima, replicou o outro com um modo muito cordial. Tem na sua presença o Inspector Barnes, da policia secreta, e recebi um telegrama de Lord Alstonborough, com instrucções para vigiar tanto o senhor como esses dois estojos de coiro a que vae tão



O INTRUSO, UM SUJEITINHO LEPIDO E DESEMBARAÇADO

agarrado, não venham a soffrer um percalço qualquer.

A's faces tismadas do nosso John Henderson assomou um froixo de sangue. O não se fiar de quem quer que seja poderá ser na essencia um principio são, e comtudo, individuos de reconhecida integridade não é de esperar que levem a bem a applicação pessoal de um tal principio, e não se pode dizer que fosse por demais humano o retorquir com casmurrice:

— Não se me daria de que me dissessem que casta de perigo pode ter assustado a Mylord com respeito a qualquer objecto confiado á minha responsabilidade.

— Está claro que o não sabe, commentou o companheiro, muito lhano e risonho; e como é que o senhor, um homem de bem, não desfazendo, pode estar ao facto de circumstancias cuja sciencia constitue a minha profissão?

Ora vamos, Mister Henderson, aqui entre nós, não pode levar a mal a Mylord Alstonborough ter resolvido, ou ter seguido o conselho, de adoptar precauções que nunca devia haver deixado de tomar. Persuade-se, então, de que, joias de semelhante valor podiam ser levadas d'aqui para acolá sem que todo e qualquer gatuno londrino, de primeira agua, farejasse o negocio? E, vá com o que lhe digo, isto sem querer desfazer de modo nenhum na sua competencia, mas perca a illusão de se poder defender de qualquer larapio de profissão — e muito menos de dois ou três operando em commum.

— Aonde é que quer chegar? entremeteu Henderson, de má catadura. Affirma que é inspector de policia, e quem me diz que não será um larapio de profissão?

— Supponhâmos que o sou, Mister Henderson. Supponhâmos que eu era gatuno de profissão, e lhe queria bifar esses brilhantes sem um trabalho por ahí além, que pensa o senhor que eu fazia?

— Eu sei lá! Mas o que eu lhe sei dizer é o que lhe fazia ao senhor.

— Estafava-me com um murro valente, nem mais nem menos, hein? E d'ahi, o senhor dispõe de força sufficiente para pregar comigo na semana que vem. Quer experimentar? Não faça cerimonia!

— Olhe lá, diz isso a serio? perguntou o feitor, exasperado pelos modos protectores do companheiro.

O Inspector Barnes acenou que sim, com a cabeça, e o nosso John, sem se dar sequer ao trabalho de se pôr de pé, assentou um murro de alinhar na fronteira almofada, o que deu em resultado elle ir-se abaixo com o balanço, ao passo que o inspector, furtando o corpo, exclamava, por entre ruidosa gargalhada:

— Vá, continue, meu caro senhor, continue, até cançar! Sempre o ajudará a espalhar o somno, e arrisco-me a dizer que desde aqui até Reddington não é capaz de me tocar. Valha-lhe Deus, que bem pode! Julga, então, que se eu não tivesse aprendido o A B C da defesa propria, ha muito tempo, haveria alcançado a situação que hoje occupo?

Mas como o bom do John não julgasse azado corresponder a um convite de que obviamente só podia resultar um dispendio inutil, já de forças já de folego, Mister Barnes proseguiu, acto continuo:

— Está claro que não, meu caro senhor; quisesse eu roubá-lo, e nunca teria escolhido um vagon de caminho de ferro para semelhante fim; aguardaria melhor occasião, e depois — em summa, deixe-me ver; podê-lo-hia fazer de meia duzia de maneiras. Que me diz a esta, por exemplo?

Tal qual um gato, pulou para cima do vizinho, fincou-lhe o joelho no estomago, e deitou-lhe os gatazios á farta bigodeira, afferrando-a com duas garras de aço.

— Largue-me! Largue-me! arfava em sua impotencia o gigante, a resfolegar, entre raivoso e afflicto.

Mister Barnes soltou as mãos desde logo e recuou de um pulo, sentando-se outra vez na almofada.

— Foi só para lhe apresentar um exemplo, explanou com brandura. Arrancava-lhe esse bigode pela raiz, e a coisa ainda não se ficava por ahí. Nunca viu jogar aquelle jogo francês, a *savate*? tem quaesquer luzes do jiu-jitsu, japonês? Pois bem! Eu poder-lhe-ia apresentar para aqui uma duzia ou mais de partidas que o deixavam de queixo caído, um quasi nada; mas deixemo-nos d'isso. O que eu desejo, Mister Henderson, proseguiu o sujeito, é convencê-lo de que, apesar do seu muito pulso, e da valentia com que estou certo não deixaria de brigar, em qualquer lance commum, nem por isso deixaria de poder tanto como uma criança, nas mãos daquelles meliantes.

— Quaes meliantes? perguntou o nosso John, visivelmente impressionado, mas ainda suspeito, e de pé atrás.

— Não lh'o posso dizer com certeza, porque a malta é numerosa como a breca. Mas o que lhe posso afirmar categoricamente, segundo as informações que tenho, é que lhe andam na pista, e que são dois, pelo menos, se não forem três. Não tive tempo de ver se vinham, ou não, neste comboio, mas não me parece que venham, e espero que tal se não dê, pois não me convêm de modo nenhum que me vejam. E' mais provavel que venham no comboio da noite e lhe sigam o rastro até ao hotel do Cavallo Preto, lá em Reddington.

— Mas como demonio soube o senhor que eu tencionava pernoitar no hotel do Cavallo Preto? perguntou o assombrado feitor.

Mister Barnes, pelos modos, não julgou que merecesse resposta pergunta de tamanha ingenuidade. Cifrou-se a declarar que, já se vê, tencionava pernoitar na mesma hospedaria, e que depositava plena confiança na propria habilitade no sentido de derrotar qualquer atentado que, sem a minima duvida, elles não deixariam de fazer. Mas recebeu com um riso escarninho a sugestão de informar a policia.

— Essa, agora! Desistir da funçanata, e perder a occasião de deitar a unha a um artista que já me tem escorregado por entre os dedos, mais de uma vez?

Tudo menos isso, sou um seu criado! Eu, quando precisar de qualquer contingente de policias ruraes brancos como jumentos, apellarei para elles, caso que se não dará

antes de amanhã pela manhã, ou eu estarei muito enganado. Gosto de dar conta do meu trabalho sózinho, exclusivamente, e comquanto não costume gabar-me, o que lhe posso dizer, senhor Henderson, é que raras vezes me succede metter os pés pelas mãos.

Por mais que elle se espraiasse acerca da propria entidade, a sua conversação subsequente não pareceu indicar que a diffidencia fosse o seu predicado dominante.

Sem embargo, dispunha de outros em abundancia que poderiam, talvez, atenuar a fraqueza daquella prenda superflua. Tinha-se farto de correr mundo, ao que parecia, e aprendido menos mal a quanto por lá havia que aprender com respeito á estrategica e á tactica de habeis expoliadores, já britannicos já estrangeiros. Combatera-os tambem com as suas proprias armas d'elles, trocando-lhes as voltas, vezes sem conta. Era este, até,

na sua opinião, o unico meio. Fosse qual fosse a guerra ou a contenda, a força bruta, afirmava o sujeito, nunca podia ter probabilidade de se medir com a sciencia.

— Chamam-me «O Terror dos gatunos», segundo me consta, observou elle; e, aqui

para nós, não hesito em dizer que tenho conquistado menos mal o direito á alcunha. Se acaso chegasse aos ouvidos de uns certos patuscos que o Sam Barnes pernoitava hoje no Cavallo Branco, é de presumir que a impreitada nem por isso lhes sorrisse muito. E d'ahi, quem sabe, é possivel que se arriscassem; que elles, se fossem bem succedidos, o bolo era de tentar, — tiravam o pé do lodo de uma vez para sempre!

No acto de chegarem a Reddington o John Henderson tornara-se preceptivamente



TAL QUAL UM GATO, PULOU PARA CIMA DO VISINHO

menos desconfiado da pessoa do seu companheiro e mais disposto a acceitar de cara alegre a situação do que até ali. Apesar de se sentir um quasi nada melindrado pelo facto de Mylord Alstonborough, reconsiderando, o haver julgado inapto a agir sem especial protecção, forçoso lhe era admitir, que as circumstancias não eram de molde a tornar desnecessaria semelhante protecção. Mister Barnes mostrara-lhe de sobejo a rapidez com que o podiam filar e chloroformizar, agravando ainda o caso as duvidas que o punham com respeito a elle poder espalhar o somno durante mais uma noite. Cearam juntos os dois companheiros de jornada, em seguida a haver o nosso John recolhido durante um lapso de tempo ao seu quarto, afim de proceder a uma boa e indispensavel barréla, e um dos parceiros em breve pegou a cabecear com somno, a despeito da loquéla inesgotavel do outro, cheia de interesse e vivacidade. Mas não obstante, o nosso John, arrebitou um quasi nada quando a seguinte proposta de Mister Barnes lhe veu espreitar a vigilancia e a sollicitude.

— No fim de contas, o melhor que o amigo tem que fazer, é metter-se na cama, e confiar ao meu cuidado essas joias. Ficam mais seguras em meu poder do que nas suas mãos, pois está o que se chama a cair de somno.

— Tudo menos isso, cavalheiro, replicou o John, com firmeza. As ordens que me deram foi que as não largasse das mãos um só instante, e tenha a certeza de que hei de cumprir as ordens que me deram.

Mister Barnes patenteou uma tal ou qual impaciencia. Rememorou ao testudo feitor que tambem elle tinha recebido ordens, de cujo desempenho se considerava responsavel. Que lhe assistia o direito de mandar, e que, a menos que fosse adoptado o seu plano, a perda das joias de Lord Alstonborough não deixaria provavelmente de vir a ser o resultado.

— O amigo nem se quer põe na sua ideia a actividade de que são capazes estes patifes. Está-se a meter por os olhos que não deixarão de ir direitinhos ter com o senhor ao seu quarto — e não perca tempo a perguntar-me como é que elles conseguirão introduzir-se no predio — é gastar palavras escusadas. Vão direitos ao seu quarto, e não convém por principio nenhum

que elles lá vão encontrar quer a mim quer aos estojos. Se acaso me encontrassem a mim, nem se daria o roubo, nem eu tinha pretexto para lhes deitar as unhas; alegavam que haviam confundido as portas, e acabou-se. Dado que encontrassem os estojos, é mais que provavel o abalarem com elles antes de nós podermos dar por isso. Pelos meus calculos, elles, quando virem que lhes falhou a pechincha, submetê-lo-ão a perguntas, de revólver apontado.

«Onde é que você escondeu os diamantes?» perguntar-lhe-ão.

«Deixei-os em poder de um amigo, no quarto, ali defronte», dirá o senhor, fingindo-se paralizado de susto. E muito teréi que contar se entre nós ambos não fizermos que se arrependam de jamais haver posto pé no tal quarto fronteiro.

Houve ainda que appellar para um par de argumentos persuasivos; até que finalmente o John Henderson cedeu, não sem reluctancia.

— Que eu não sei se faço bem, observou elle, morosamente; e d'ahi, para lhe falar verdade, o argumento para mim de mais peso do que seja o que fôr, é eu estar mesmo a cair de somno. Se me demoro mais cinco minutos, vou-me abaixo, com certeza.

Encaminhou para a porta, deixando ficar os preciosos estojos, mas parou, irresoluto, no limiar.

— Queira perdoar, Mister Barnes; e não m'o tome em sentido offensivo; mas — isto, aqui para nós — a modos que se parece um quasi nada com a tal partida a que eu tenho ouvido dar o nome de «lance de armar á confiança», pois não acha? E não se me dava de que o senhor me passasse para a mão, como, se dissessemos, um qualquer penhor em troca d'este meu acto de confiança — qualquer prenda de valor que tenha consigo — Mister Barnes, recuperado o bom humor, riu com gosto.

— Sendo assim, a coisa ainda mais se ficaria parecendo com essa tal sua partida «de armar á confiança», observou elle. Mas não tem duvida, não me esquivo a pôr á sua disposição, por esta noite, a quanto trago commigo. Ahi tem o meu relógio, prenda por que ninguem lhe dará duas libras, creio eu, e ahi vae o meu dinheiro.

Sacou do bolso a carteira, que continha

umas notas de banco, e em seguida, apresentou ao outro uma mancheia de libras e uma porção de miudos.

— Vinte e seis libras, quinze shelins e seis pence, declarou, depois de haver contado o dinheiro em especie metalica. — E' mais do que eu suppunha, mas nada que se pareça com o valor do mais somenos dos brilhantes de mylord, palpita-me. E d'ahi, se isto é sufficiente para lhe aliviar os escrupulos...

— Está visto que sim, confessou o John, algum tanto embezzerrado. Considero isto como um pe-nhor e como prova de que o senhor está procedendo com lisura para commigo; pois não creio que haja alguém, seja quem fôr, que perca assim o amor a uma quantia tão redonda.

Disse, e lá foi galgando os degraus, a arrastar os pés, alcançou o quarto, fechou-se por dentro, e empurrou uma commoda para diante da porta, á cautela, depois, assim mesmo, vestido, atirou comsigo para cima da cama, e em menos de dois minutos, resonava que nem um fole de ferreiro.

Não deu accordo de si até ao outro dia pela manhã, quando um valente rufar na porta o accordou á consciencia dos factos e á descoberta de que já era dia claro. Levantou-se, ainda meio tonto com somno, arredou a commoda, e achou-se frente a frente com o inspector da policia da localidade, fardado, e ladeado por dois guardas da publica segurança.

— Fê-la bonita, sim senhor, Mister Hen-

derson! encetou o funcionario, pois eram conhecidos.

Nunca o suppuz capaz de cair em semelhante arriosa! Deixar-se embaçar e roubar por um larapio, de quem qualquer pessoa com um dedal de miólos se haveria logo descartado por ladrão — o senhor, de mais a mais, depositario do resgate de um monarca, como se dissessemos! Sabe que mais, não o tivesse eu na conta de um homem de habitos commedidos, e iria jurar que estava entrado na bebida, no acto de com elle se encontrar!

— Que é feito do Inspector Barnes? indagou o feitor, a parvalhado.

— Não está mau Inspector! Causa lastima ouvi-lo, até? Lá quanto ao seu amigo, com quem o senhor para aqui veio esta noite, quem me dera saber o que foi feito d'elle. Mas o peor é o elle levar-nos sete ou oito horas de avançada. Saíu hontem á noite, por ahi fóra, muito socegado da sua vida, com um estojo de coiro debaixo de cada braço, e declarou á rapariga do



SACOU DO BOLSO A CARTEIRA...

balcão que tinha mudado de idéa quanto a pernoitar no hotel. E nós, ainda não ha meia hora, recebemos um telegrama a avisar-nos de que o procurassemos. Tenho pena do senhor, muita, acredite; mas não posso deixar de censurá-lo — não posso, por mais que queira.

— Que eu, logo desde o principio, entrei a desconfiar d'elle, murmurou o nosso John, meditando: fui sempre com a pedra no sapato. Mas lá que era um sujeito muito agradável, bem falante e intelligente a valer, é inegavel.

— E' pena elle lhe não ter pegado um poucachinho da intelligencia, senhor Henderson, desfechou-lhe o Inspector. Só o que lhe digo é que Deus me livre de me ver nos assados em que o amigo se vae ver, assim que o souber mylord Alstonborough. Pois creia que os brilhantes, a estas horas, já estão fóra dos engastes, ha que tempos, iria jurá-lo!

— Deixe lá, que entre mortos e feridos, alguém havia de escapar, replicou o bom do John; estão, e estarão, nos engastes por um par de dias, comquanto tenham ficado sem os estojos, calculo eu.

Disse, e desabotoando casaco, colete e camisa, patenteou um colar rutilante a adornar-lhe a hirsuta pescoceira, ao passo que o seguinte processo de se ir desvestindo revelava diademas, braceletes e brincos, em esquipatica distribuição por outras regiões da sua alentada e mascula pessoa.

— Incommodas como a breca, estas bugigangas, para uma pessoa se lhe deitar em cima, observou, e apesar disso, não conseguiram espalhar-me o somno, durante um minuto, só que fosse. O tal sujeito prego-me com uma droga qualquer na cerveja, afirma o senhor. Talvez, não digo que não; mas quasi que era escusado, se eu estava a cair de somno! É d'ahi, não, vê o senhor, a mim lembrou-me que o seguro

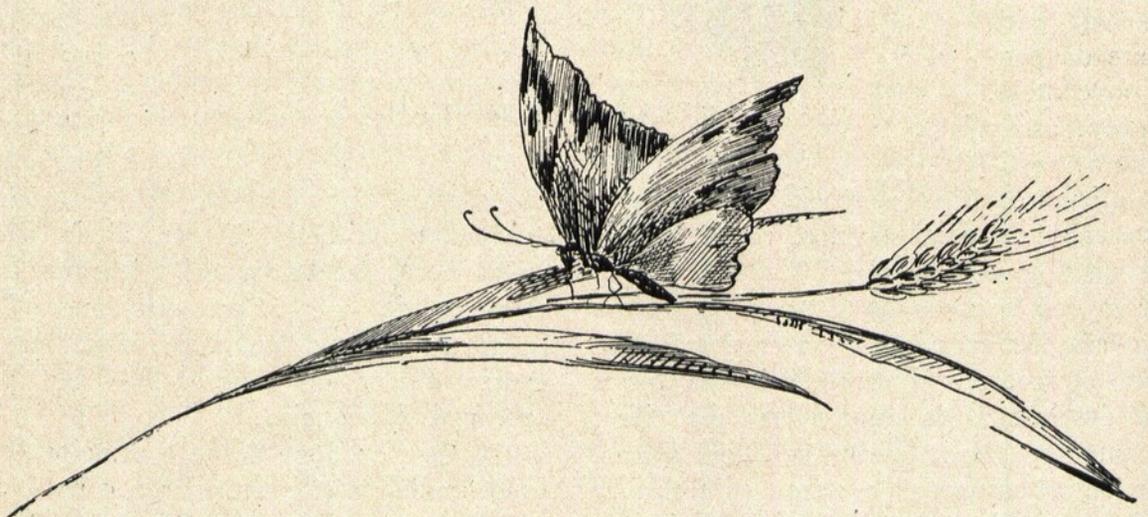
morreu de velho; e por isso, quando fui lá acima, ao quarto, lavar-me para vir cear, tomei a liberdade de abrir os estojos e de me ir enfeitando conformê vê. A respeito de estojos, era uma vez, não ha duvida, que, afinal, alguma coisa havia de ficar, pelas custas. O Inspector Barnes, — que pelo nome não perca — mostrou-me o sufficiente para eu ficar percebendo que era um freguês escorregadio que nem uma enguia, e que eu, modestia áparte, não era homem para lhe dar volta. Dá pela alcunha de «Terror dos Gatunos», foi elle quem m'o disse. Não serei eu que lhe negue a esper-teza em aterrar um companheiro de viagem que não era nenhum gatuno. E agora, quanto acha que poderiam valer os taes estojos de coiro?

— Para lhe falar com franqueza, não posso pronunciar me, Mister Henderson, replicou o Inspector, subitamente admirativo a par de deferente. Para ahi umas cinco ou seis libras, se fossem novos, presumo eu.

— Deixando-me de posse de um excesso de dezoito libras e de um relógio de oiro de torneiras que o meu amigo Barnes teve a amabilidade de depositar nas minhas mãos, como penhor de boa fé. E d'ahi, cá ficam á espera d'elle se um dia os quiser reclamar; mas não me cheira a que se dê a esse incommodo.

(Versão do inglês.)

MANUEL DE MACEDO.





UM TRECHO DE PENACOVA

Penacova

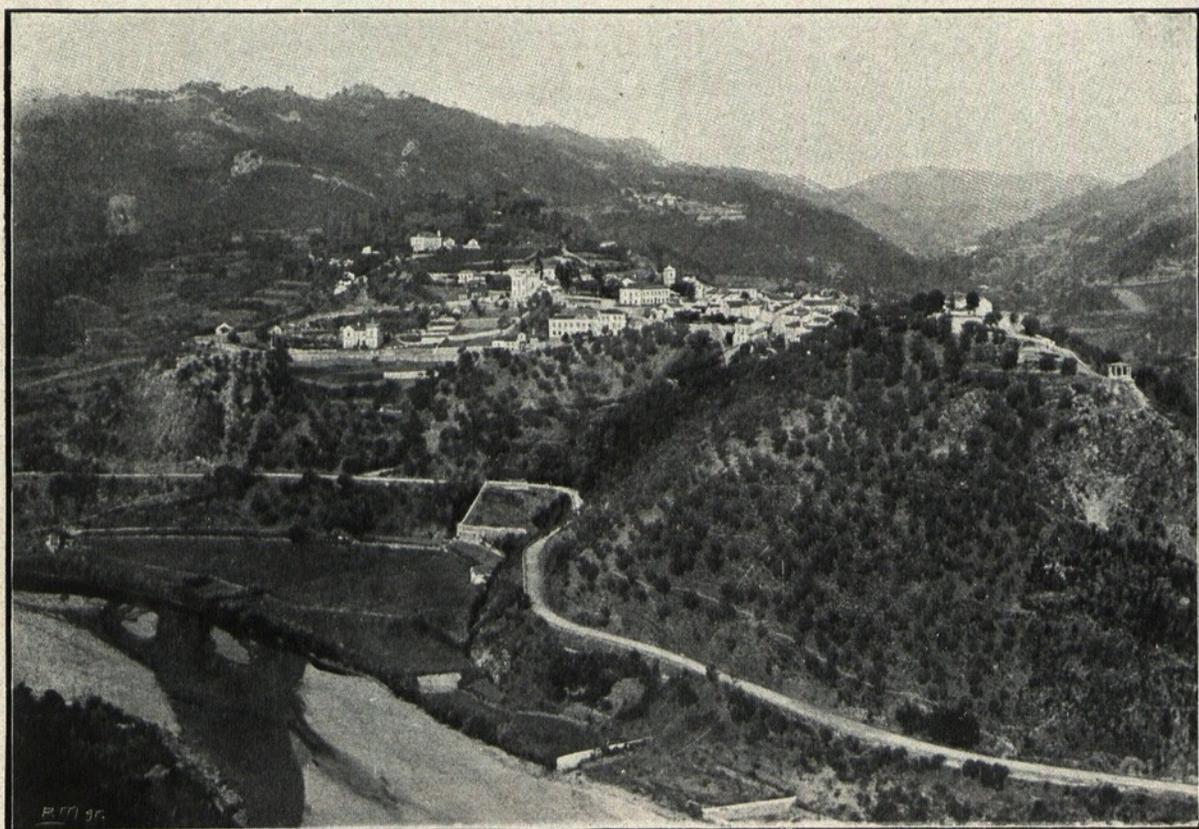


longa teoria de estrangeiros que todos os anos percorre sistematicamente a Suissa, sob as tiranicas imposições dos Baedeker, dos Kook, e de outros Dracons das vilegiaturas, a par de excursões extremamente pitorescas, sofrem a desilusão de muitas ascensões e caminhadas que não valem o tempo que perderam.

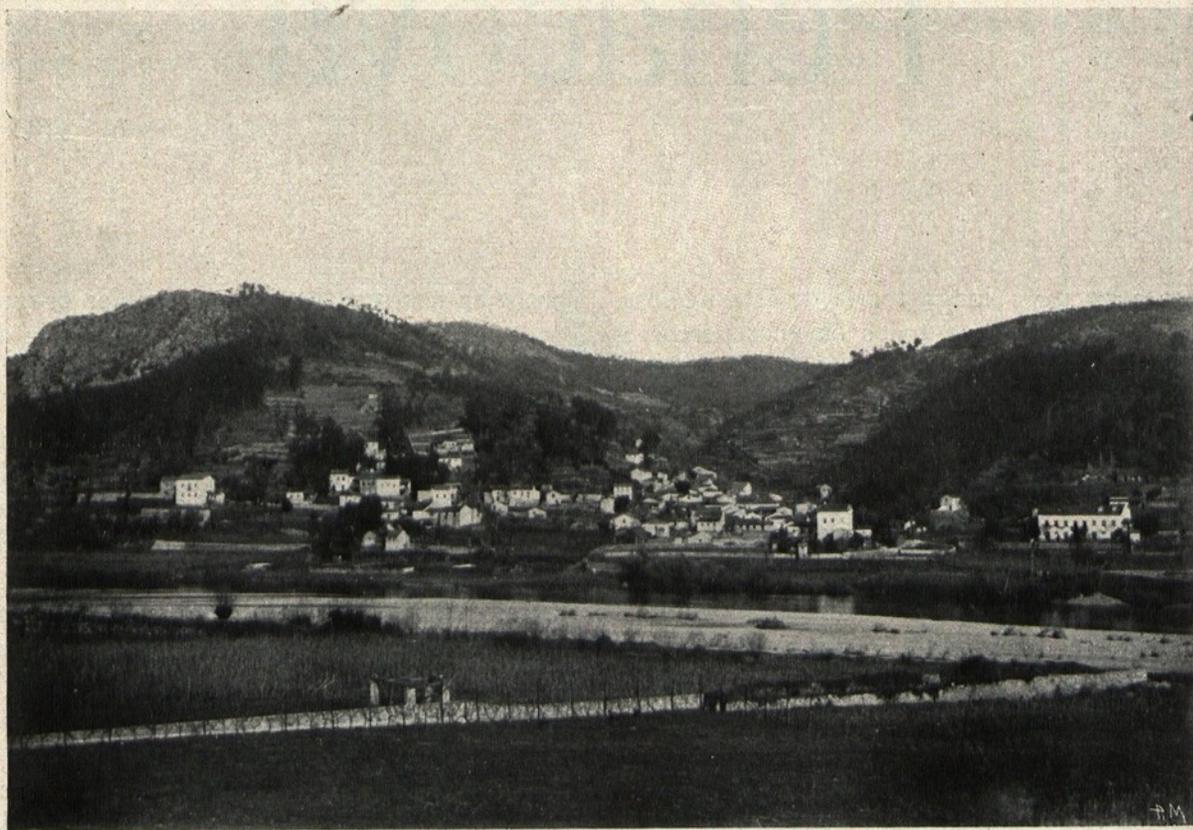
Póde-se dizer que não ha na Suissa um recanto de vale, uma dobra de terreno, um pincaro de monte que não seja visitado por milhares de forasteiros que, mal chega o verão, invadem por todos os lados este afortunado paiz e por ele se espalham numã ancia de subir ás suas montanhas, ou de

bordejar nos seus lagos pelo simples prazer da vista, pela necessidade de fortalecer os pulmões ou de acalmar os nervos.

Mas em cada cantinho de vale, em cada socalco de terreno, assim como nos vertices das montanhas, esse vae-vem formidavel de estrangeiros encontra sempre uma pousada, um albergue, uma hospedaria confortavel, quando não depara com um desses grandiosos edificios, que abundam na Suissa, tanto á beira dos lagos como nas regiões alpinas e que, sob os nomes de *Palace Hotel*, *Grand Hotel*, *Kurhauss Hotel*, proporcionam aos seus hospedes, além de bom alojamento e boa comida, os atractivos dos seus *hall* sumptuosos e dos seus salões de festas onde se realisam bailes, concertos e *soirées* dra-



OUTRO TRECHO DE PENACOVA — A' DIREITA, O MIRANTE «EMYGDIO DA SILVA»



CARVOEIRA, EM FRENTE DE PENACOVA



ENTRE PENEDOS — O MONDEGO, PROXIMO DE PENACOVA



O RIO MONDEGO VISTO DE PENACOVA

maticas que em alguns desses hotéis chegam a dar a ilusão de festas particulares elegantíssimas.

A Suíça, que explora como nenhum outro

casso, e muitas vezes nem boas nem más existem, o estrangeiro, em geral, limita a Lisboa e seus arredores as poucas viagens que faz ao nosso paiz, que, mesmo dos proprios portugueses, não é inteiramente conhecido.

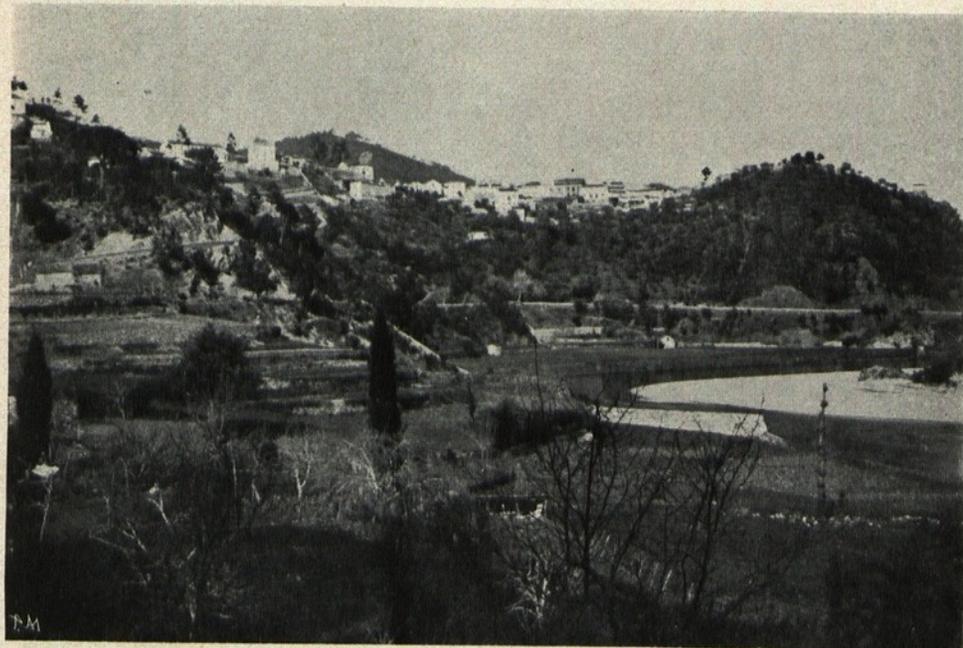
Ha distritos e até provincias onde, á excepção do viajante do commercio e dos funcionarios civis ou militares que viajam por obrigação, rarissimos são os viajantes de recreio que se teem aventurado a ir até lá!

O proprio Minho, que é a provincia mais percorrida nas viagens de prazer, tem tanta aldeia for-

mosa e mesmo vilas das mais pitorescas, que nós não conhecemos!...

Nestas condições ainda ha poucos anos se encontrava uma das regiões mais encantadoras do distrito de Coimbra, a qual nem mesmo com as estradas do reino estava sequer ligada!

Referimo-nos á região de Penacova-Lor-



PENACOVA, VISTA DA VARZEA

paiz a *industria das viagens*, entendeu que, antes do caminho de ferro, do funicular e até da propria estrada, quando se não podem fazer duas cousas ao mesmo tempo, é mister começar por construir o hotel...

Quantos hotéis teve e tem ainda a Suíça que apenas são acessiveis por estradas e até por simples caminhos, enquanto a tração mecânica não póde ser estabelecida em condições economicas de provavel exito?...

O hotel, principalmente o bom, é muitas vezes a unica rasão de ser de algumas vilegiaturas suissas que tanto andam na voga!...

Porque em Portugal as hospedarias são na maioria más, as camas duras e o asseio es-



PENACOVA — MIRANTE «EMYGDIO DA SILVA», PROJECTO DE NICOLA BIGAGLIA

vão, nos contrafortes da Serra do Bussaco e na margem direita do Mondego.

O desleixo dos governos e as frequentes alternativas da política não permitiram ainda até hoje que fosse concluída a estrada do Bussaco a Penacova, nem tão pouco a que liga esta vila com Lorvão, que continua acessível apenas por uma íngreme e tortuosa ladeira!

Mas já se pôde ir a Penacova por Coimbra e a estrada que lá nos conduz levará ali todos os estrangeiros que visitem Portugal, quando esta região estiver nas condições de os hospedar. Esta estrada por si só vale a viagem, quando o panorama que se gosa em Penacova, do *Penedo do Castro* ou do *Mirante Emygdio da Silva* não sejam dos mais deslumbrantes que é dado contemplar aos que percorrem o mundo na demanda do pitoresco e do bello surpreendente!

A estrada de Coimbra a Penacova segue a margem direita do Mondego, cingindo-se tanto quanto possível ás ondulações da encosta e á linha caprichosa do *talweg* desse

rio que percorre uma das regiões mais pitorescas e variadas, ora espraiando-se por campos feracíssimos atravez de hortas e laranjaes, ora apertado entre aprumados alcantis onde a vegetação nem sempre consegue ocultar os massiços de rocha que se destacam magestosos daquela paisagem luxuriante.

Essa estrada, que nem mesmo uma fita cinematografica seria capaz de reproduzir, é com efeito um dos mais belos trechos do Portugal pitoresco e não conhecemos muitas que sob este aspecto se lhe avante na Europa dos *touristes*.

E' no meio deste scenario deslumbrante e cheio de contrastes flagrantes, que surge a vila de Penacova, debruçada sobre o Mondego,

que domina de grande altura, abrangendo por isso um vasto panorama em que os olhos se perdem extasiados num horizonte longiuquo que serve de esfumada moldura a uma immensa paisagem, ora retalhada de pinhaes ou sobrepujada de penedias que dão ao quadro uma tonalidade grave e austera, ora entrecortada de pomares, de vinhas e de milharaes, numa harmonia quasi geometrica que é felizmente quebrada aqui e acolá, perto ou longe, inumeras vezes, pela casaria branca das vilas, das aldeias e dos logarejos que põe manchas alegres e dá vida e



OUTRO TRECHO DE PENACOVA

Vista da estrada que margina o Mondego — A' esquerda o chalet do conselheiro Luiz Duarte Sereno

animação a esta grandiosa tela do maior e mais divino dos mestres — a Natureza! E atravez de todo esse tranquilo e ridente quadro descobre-se sempre o curso do poetico Mondego, que ora veste o coturno tragico ao passar *Entre Penedos*, ora deslisa na amenidade da paisagem coimbrã espraiando-se pelos campos a jusante de Penacova.

Uma vez ligada a Lorvão e ao Bussaco pelas estradas que estão em adiantada construção, Penacova fica ocupando o vertice de um triangulo de vilegiatura que ha de constituir um percurso de *tourismo* obrigatorio, dependendo apenas da edificação de um hotel simples e moderno a fixação dessas colonias ambulantes...

Não faltam para isso atractivos á linda vila, e não é de certo o menor deles a visita ao historico mosteiro de Lorvão que fica a meia hora de distancia, pelo ramal da estrada que está em construção.

Centro de numerosas excursões, como

Clichés Casimiro Guedes Pessoa. Amandio Cabral e Photographia Montenegro.

qualquer dos outros vertices do triangulo que tem por base Coimbra-Bussaco, a região penacovense póde ser um dia tão afamada como algumas estações da Suissa.

Basta para isso que os penacovenses tenham a iniciativa dos suissos.

L. MANO.



TERRA DE PORTUGAL

Lindo paiz o vosso! Feiticeira
Terra de amôr, de sonhos e de fados;
Branças ermidas, sinos a noivados,
Ai! como tudo a rosmaninhos cheira!

Sonham, ao luar, com a flôr da laranjeira
Lindas moças em torno dos eirados:
Ah! fosse outr'ora e á ala aventureira,
Pertencera, talvez, dos Namorados!

Lindo paiz o vosso, onde o Mondego,
Parece reflectir inda o semblante
D'aquella linda Ignez posta em socêgo...

Terra dos meus avós, cheia de encantos,
Por vos não vêr, um coração amante,
Mais que o Mondego se transborda em prantos!

Um imitador de Sherlock Holmes

II

Agencia de investigações particulares



COM este distico mandára o visconde collocar uma ta- boleta nas janellas da casa do seu procurador, e alli dirigia superiormente na sua qualidade de advogado e, ainda mais, no papel de *detective* que se distribuira, os negocios dos seus innumeraveis clientes. Eu fazia as vezes de Silvestre durante a sua ausencia e discutia com elle os pontos mais obscuros dos negocios.

Esta empreza tinha para nós mil attrativos. Habitados ao aborrecimento da ociosidade, viamo-nos com o tempo sempre preenchido por curiosos, e muita vez cómicos, problemas, e os dias passavam n'um segundo sem que déssemos por isso. Leonor, radiante, incitava-nos ao trabalho, convencida de que o marido só fazia loucuras para matar o tempo, como vulgarmente se diz. Eu tornara-me, a muitas instancias dos viscondes, seu comensal, de fórma que ao almoço e jantar, quando não havia visitas, a conversa, por visivel intenção de Leonor, recahia sempre sobre os casos do dia pelos quaes ella mostrava, falsa ou sinceramente, o mais vivo interesse.

Foi assim que, depois do almoço, emquanto em volta do fogão discutiamos a rotina do dia, a viscondessa, que passava os olhos pelo *Diario de Noticias* nos chamou a attenção para este annuncio:

Alviçaras

Dão-se a quem indicar onde se acha uma mala contendo amostras de colchas, atalhados e riscados, que desappareceu do hotel dos *Tres Irmãos*, Largo de Camões, 7.

— E' curioso este annuncio, não é verdade?

— E' sobretudo tolo, porque evidentemente trata-se d'um roubo e só o ladrão é que poderia falar.

— N'essa não cahia elle.

— Pois claro.

— Acho porém bastante estranho, insistiu a viscondessa, que se tire d'um hotel uma mala sem que ninguem dê por isso.

— Comtudo nada mais vulgar.

N'isto chamaram ao telephone:

— Quem fala? indagou a viscondessa... Sim, está...



QUEM FALA?
INDAGOU A VISCONDESSA

Vai já.

E, voltando-se para o marido, n'um sorriso:

— Já lá tens clientes á espera.

— E' isto, disse Silvestre satisfeito. Nem nos deixam respirar. Vamos.

Despedimo-nos de Leonor e sahimos.

Ao entrarmos no escriptorio deparou-se-nos uma mulher magra, alta, de idade incerta, modestamente vestida, mas com muito aceio. Tinha a voz cortante e esganiçada e uns olhos negros de extrema mobilidade, que fitava nas pessoas quando falava, mas sobre os quaes baixava systematicamente as palpebras quando os outros se lhe dirigiam.

Depois de a ter feito entrar para o escriptorio e de lhe offerecer uma cadeira, Silvestre perguntou:

— Posso saber a que devo a honra da sua visita, minha senhora?

— Sou a proprietaria do hotel...

— Dos *Tres Irmãos*?

— Exactamente. O senhor já me conhecia?

— Não, senhora, mas esperava a sua visita... O desaparecimento da mala d'um hospede...

A mulher desviou o olhar e com um bater de palpebras, tornou:

— Parece-me que isso seria uma razão para elle vir e não eu...

— A' primeira vista assim parece, mas não é. A senhora tem toda a vantagem em manter o bom nome da sua casa; e um hotel d'onde desaparecem as malas dos hospedes, francamente... não é dos mais commendaveis.

— Lá isso...

— E depois, continuou o visconde, a senhora não viu talvez isto...

E, tirando da algibeira *O Seculo*, poz-lhe diante dos olhos este annuncio:

Dão-se 20\$000 réis

A quem der parte ou entregar no Café do Commercio uma pequena mala que por esquecimento foi deixada n'um hotel da baixa e pertence a individuo estrangeiro que momentaneamente se não lembra da casa. A mala só contem varias amostras e documentos do seu paiz, sem valor para qualquer outra pessoa.

— Não me parece que isso tenha a menor relação com o meu caso.

— Pois tem. Não offerece a menor duvida. E senão, diga-me? Foi, ou não foi, a senhora que mandou publicar o primeiro d'estes annuncios?

Depois de curta hesitação a mulher respondeu:

— Fui, sim, senhor:

— E a mala não lhe pertencia?

— Está bem de ver.

— Conhece o dono d'ella?

— Optimamente.

— Como se chama?

— Isso não vem para o caso, respondeu contrariada.

— E' estrangeiro?

— Não é... E'.

— Ha quanto tempo se hospeda na sua casa?

Nova hesitação.

— Ha muito mais d'um anno.

— E a senhora, se visse a mala, conhecia-a?

— Perfeitamente.

— Está bem. Se eu precisar falar-lhe para qualquer informação, posso procural-a no hotel?

— Ai, não... isso não, respondeu ella afflictivamente. Eu volto aqui ámanhã.

— Está muito bem.

E o visconde, dando a conferencia por terminada, acompanhou amavelmente á porta a sua estranha cliente.

Voltando a sentar-se á secretária, accendeu um charuto e lançou-me um olhar triumphante. Depois, com o ar satisfeito do investigador que achou uma solução, e um olhar de gaiata superioridade, interrogou:

— Que te parece tudo isto?

— Por ora não sou capaz de formar um juizo bem nitido.

— Nunca serás um grande observador.

— E tu?

— Eu tenho na mão o melhor fio da urdidura.

— Então?

— Compara os annuncios.

— Já comparei.

— Que encontrei?

— Nada.

— Isso é que é agudeza. Pois eu te digo: o primeiro annuncio é d'esta mulher a quem convem não dizer se a mala é sua ou d'um hospede, que néga primeiro e depois affirma que o homem é estrangeiro, e, circumstancia grave entre todas, finge ignorar que na mala existem papeis.

— E' verdade. Não tinha reparado n'isso.

— Tu nunca reparas em nada. Agora o

segundo annuncio. . . Dão-se 207000 réis a quem entregar uma mala que *por esquecimento* foi deixada por um estrangeiro *n'um hotel que momentaneamente se não lembra qual foi*. Signal de que a bebedeira era tão grande que lá entrou, lá esteve e de lá sahiu sem conhecimento do lugar, conhecimento que ainda não obteve. Passemos á observação directa. Esta mulher tem o habito da investigação e da dissimulação. Quando fâla, não olha; receia que o olhar, sempre difficil de disfarçar, a atraíçõe. Quando escuta, fita com uma persistencia e agudeza que encommóda: quer ir além das palavras e prescrutar os pensamentos. Se fôsse homem, diria que era juiz ou advogado; mas, como entre nós o feminismo ainda não conseguiu tanto, direi apenas que é uma ladra, uma impostora ou — quem sabe? talvez cousa peor. Em todo o caso, o que com certeza não é, é proprietaria do hotel; e senão, informemo-nos.

O visconde carregou no botão da campainha e o servente appareceu á porta.

— Vaes ao hotel dos *Tres Irmãos*, no largo de Camões, 7, perguntas pela proprietaria, e dizes que vaes da parte de qualquer agencia de vapores saber se teem commodos para uns hospedes de consideração, etc., etc.; qualquer cousa que te dê tempo de vêr a creatura, observá-la e trazes-me d'ella todos os signaes. Isto rapidamente, que tenho de sahir e preciso d'essas informações.

O rapaz sahiu, e o visconde, satisfeito de si, poz-se a tamborilar nos vidros da janella, trauteando por entre dentes um trecho do *Barbeiro de Sevilha*.

Eu, sem bem perceber porquê, sorria de mim para mim d'aquella satisfação, quando uma leve pancada soou na porta do escriptorio.

— Entre, disse o visconde sem se voltar.

A porta abriu-se e no limiar appareceu um homem de quarenta e cinco annos pouco mais ou menos, de aspecto doentio, mas elegante, e vestido com a correção d'um *gentleman*. Com accentuada pronuncia italiana perguntou:

— O sr. visconde está?

Silvestre voltou-se de chofre e, encarando o desconhecido, respondeu promptamente:

— Sou eu. Que deseja?

O italiano avançou uns passos e, tirando

d'uma elegante carteira um bilhete de visita, entregou-o ao visconde que, lançando-lhe rapidamente um olhar, respondeu offerecendo-lhe uma cadeira:

— Vejo que é o sr. Silvio Romanelli, agente da casa Lane Bruno & C.^a a quem tenho a honra de falar, e, segundo creio, a respeito d'uma mala com amostras e papeis, que lhe foi roubada. Engano-me?

— Exacto, exactamente, mas... como pôde V. Ex.^a saber?

E n'esta interrogação havia quasi desconfiança.

— Muito facilmente: pelo seu annuncio nos jornaes. Nós estamos habituados a ser procurados para deslindar toda a especie de casos embrulhados; d'aqui o costume de passar todas as manhãs os periodicos pelos olhos.

E' realmente boa ideia.

— Posso saber em que, n'esse assumpto, V. Ex.^a entende que lhe poderei ser util?

— Certamente. E' isso que aqui me traz.

Hontem sahi para tratar d'umas transacções por conta da casa que represento e levei comigo uma pequena mala contendo amostras e papeis. Fui no caminho agradavelmente surprehendido pelo encontro d'um conterraneo que me convidou para almoçar. Aceitei com satisfação. Subi para o trem em que elle vinha e, entretido a conversar, não reparei no caminho seguido, o que aliás pouco me aproveitaria porque desconheço Lisbôa quasi totalmente. Chegados não sei onde, o cocheiro parou, abriu a portinhola, e nós entrámos n'uma casa rasoavelmente mobilada, sem comtudo ter apparencia de hotel. O meu amigo fez-me entrar para um gabinete, onde por ordem sua nos serviram de almoçar. Entretanto Svampo perguntava-me os motivos que me haviam trazido a Portugal. Contei-lh'os francamente e, quando ia para lhe fazer notar que era occasião de me dizer tambem a que feliz acaso devia tê-lo encontrado em Lisbôa, senti uma especie de vertigem e perdi os sentidos. Quando voltei a mim encontrei-me em casa, confiado aos cuidados de minha mulher que se mostrava afflictissima. Informando-se do que me succedera, contei-lhe o caso, e por seu turno ella referiu-me que Bruno Svampo me trouxera alli com infinita solitudine e lhe pedira, visto ter forçosamente de partir n'essa tarde para o Porto, que lhe dêsse noticias

minhas pelo telegrapho, porque ia cheio de inquietação. Como tinha na mala papeis de valor meramente pessoal, perguntei logo por ella. Minha mulher, vivamente perturbada por ter de me dar uma nova tão desagradavel, disse-me que Svampo a não trouxera,

papel cinzento, no qual, imitando grosseiramente os caracteres impressos, se lia:

Não procure a mala se tem amor á vida

— Depois d'esse aviso, que intenta?

— Tudo. Quero os meus papeis por todo o preço.

— Mesmo á custa da vida?

O italiano estremeceu.

— Pois ousariam?... .

— Certamente, visto que o avisam. Uma pergunta ainda. Que genero de papeis, ou por outra, a quem mais podiam elles interessar?

— A ninguem, absolutamente a ninguem.

— Em que hotel está hospedado?

— Em nenhum. Como o que tenho a fazer em Portugal exige demora, aluguei uma pequena casa mobilada.

— Tem creados?

— Não. Minha mulher tem uma dama de companhia portuguesa que estava já com ella em Italia e para lá volta connosco. E' como se fôsse familia.

— Que idade tem?

Romanelli sorriu:

— Eis uma pergunta de difficil

resposta. Só lhe posso dizer que não é velha nem nova, mas é-me impossivel attribuir-lhe uma idade.

O visconde lançou-me um olhar victorioso e, voltando-se ao seu interlocutor, continuou:



...ENCONTREI-ME EM CASA, CONFIADO AOS CUIDADOS DE MINHA MULHER

nem ella, na sua afflicção, aliás justissima, se lembrára de lh'a pedir.

— São todas as indicações que me póde dar?

— Todas não. Resta ainda este estranho papel que encontrei no bolso.

E o italiano estendeu ao meu amigo um

— Tem o habito de não fitar as pessoas quando fala, e de fazer exactamente o contrario quando escuta?

— E' certo. Conhece-a?

— Supponho que sim. Mas tenha paciencia; dê-me ainda umas pequenas informações. Que idade tem sua esposa?

— Vinte e cinco annos.

— Responda agora com toda a franqueza. Para ella os taes papeis tinham interesse?

Romanelli hesitou, mas respondeu com firmeza.

— Muito.

— Bem, meu caro senhor, vá descansado que alguma cousa se hade conseguir. Permitta-me um conselho: nem a sua esposa, nem a ninguem, diga que me procurou. Está n'isso a sua segurança pessoal e o meio de sahir victorioso d'este embroglio.

— Tenho entendido mas... não creio que tenha razão.

— Ver-se-ha. Posso procura-lo em sua casa?

— Porque não?

— Então, se m'o permite, visita-lo-hei ainda hoje.

— Com muito prazer.

E Romanelli, indicando o bilhete que lhe déra ao entrar, repetiu:

— Praça da Alegria, 43, 2.^o, esq.

Cumprimentou e sahiu.

Mal tivera tempo de descer a escada quando chegou o servente.

— Então? indagou curiosamente o visconde.

— O proprietario é um homem de estatura regular e fala com uma pronuncia estrangeirada. Deve ter sessenta e cinco annos pouco mais ou menos. Usa bigode e pera e é já todo branco. Não tem mulher. Elle proprio dirige o hotel. Chama-se Bruno Svampo. E' muito trigueiro e tem aspecto agradável e porte militar.

— E' tudo o que conseguiste saber?

— Tudo.

— Está bem. Podes ir-te.

E Silvestre, tomando o chapéu, indicou-me que fizesse outro tanto.

Sahimos. Ao chegar ao Rocio o visconde dirigiu-se a um cocheiro:

— Olha lá; serias tu quem conduziu hontem meu irmão á praça da Alegria, 43, e que ajudaste o amigo d'elle a transporta-lo desmaiado ao segundo andar?

— Nada, não senhor.

— Pois é pena, rapaz, porque tinhas boa recompensa se...

O cocheiro não quiz ouvir mais. Saltou da boleia e correu a informar-se com os companheiros. Momentos depois voltou com um outro, pouco aceiado, mas de ar alegre e franco.

— Foi este, senhor.

— Tu não achaste no trem uma mala amarella com amostras?

— Sim, senhor. Tenho-a alli na caixa do carro, mas como não sabia a qual dos dois senhores pertencia, esperei que m'a pedissem. E' o costume.

— Fizeste bem. E's um rapaz esperto. Vai buscá-la que terás boas alviçaras.

O cocheiro affastou-se, voltando logo apressado com a mala sobraçada.

O visconde metteu-lhe 47000 réis na mão.

— Tens serviço?

— Não, meu patrão.

— Approxima o trem.

Subimos. E o visconde, fechando a portinhola com modo despreoccupado, ordenou:

— Para a casa onde os levaste hontem.

E, voltando-se para mim como quem explica, mas na visivel intenção de ser ouvido pelo cocheiro:

— E' forçoso agradecer-lhes todas as atencões que dispensaram a Silvio.

O carro rodou e Silvestre esfregou as mãos de contente:

— D'esta vez, Pedro, d'esta vez é que é certo!

Eu olhava-o com admiração e confesso que um pouco enfatuado pela perspicacia do meu amigo. Estava quasi rompendo em elogios.

O carro parou.

— E' aqui, disse o cocheiro; no réz do chão.

Batemos, e a porta abriu-se immediatamente.

— Venho da parte do sr. Bruno Svampo com recado urgente. Diga que não posso demorar.

O creado introduziu-nos n'um gabinete mobilado de verde, e instantes depois entrou uma mulher alta e loura, trajando com suprema distincção um elegante roupão de setim côr de rosa.

— Posso saber o que V. Ex.^{as} desejam?

— O meu amigo Bruno Svampo, sendo-lhe completamente impossível vir aqui, pediu-me que acompanhásse este senhor, a quem V. Ex.^a deve entregar, fechados e lacrados, os papeis que estavam n'esta mala que elle manda como signal, mas que devo tornar a levar. Não escreve pelas razões que V. Ex.^a calcula.

Ella olhou-nos admirada, mas sem a menor desconfiança.

— Bruno está doido! Pois elle não me disse que os remetesse sem demora a Leopolda. Foi o que fiz. Quanto ao testamento tem-no elle na carteira, no bolso esquerdo do sobretudo. Nunca vi um atarantado igual.

— E V. Ex.^a não podia mandar buscar os papeis á sr.^a D. Leopolda?

— Com que pretexto? Elles pertencem-lhe. Se o Bruno os quizer examinar que lhos peça. Já estou arrependida de me ter mettido em toda esta trapalhada que póde ainda causar-me algum dissabor.

— V. Ex.^a tem razão. Não basta que as intenções sejam boas; é preciso que os meios correspondam aos fins.

— Pois claro. Eu não fiz bem em ceder porque o Silvio tem um génio violentissimo e, quando souber, talvez pense em se vingar. V. Ex.^{as} não imaginam quanto os italianos são rancorosos e vingativos.

— Recebo as ordens de V. Ex.^a e peço-lhe que me desculpe de ter vindo perturbar o seu socego.

— Uma palavra ainda: V. Ex.^a diz a Bruno que, se estiver com Leopolda primeiro do que eu, lhe recomende que seja prudente e acautelada, sim?

— Sim, minha senhora, cumprirei o seu mandado.

E, cumprimentando amavelmente, o visconde sahiu seguido por mim.

Quando chegámos a distancia de já se não ouvir o rodar da carruagem, Silvestre, depois de me ter dito que me informasse na mercearia mais proxima do nome da gentil rapariga que acabavamos de deixar, fez parar o carro e ordenou ao cocheiro que esperasse.

Apeei-me e momentos depois escrevia na minha carteira: Margarida Aboim, rua da Saudade, 8. Voltei á carruagem e o visconde mandou seguir para o Principe Real.

— Onde vaes?

— A casa pôr esta mala em segurança e dizer a Leonor que não espere por nós para *lunchar*. O negocio vae optimamente e qualquer delonga póde estragar tudo.

— Que tencionas fazer agora?

— Não me perguntes nada. Estou n'um estado de tensão nervosa que me não permite desabafos. Depois, depois.

O visconde entregou a mala ao porteiro, que acudiu á portinhola, deu as suas ordens, e pozemo-nos de novo a caminho, d'esta vez para o hotel dos *Tres Irmãos*.

— O sr. Svampo? perguntou Silvestre ao creado que, pressuroso, accorreu ao nosso chamamento.

— Está encommoado e não recebe.

— Vá dizer-lhe que venho da parte da sr.^a D. Margarida de Aboim e que lhe trago um recado urgente.

— Mas, senhor, tenho ordem de não lhe levar recado algum,

— Este caso representa excepção.

E o visconde metteu na mão do creado argumento convincente.

— Emfim, eu vou vêr; mas não sei...

Passados segundos voltou, e, abrindo uma porta lateral, introduziu-nos n'um escriptorio elegantemente mobilado. Sobre uma cadeira estava lançado um sobretudo. Silvestre dirigiu-se a elle sem hesitar e, mettendo a mão no bolso do casaco que Margarida lhe indicára, sacou d'elle a carteira e d'ella o testamento, que guardou entre os seus papeis. Depois sentando-se n'uma cadeira, apontou-me outra, dizendo com o mais perfeito sangue frio:

— Esperemos.

E esperámos com effeito um longo quarto de hora. Por fim a porta abriu-se e Bruno Svampo entrou.

— Qual de V. Ex.^{as} me traz um recado urgente da sr.^a D. Margarida?

— Eu, respondeu o visconde.

E vendo o olhar interrogador que Svampo me dirigia, completou:

— E' meu irmão,

O italiano cumprimentou.

— Que ordena então a minha boa amiga?

— Sua Ex.^a pede com muito empenho que, pessoalmente, ou por meu intermedio indicando-me a fórma, visto não poder apparecer a Silvio que o julga no Porto, previna quanto antes a sr.^a D. Leopolda de que deve pôr, sem perda de tempo, os pa-

peis em logar seguro. Silvio está no rasto da verdade e não é homem com quem se brinque impunemente.

— *Corpo di!* exclamou entre dentes o italiano. Não lhe entregou nenhum escripto para mim? accrescentou depois de curta hesitação:

— Nada.

E com arrojo admiravel o visconde ajuntou com voz firme:

— Julga que, no seu regresso para aqui, o sr. foi roubado, o que já é um grave transtorno; mas, se se engana, aconselha-lhe que ponha o testamento a bom recato e fóra d'aqui; em sitio ignorado de todos. E' possivel que lhe passem uma busca domiciliaria.

— Como?
Com que fundamento?

— Ignoro-o. Não faço mais do que repetir o que me foi dito.

— Este senhor é...? inquiriu com desconfiança Bruno.

— Meu irmão, como já lhe disse, e tambem depo-

sitario de toda a confiança da sr.^a D. Margarida, que manda pedir ao sr. Svampo que não vá a sua casa n'estes primeiros dias para evitar qualquer desagradavel incidente.

— Mas que receia ella?

A um eloquentissimo olhar de Silvestre o italiano respondeu:

— Ah! sim, comprehendo. Teme pela pobre Leopolda... E' natural. Visto que V. Ex.^a amavelmente está disposto a encommo-dar-se por essa pobre senhora, tenha paciencia, procure-a (mas assegurando-se bem de que o marido esteja ausente, de contrario seria perde-la) e diga-lhe, ou por outra repita-lhe, as palavras de Margarida, ajuntando que eu estou incondicionalmente ao seu dispôr.

— E' tudo?

— Ainda não. Queria pedir-lhe para fa-

zer saber a Margarida que, como sempre, as suas ordens serão pontualmente cumpridas. Tive o gosto de falar a...?

— A Gustavo de Mendonça e a seu irmão Miguel.

Despedimo-nos e galgámos rapidamente as escadas.

— Praça da Alegria, 43, gritou o visconde ao cocheiro.

E, voltando-se para mim, proseguiu:

— Agora começa o teu papel. Apeias-te, sóbes e annuncias-te ao Romanelli, a quem pedes informações ácerca do cocheiro, da carruagem, etc. Emfim prén-de-lo no sitio onde elle te receber até que eu tenha tido tempo de saccar ás mulheres a confissão do

crime. O melhor seria, depois de me teres dado tempo de entrar, convidá-lo a sahir e a examinar disfarçadamente o cocheiro sem se trahir, metterem-se ambos no trem e irem esperar-me no escriptorio.

— Essa ultima solução parece a melhor.

— Tambem concordo. E' a melhor.

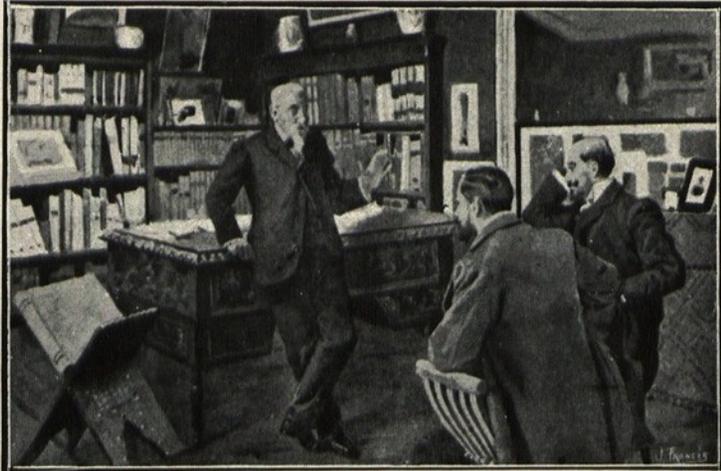
— Estamos chegados.

Apeei-me, sacudi a campainha e subi. Abriu-me a porta a mulher que de manhã fóra ao escriptorio. Não me conheceu na escuridão da escada. Murmurei-lhe ao ouvido:

— Pertença ao escriptorio onde a senhora foi esta manhã. Se quer salvar a sua senhora, enquanto lhe entretenho o marido, introduza junto d'ella o visconde, que, além de ter encontrado a mala, tem communicções importantissimas a fazer-lhe. Senão, está tudo perdido.

— Quem é? quem é? interrogou impacientemente dentro a voz de Silvio.

— Alguem que o procura, senhor Romanelli, respondi substituindo-me á pobre creatura que, cambaleando de susto, ainda se não recobrára do pásmo do meu apparecimento alli.



...EU ESTOU INCONDICIONALMENTE AO SEU DISPÔR

— Entre, entre meu caro senhor. Porque não o introduziu logo, D. Magdalena?

— Eu não sabia se...

— Então o que ha? disse-me elle logo que, entrando na sala, fechou atraz de nós a porta.

— Muito e nada. O visconde, creio que tem a chave de tudo e, se não está senhor da mala, pouco falta. O que é necessario é que o senhor veja se reconhece o cocheiro que guia a carruagem em que vim, e além d'isso, como nada nos garan-

d'esta casa que tenha a compa-
onde elle breve.

te que as paredes não tenham ouvidos, a bondade de me nhar ao escriptorio se nos reunirá em Romanelli abriu a porta e durante um momento senti vivo receio de que elle fôsse dentro; mas felizmente, chamando D. Magdalena, pediu-lhe o chapéu, a bengala, e desceu comigo a escada sem a mais leve suspeita.

Agora convido o leitor a substituir-me junto do visconde cuja situação é bem mais interes-

sante do que a minha, atravessando n'um trem de praça as ruas de Lisbôa e trocando com o meu companheiro as banalidades usuas.

Silvestre apeiou-se apóz a minha entrada e indicou ao cocheiro a morada do escriptorio, dizendo-lhe:

— Logo que elles subam para o carro, partes sem perguntar nada.

Subiu vagarosamente a escada em cujo patamar encontrou a nossa matinal cliente, que, tomando-lhe a mão e de dedo nos labios, o guiou pé ante pé para a casa de jantar.

Ahi, repetindo-lhe o mesmo signal de discreto silencio e affastando um velho reposteiro, desapareceu nas sombras do corredor.

N'este instante o rodar da carruagem indicava-lhe que eu conseguira affastar Romanelli.

A casa, como todas as que se alugam mobiladas, tinha um aspecto frio e quasi uniforme: nada podia dizer aos olhos do observador mais perspicaz senão que os seus habitantes tinham um escrupuloso aceio.

O visconde sentou-se n'uma cadeira e dispunha-se a examinar um jornal, que estava sobre a mesa, quando a porta se abriu e uma mulher trigueira, alta e delgada, appareceu no limiar.

Silvestre sem nenhum preambulo disse-lhe:

— Minha senhora, tenho na mão todos os fios da meada. V. Ex.^a está horrivelmente compromettida.

— Parece-lhe? perguntou ella com um sorriso que uma expressão de cuidado rapidamente dissipou.

O visconde, notando-o, apressou-se a ajuntar.

— A sr.^a D. Margarida Aboim e Svampo estão já sob a mão da policia e parece-me escusado dizer-lhe que...

— Eu tambem o estou?

— Certamente.

— O' senhor! exclamou ella cheia de afflicção, se é, como julgo, um homem de bem, salve-

me, por piedade... salve meu marido...

— Mas, minha senhora, a primeira condição para que eu possa servi-la é que V. Ex.^a esclareça a situação. Eu sei muito. sei de mais para poder acreditar na sua innocencia; contudo asseguro-lhe que me era gratissimo poder demonstrá-la.

— Eu digo tudo... Na vespera de virmos para Portugal meu marido foi procurado por um seu amigo intimo, que lhe pediu para ser portador de uma volumosa carta lacrada e de um testamento, obrigando-se sob palavra de honra a entregar esses papeis em Lisboa a uma pessoa que devia procura-lo com um bilhete, tendo escripta por elle uma determinada phrase. Partimos despreocupados e alegres. Ao chegarmos a Madrid, onde estacionámos uns dias, fui, na ausencia de meu marido, sobresaltada



DEIXEI-ME CAHIR NA CHAISE-
LONGUE E CHOREI TORREN-
CIALMENTE

por uma carta vinda de Napoles em que me diziam: *evite que seu marido entregue a correspondencia que leva, ou está perdido.* Estas simples e aterradoras palavras eram escriptas e assignadas por meu sogro; mas uma letra, desconhecida para mim, ajuntara em fórma de *post scriptum*: segredo absoluto. Estava ainda perplexa com a carta na mão quando me vieram dizer que uma senhora me desejava falar. Admirada, porque não conhecia ninguem em Espanha, ia dizer isto mesmo ao creado, quando uma mulher, muito nova e gentil, me disse no mais puro *accento italiano*: — Tenho a communicar-lhe uma noticia urgente. Signora Romanelli, mas em particular. O creado sahio, e ella, com extrema volubilidade e *sotto voce*, disse-me: — Acaba de receber uma carta de seu sogro para que a correspondencia, de que seu marido é portador, não seja entregue, não é assim? O caso é grave, gravissimo; se o fizer a sua vida responde por tudo. E como eu, apesar de assustada, tivesse um ligeiro sorriso de incredulidade, acrescentou: — Trata-se d'uma conspiração contra a vida do Rei de Portugal, organizada por uma poderosa associação secreta. E sahio, deixando-me estupefacta, e transida de terror. Quando fiquei só deixei-me cahir na *chaise-longue* e chorei torrencialmente. Sabia que meu marido não faltaria á sua palavra, sabia que um crime horroroso se planeava. Como impedi-lo? Calculei que o tal testamento devia conter as instrucções, dadas n'uma cifra combinada, e creio que não me enganei porque a carta

nada traz de verdadeiramente compromettedor. Vou mostrar-lh'a.

Sahiu, e instantes depois voltou com a carta do sogro e a outra, que confirmavam plenamente as affirmações que pouco antes tinha feito.

— Como tenho mêdo, muito mêdo, concluiu ella, e receio pela vida d'elle e pela minha, lembrei-me de, com o auxilio de amigos dedicados, simular um roubo... e agora não sei... não sei se fiz mal. Tremo do genio de meu marido, e tremo sobretudo dos anarchistas e até da policia. Se tem coração, salve-nos, salve-nos, por piedade.

Silvestre, commovido pela afflicção da pobre senhora, assegurou-lhe que guardaria segredo e confiaria á policia a vigilancia das suas pessôas, se a decifração do testamento corroborasse as suas suspeitas. Dirigiu-se d'alli ao Juizo d'Instrucção Criminal, e em tão bôa hora que o testamento foi decifrado sem grandes difficuldades.

No dia immediato fôram postos na fronteira dois italianos, e Romanelli e a mulher cuidadosamente vigiados.

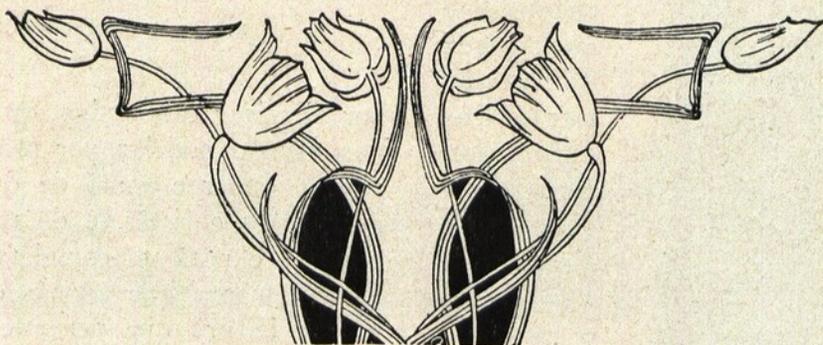
O italiano ainda hoje suppõe que a mala lhe foi apreendida pela policia, onde elle teve de prestar declarações, e ignora quanto deve á dedicação da mulher.

Silvestre, quando fâla no caso, solta um suspiro de magua e exclama:

— Não me consolo de nunca encontrar um verdadeiro crime.

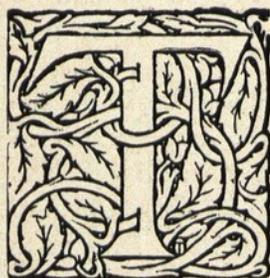
Pateta! Como se não fôsse melhor prevenir do que punir!

MARIA O'NEILL.



O ALEMTEJO HISTÓRICO

Epigraphia christã



TEM sido, e é o Alemtejo uma fecunda matriz de antiguidades lapidares, tanto gentílicas, pagãs, como christãs dos primeiros seculos.

E' bem conhecido o Endovelico, de Terena, e varias inscrições mortuarias, que superfluo é referir 'neste logar, onde teriam natural cabimento por identidade de objecto, mas onde tambem, sobre não darem novidades ao leitor instruido, lhe sobrecarregariam o espirito com dose maxima.

Como qualquer doença costuma ser tratada com doses graduadas de menos para mais, assim a doença da ignorancia melhor

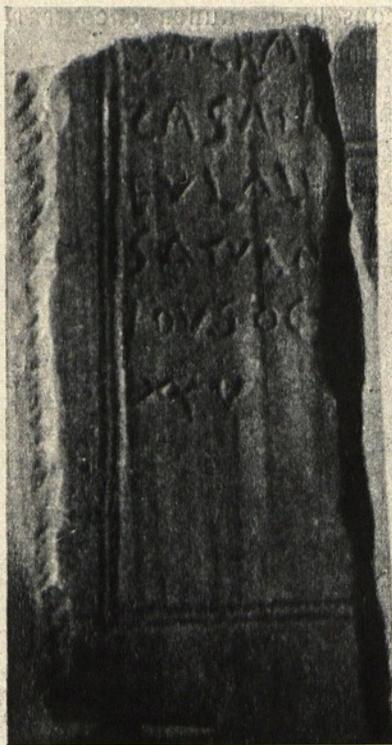
se combate com repetidas, mas breves lições, do que com ellas longas e, por isso, tediosas.

Esta parte da archeologia é do agrado da menor parte dos estudiosos, para a litteratura amena, a romantica, o ser da maior. E, comtudo, não faltam

encantos ao decifrar de uma sigla enigmatica, ao arrancar ao passado uma verdade que cahira no esquecimento, na ignorancia de homens. Largas considerações se podiam fazer sobre tal assumpto; mas esquivamo-nos.



N.º 2 — INSCRIPÇÃO CHRISTÃ



N.º 1 — INSCRIPÇÃO ROMANA

por aligeirar este artigo, que só fita, e apenas mira o noticiar por primeira vez, cremos, o apparecimento de duas incompletas inscrições christãs, e de uma outra, quiçá tambem christã e completa: mas, de tal modo barbara que apenas o faz suspeitar, na má leitura que permite aqui ou além, em seu todo, como da estampa resalta.

De Montemor-o-Novo foram as tres pedras offerecidas pelo illustrado sacerdote

sr. J. J. de Sousa Romeiras ao signatario d'este escripto, que as guarda com amor na casa em que ora vive, na Torre de Sertorio, chamada.

A's fragmentadas não parece difficil o assignalar uma provavel idade, com impossivel á que se nos afigura inteira, pela fórma de algumas letras, quaes outras não viramos, na já larga pratica que temos de leitura lapidar.

Façamos-lhes referencias por numeros : 1, 2, 3.

A inscripção n.º 1 deve ser romana, e commemora, ao que parece, a morte de uma *Eulalia*, que morreu no primeiro de outubro de um anno, que não era costume indicar, com 25 annos de idade. Permite o fragmento esta leitura :

SACRA
CASAM
EVLALIA
SATVAN
IDVS OC
XXV

E' o numero 2 parte de uma inscripção votiva christã, ou rogativa a Deus por alguém que se finára.

Devera ter estado em logar sagrado, por aquella phrase: *hic exavdi*, onde teria sido sepultada a creatura, como se deprehende da letra R que precede o AMEN: que po-

Evora.

derá ser o final, e dizer REQVIEVIT, em phrase, por exemplo: IN PACE REQVIEVIT AMEN. Permite, pois, esta leitura :

. . . . TOTO EX CORDE
. . . . SXP̄M HIC EXAVDI
. R AMEN.

Toto ex corde chrisptvm hic exavdi requievit amen.

A terceira inscripção, a que parece completa, ou é totalmente barbara ou escripta em caracteres de ignorada significação, ou desconhecida, quando menos. A letra z, cortada, nunca vimos ou não lembramos ter visto : a segunda letra da segunda regra é para nós novidade, se ella contém a particula *de*.

Conscienciosa leitura não damos, na que fizemos e apresentamos assim :

^a S. D. I A
^{o o}
^a FZ E SE
NS ZOS

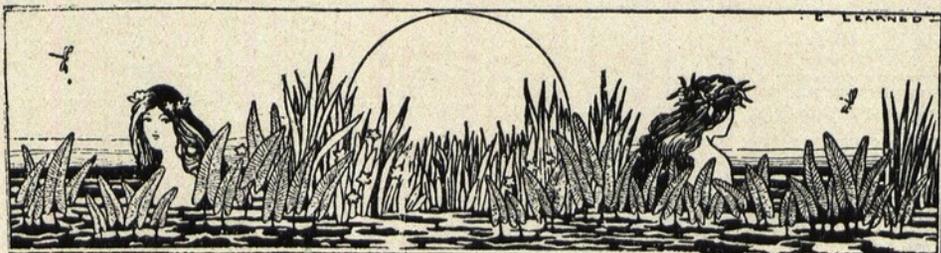
N.º 3 — INSCRIPÇÃO CHRISTÃ

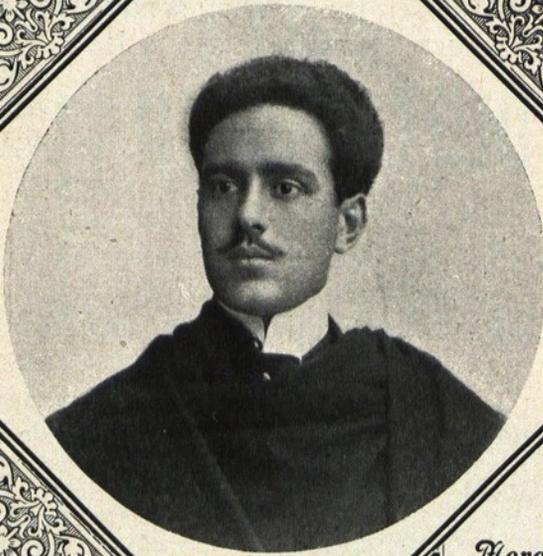
Sepultura de João

Affonso Fernandes e seus herdeiros, ou heros.

Não achámos outra. Possa ella ser melhormente lida por alguém mais sabedor do assumpto.

A. F. BARATA.





COIMBRÁ

CONVENTOS

*Moradas do silencio e da saudade,
Claustros graves, abobadas sombrias,
Ao contemplar as vossas arcarias,
Que tristeza infinita nos invade!*

*Revivendo o passado, quem não ha-de
Sentir chorar-lhe n'alma as agonias
D'aquellas lages, humidas e frias,
Que o tempo vae gastando sem piedade.*

*Alli, sujeitas aos cilicios rudes,
Envelheceram quantas juventudes,
Na paz sem fim, na solidão das cellas...*

*Essas parêdes, toscas e severas,
Sobreviventes mudas d'outras eras,
Se ellas fallassem, que diriam ellas?!*

NA MATTA

*Manhã de nevoa, mistica e piedosa,
A natureza ha pouco adormecida,
Acorda para o sol, emerge á vida,
D'entre uma lactea e fluida nebulosa.*

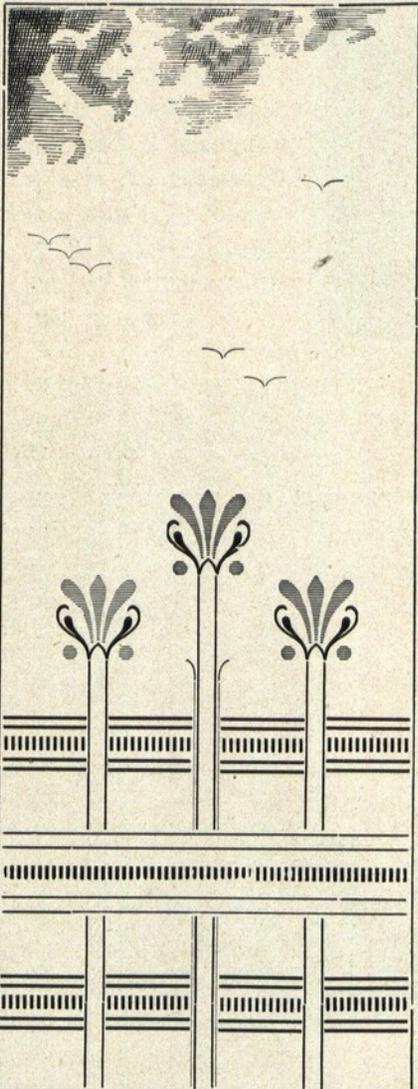
*Como que inda a sonhar a terra gosa...
Ergue-se ao ceu n'uma confusa lida,
A alma da paisagem, no ar diluida,
Nevoa que sobe e que se alastra anciosa.*

*A alma da paisagem!... toda a noite,
Sonhando um novo mundo em que se acoite,
Seu verde olhar o espaço percorreu;*

*E manhã cêdo. extinctas as estrellas,
Saudosa, fez-se em nevoa, quer revê-las,
E sobe, sobe e perde-se no ceu...*

(Dos Poemas.)

Alberto de Monsaraz.





O jardim da infancia

I



ADAS AS correntes das ideias theoreticas e das tentativas d'organização pratica da educação que surgem e se multiplicam desde o seculo xv e principalmente a partir do meado

do seculo xviii, não podiam deixar de apparecer creações destinadas ao combate contra os males resultantes da incapacidade educativa das familias, logo que esta foi sendo reconhecida. A mais notavel, a todos os respeitoes dessas creações, apesar do seu pouco exito inicial, foi o estabelecimento, no anno de 1837, em Blankenburg (Allemanha), dum instituto que o seu fundador, Friedrich Froebel, designou (tres annos depois) pela expressão de *Kindergarten*, á letra *Jardim de creanças*, mas que usualmente denominamos *Jardim da* (ou *de*) *infancia*. Esse instituto tinha por fins principaes ministrar ás creanças de ambos os sexos, em idade preescolar (de cerca de 3 a 6 annos), a educação que não podiam receber nas familias, e ás mães, pelo exemplo alli dado, ensino que as habilitasse a educar seus proprios filhos. Não dispensar o que chamei a escola do lar, a educação

materna, mas sim preparar as mães para esse elevado encargo era a mira capital de Froebel.

Portugal, que no seculo xvi produziu, como a Hespanha, iniciadores no movimento pedagogico, acha-se longe dos países que se tornaram o principal centro desse movimento, desde o fim do seculo xviii, dos países de lingua allemã, tão pouco conhecida entre nós, comquanto ande incluída no quadro das disciplinas lyceaes desde 1836. Independentemente doutras causas, a principal das quaes (ao mesmo tempo effeito) está em o nosso atraso geral educativo, era esse facto um obstaculo a que a criação de Froebel fosse cedo conhecida entre nós. Aqui o nome delle fôra já mencionado publicamente e os seus trabalhos estudados por alguns raros investigadores antes de 1882; mas a verdade é que foi nesse anno que se fez, pela imprensa, primeira larga vulgarização desse nome e de noticias desses trabalhos. A 21 de abril de 1882 celebrava-se o primeiro centenario do nascimento de Froebel e Portugal, felizmente, entrou com sua quota na celebração, que deu logar ás informações respectivas dos jornaes. Lembrarei os factos, que parecem estar esquecidos, como tudo neste país se esquece com a maior facilidade.

Houve celebração froebelina no Porto, no

Palacio de Cristal, por iniciativa da Sociedade de Instrução do Porto (fundada em 1880 e dissolvida alguns annos depois) e particularmente pela do seu secretario Joaquim de Vasconcellos, bem conhecido auctor de importantes trabalhos sobre a historia da arte nacional e ensino artistico e industrial, e de sua esposa D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, notavel cultora dos estudos philologicos, que em Berlim estudara a fundo a theoria e pratica do *Jardim da infancia*.

Comprehendia o programma das festas do Porto:

1.º Publicação especial de um Estudo sobre a reforma pedagogica de Froebel, considerada nas suas varias phases e transformações, estudo collaborado por diversos.

2.º Publicação de uma Biographia popular, economica, com grande tiragem, acompanhada do retrato de Froebel e escrita pelo já fallecido professor e publicista Rodrigues de Freitas.

3.º Exposição do material de ensino Froebel e de objectos feitos com esse material, demonstrando as ulteriores transformações do systema.

4.º Serie de conferencias sobre esse systema: a) exposição deste no seu conjunto; b) analyse do ensino á facê do material e objectos expostos.

5.º Saudação telegraphica aos representantes da familia Froebel.

6.º Mensagem á escola de Keilhau, fundação primeira de Froebel.

7.º Propaganda para a fundação e dotação dum *Jardim da Infancia*, nomeando-se uma commissão especial para sollicitar, com esse fim, o concurso do Municipio, da Junta Geral do Districto e do publico.

8.º Convite á imprensa portuense para solemnizar o Centenario.

Cumpriram-se, no todo, os numeros do programma. O n.º 1 foi substituido por um supplemento ao *Boletim da Sociedade de Instrução do Porto*, vol I sob o titulo de *Centenario de Frederico Froebel a 21 de Abril de 1882* (40 pp.), que, parece (vid. ahi p. 34-35), constituiu a materia da mensagem a Keilhau (n.º 6), onde floresce ainda a escola alli fundada por Froebel.

Esse supplemento contém uma serie de documentos, cujo interesse para a nossa historia pedagogica me leva a dar delles curta noticia.

Vem em primeiro logar uma *Proposta dum Jardim da Infancia á Commissão Executiva da Ex.^{ma} Junta Geral do Districto*, redigida pelo secretario da Sociedade de Instrução, Joaquim de Vasconcellos. Contém um curto resumo historico das condições sociaes que fizeram surgir institutos para a simples guarda, ensino ou educação das creanças abaixo da idade da obrigação escolar, em diversos países, como as *creches*, *salles d'asile* (França), as *Kinderbewahranstalten* (Allemanha), as *Infant Schools* (Inglaterra), as *Scuole delle creature* (Italia) e depois o instituto froebeliano, o *Kindergarten*, parte num conjuncto vasto de educação popular. Seguem-se depois indicações muito uteis sobre o modo de levar a cabo, com as maiores probabilidades de bom resultado, a criação, no Porto, dum *Jardim da Infancia*. Propõe-se que sejam enviadas algumas senhoras de boas familias para a França ou, melhor ainda, para a Suissa, como pensionistas, as quaes seriam recolhidas em *familias educadoras* de jardineiras; essas senhoras deviam ter «a idade de 16 a 18 annos, saude robusta e, principalmente, animo e verdadeira dedicação para arrostar com os encargos de uma missão difficil, que é um verdadeiro apostolado». Lembrava-se que a Sociedade de Instrução tinha no seu seio uma senhora de origem allemã, entendedora do portuguez, e habilitada com o curso do Jardim da Infancia, que se offerecia para ajudar as pensionistas portuguezas no seu regresso. (Essa senhora, D. Carolina Michaëlis, era com effeito um excellente elemento para o que se comprehendia.)

Vem depois um *Ante-projecto de Jardim da Infancia*, offerecido á mesma Commissão Executiva da Junta Geral, constituido por uma memoria justificativa e planta e alçado do Jardim, obra do distincto engenheiro portuense José de Macedo Araujo Junior.

Vê-se, por documentos juntos, que se interessava pela fundação projectada o ministro do reino (conselheiro José Luciano de Castro), o qual já em officio de 21 de dezembro de 1880 recommendara á Junta Geral do Districto e á Camara Municipal do Porto uma fundação dessa natureza. Aquella Junta em officio de 27 de março de 1882, mostrava-se disposta a estudar «os meios de realizar tão util empresa».

Mencionarei ainda, no citado supplemento,

uma *Breve historia da festa*, em que se reproduz do *Commercio do Porto* noticia das tres primeiras de quatro conferencias sobre Froebel e a sua obra realizadas pelo secretario Joaquim de Vasconcellos e dos trabalhos dos alumnos dum collegio portuense, dirigido pelo Dr. Pedro Roxa, antigo funcionario do Ministerio do Reino e depois da Camara do Commercio de Lisboa, onde reside de novo ha annos.

Por outros documentos, inseridos no mesmo volume II do Boletim da Sociedade de Instrucção do Porto, sabemos que tambem o Collegio Pestalozzi — Escola Froebel (sic) dessa cidade, estabelecimento dirigido por Gustavo de Almeida, que se proclamava *iniciador* da escola Froebel neste país, se propunha dar em sessão publica, nos paços municipaes «uma prova dos resultados colhidos da applicação do systema que pusera em pratica». Declarou, porém, a redacção do *Boletim* que em dezembro de 1881 é que aquelle senhor recebera da Sociedade o material froebeliano que ella fizera vir de Berlim, sendo na mesma occasião entregue outro exactamente igual ao Dr. Pedro Roxa. Na proposta á Commissão da Junta Geral, já alludida acima, dizia-se que já se «ensinava o systema Froebel desde 1879 no Porto». Posso acrescentar que já em 1875 e 1876 fiz uso de algum material e de exercicios froebelianos na educação de algumas creanças, nessa mesma cidade, onde então eu residia, e que devo a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos algumas indicações praticas sobre esses trabalhos, recebidas nessa época. Nestes dominios, facilmente um pretendido iniciador encontra alguém que o precedeu.

Ainda nos referidos documentos se dá a noticia de haver no Porto um capitalista

abastado que nutria a intenção de construir uma escola Froebel. Esta designação, empregada varias vezes, na época a que me refiro, e ainda hoje, exige algumas observações.

O *Commercio do Porto* (21 fev. 1882) fallava do projecto da fundação de «uma escola Froebel e jardim da infancia» e a redacção do *Boletim* citado annotava: «Não ha senão uma escola Froebel, que é o *Jardim da Infancia*.» Com mais rigor poderia dizer-se: Não ha escola froebeliana (no sentido usual de *escola*).

Froebel creando o Kindergarten teve em vista organizar um instituto muito differente pelo objecto da educação e do methodo da escola existente e é a esse instituto que o seu nome está ligado, porque, comquanto tivesse, como já foi indicado, um plano vasto de institutos d'educação, formando um conjunto organico, só deixara completo o Kindergarten. Quando se abriu em 1837 o estabelecimento de Blankenburg, o primeiro nome que lhe foi dado não foi o de escola, mas sim o de «Instituto para cultura da



FRIEDRICH FROEBEL

tendencia para as occupações, da infancia e adolescencia», nome mudado, em 1840, no de *Kindergarten*, o que deu lugar ao erro, muitas vezes repetido, de que este só fôra creado naquelle anno. No espirito das creanças a que esse instituto é destinado: «Objecto e conhecimento (disse Froebel), intenção e palavra são ainda muitas vezes uma inteira unidade, como no homem, corpo e alma. Esse grao de cultura do Jardim da Infancia deve, pois, ser visto pelas jardineiras como muito nitidamente delimitado; exclue o conhecimento puro, o pensamento independente, ainda por completo; a este leva primeiramente o grao seguinte, o grao intermediario ou da «escola intermediaria». O nome indica já

precisamente a sua natureza; essa escola serve de ligação entre o Jardim da Infancia e a escola docente (*Lernschule*) ou de conceitos (ideias geraes) propriamente dita, compartilhando da natureza dos dois institutos, pois passa da intuição do objecto para o conceito.» Segundo essas ideias de Froebel (aliás em parte discutíveis), não haveria pois escola froebeliana, como criação que nos deixasse organizada, pois para elle o *Kindergarten*, não era escola. Froebel escreveu um artigo sobre a *Vermittlungsschule* (escola intermediaria), ha pouco reproduzido dum periodico olvidado.

Compreende-se que ao primeiro contacto do nosso país com a pedagogia froebeliana se caísse em confusões de nomenclatura e não se penetrasse bem em certas ideias, aliás fundamentaes, de Froebel. Um caso analogo parece ter-se dado com a denominação mesma de *Jardim da Infancia*: suppôs-se que um jardim, no sentido usual do termo, era indispensavel ao instituto, que as creanças deviam ser educadas num jardim, embora tambem nelle houvesse uma casa, com uma ou mais *aulas, classes*. Segundo as ideias de Froebel, muito claramente enunciadas, a expressão *Kindergarten* é figurada: no seu instituto as creanças são as plantas que se trata de cultivar; o fim desse instituto é pois a *puericultura*, no sentido physico e mental. Póde haver e ha Jardim da Infancia num primeiro, segundo ou terceiro andar, ou mais acima, um jardim no sentido proprio desta palavra: nos Estados-Unidos da America do Norte ha terraços no lugar dos telhados para preencher esta função. E' muito bom, porém, que haja um jardim com terra e plantas de raiz, como meio para a cultura das creanças.

A verdade é que no Porto se reuniam em 1882 excellentes condições para a transplantação e aclimatação do Jardim da Infancia em o nosso país. Mas em a nossa patria não póde contar-se com o dia de amanhã. Toda a energia despendida naquella empresa se perdeu. O Porto não teve até hoje o seu Jardim da Infancia publico. Os collegios em que se fizeram trabalhos froebelianos desapareceram. Como vejo dum prospecto, creou-se por 1906, no Collegio da Boavista, um jardim desse genero.

Lisboa celebrou tambem em 1882 o centenário de Froebel.

Em sessão da Camara Municipal deste concelho, no dia 1 de junho de 1880, uma Commissão encarregada de indicar o modo por que essa entidade corporativa havia de associar-se aos festejos do Centenario camoneano, depois de se ter entendido com a Commissão Executiva da Imprensa, organizadora geral das festas a celebrar em 10 do mesmo mês, e haver sondado as disposições do governo, propunha uma serie de actos, o primeiro dos quaes era: «Fundar um «Jardim da Infancia» conforme os desejos manifestados pela Commissão Executiva da Imprensa, no local que se julgar mais apropriado.» A proposta foi unanimemente approvada, mas até 1882 nada se fez para levar a effeito aquella fundação.

Em 5 de setembro de 1881 o governador civil do districto pedia á Camara informações sobre o assumpto e a 27 de fevereiro do anno seguinte renovava o pedido e rogava áquella corporação que dêsse o maior impulso aos trabalhos para a projectada fundação de um Jardim de Infancia modelo, em terreno dado pela Camara, e que se inaugurasse a construcção do edificio no dia 21 de abril seguinte, anniversario do nascimento de Froebel. Era verdadeiramente excepcional o interesse das auctoridades administrativas de Lisboa e Porto em negocio dessa natureza e quem conhecia as molas que põem em movimento usualmente essas auctoridades, em a nossa terra, perguntava com malicia se Froebel resuscitado não vinha cá intrometter-se em intrigas eleitoraes.

Em sessão camararia de 16 de março do mesmo anno de 1882, o vereador Theophilo Ferreira apresentava o projecto de construcção dum *chalet* para uma *escola Froebel* (sic) no jardim (publico) da Estrella. O projecto fôra elaborado pela repartição technica da Camara, e o custo do edificio destinado a 200 creanças, não excederia a 2:500\$000 réis. O referido vereador pedia que se auctorisasse desde logo o começo da construcção, de modo que pudesse inaugurar-se no dia 21 de abril seguinte. Depois de demorada discussão, foi o pedido approvado por unanimidade, em sessão de 17 de março.

Theophilo Ferreira, fallecido ha annos, ainda no vigor da vida, e a quem se devem importantes serviços á instrucção popular, fôra professor primario e nessa situação so-

cial conseguira fazer os preparatorios lyceaes e polytechnicos para o curso da Escola Medica da capital, e conclui-lo. Veiu a ser nomeado director da Escola Normal Primaria Masculina de Lisboa e nessa qualidade foi um dos commissionados pelo governo ao Congresso Internacional de Ensino reunido em Bruxellas, no mês de setembro de 1880. Num *Relatorio*, ácerca dos seus trabalhos como vereador do pelouro da instrucção, em 1882, dizia aquelle professor e medico: «Os pedagogistas

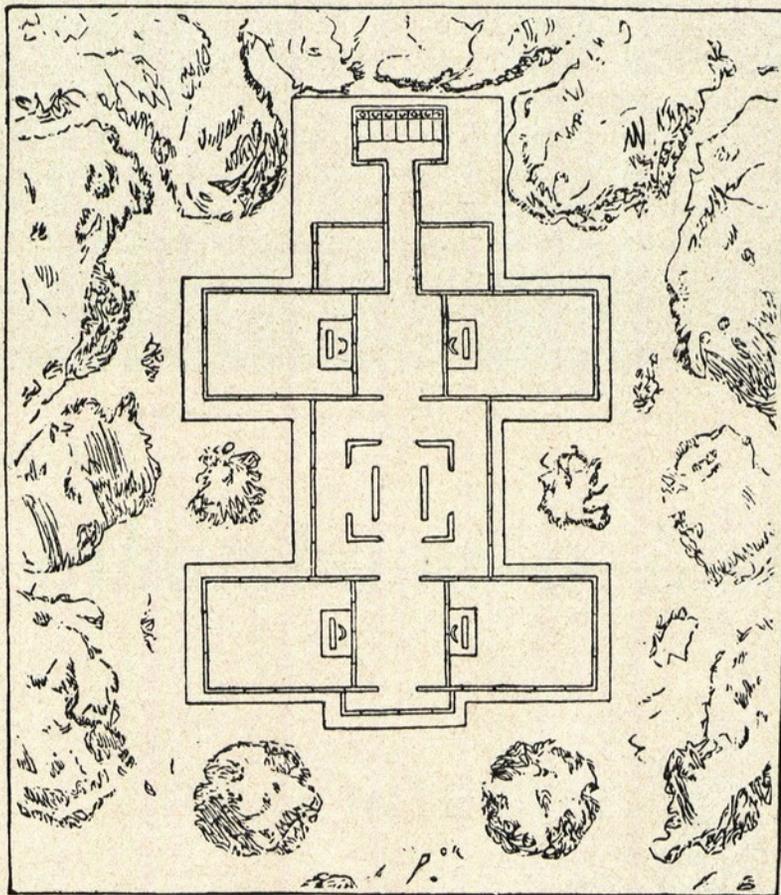
e escritores de todos os matizes revelavam coisas verdadeiramente surprehendentes com relação ao ensino froebeliano... Os jardins de Froebel que visitámos no estrangeiro haviam-nos tirado algumas illusões ácerca destas escolas infantis; — mas o que se disse e escreveu no congresso de ensino, effectuado em

Bruxellas, impellia-nos a fazer por nossa parte mais uma tentativa.» Com effeito nesse Congresso, já acima alludido, foram apresentados tres relatorios sobre as questões da educação froebeliana, tratadas com competencia. Num delles, obra de madame Adèle de Portugal, infatigavel propagandista das ideias de Froebel e da pratica do *Kindergarten*, inspectora das escolas infantis do Cantão de Genebra, tratava-se, entre outros pontos, do ensino normal especializado para as educadoras nos jardins de creanças. Entendia a auctora que essas jardineiras deviam ter um curso normal pri-

mario e além disso um ensino especial da theoria e pratica do «systema froebeliano». Na discussão dos relatorios, o auctor do primeiro, o sr. Fischer, defendeu a necessidade dessa educação normal e deu noticia do seu teor na Austria.

No dia 21 de abril de 1882 inaugurava-se o edificio municipal, baptizado com o nome de Escola Froebel, no jardim publico da Estrella, onde hoje ainda se vê essa construção que, segundo me afirmaram, custou

não a modesta quantia que fôra orçada, mas cerca do quintuplo. Abençoada despesa essa e todas as mais de material, mobilia e pessoal, se produzissem os resultados que tinha em vista o homem cujo nome se inscrevia sobre a entrada principal. Do pessoal não se exigiu nenhuma habilitação previa, contra o que no Congresso



PLANO DA ESCOLA FROEBEL

de Bruxellas fôra proclamado e a Sociedade de Instrucção do Porto entendia indispensavel. Esse pessoal (abstrahindo dos serviçaes) era dividido em *professoras* e *jardineiras*, em opposição com as ideias de Froebel que fallou só de *jardineiras* no seu instituto.

Na pedagogia do *Kindergarten* ha que considerar:

1) O conjunto de jogos e occupações inventados ou colhidos pelo fundador e seus continuadores e que é mister sujeitar a uma selecção critica ou substituir em parte, para proceder mais conformemente;

2) O *espírito* que deve animar no instituto a cultura das creanças.

No bonito *chalet* do Jardim da Estrella introduziram-se jogos e occupações froebelianas, com outras coisas varias; enquanto ao *espírito* alludido afigurou-se-me que não tinha lá penetrado nos primeiros tempos do seu funcionamento. Ignoro se alli se teem introduzido progressos. O grande escolho do Jardim da Infancia é a mecanização dos seus jogos e occupações; contra elle naufraga a maior parte dos institutos dessa natureza.

No mesmo dia 21 de abril de 1882 iniciava-se um periodico pedagogico, com o titulo de *Froebel*. Era dirigido por funcionarios do pelouro municipal da instrucção. Alli se inseriu uma biographia do celebre educador, redigida pelo signatario do presente artigo e pouco mais acerca do creador do *Kinder-garten*. No mesmo dia esse signatario fez, na primeira Associação dos Jornalistas e Escriutores, uma conferencia sobre Froebel. O mesmo começou em 1883 um curso theorico

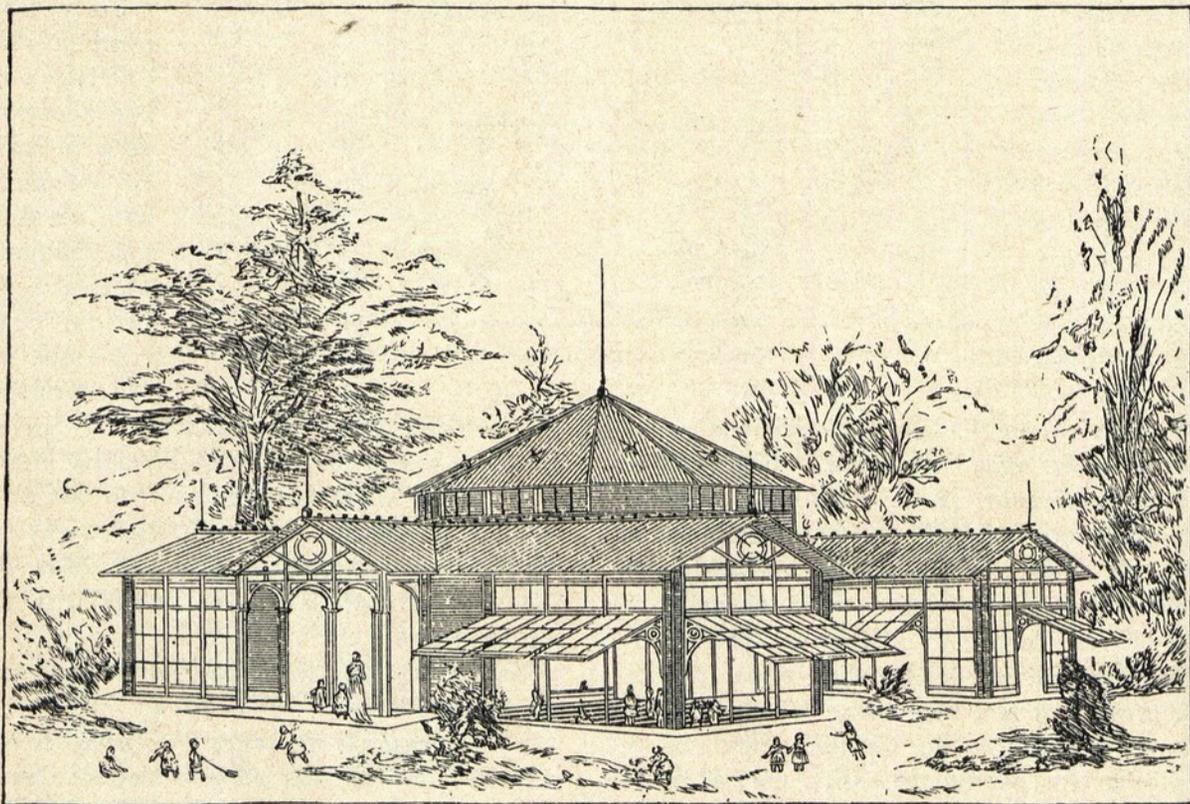
e pratico de pedagogia do Jardim da Infancia, a que puseram termo mudanças sobrevindas no pelouro da instrucção.

Agora falla-se de novo, entre nós, em Jardim da Infancia. Mas sabe-se em geral pouquissimo de Froebel. Admiram-no de longe: *maior e longinquo reverentia*.

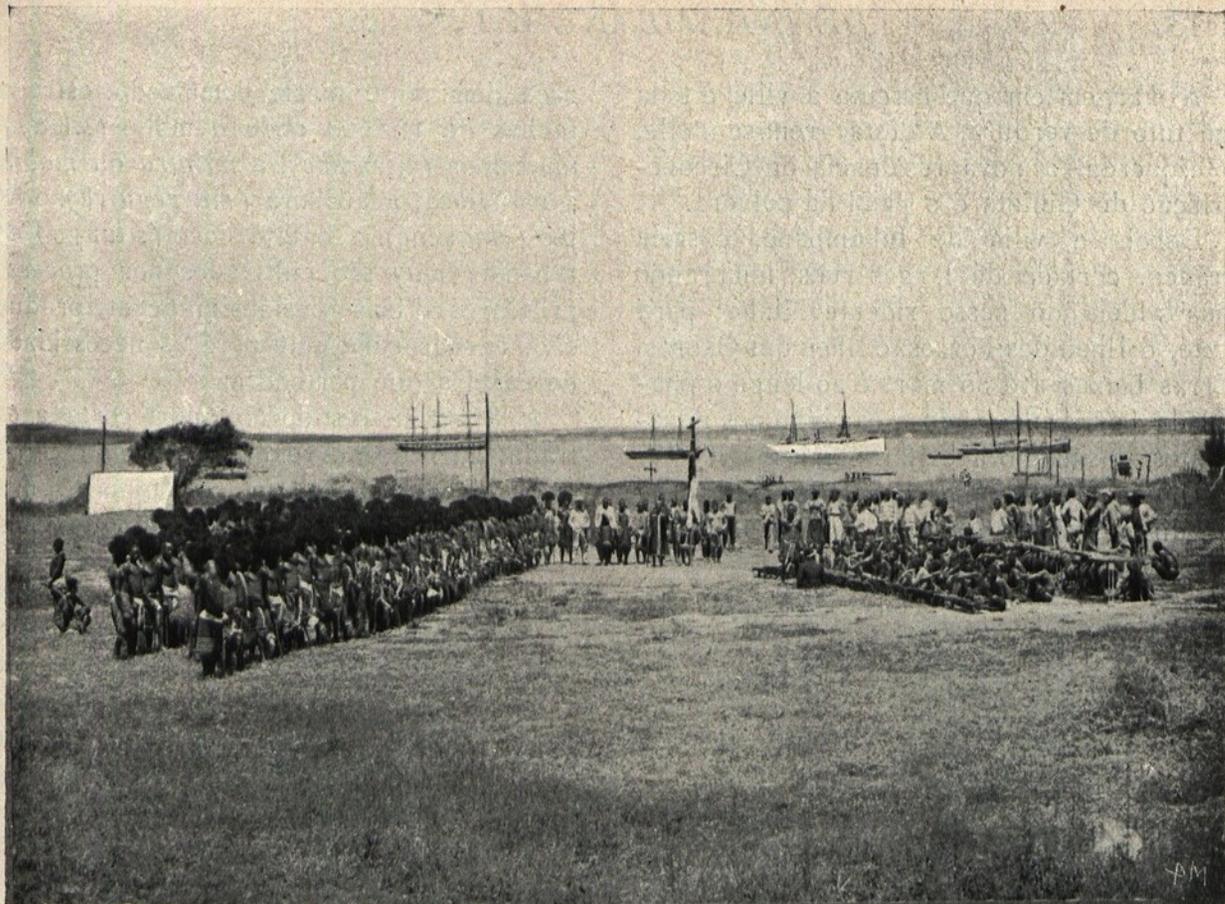
Para bem apreciar e corrigir a pedagogia froebeliana, para organizar um *Kinder-garten* á altura do nosso tempo fôra necessario estudar e comprehender as obras de Froebel (3 volumes em duas edições) e varios escritos diversos do mesmo; os livros mais importantes de que essas obras foram objecto (o mais recente publicado em 1906 saiu da penna de M.^{me} Adèie de Portugal), todo o movimento pedagogico moderno, especialmente os seus grandes representantes Comenius, Locke, Basedow, Rousseau, Peralozzi, Fichte, que, directa, ou indirectamente, actuaram no espirito de Froebel, e as investigações recentes de psychologia infantil; e tudo isso feito nas proprias fontes.

(Conclue.)

F. ADOLPHO COELHO.



ESCOLA INFANTIL FROEBEL, ESTABELECIDA NO PASSEIO DA ESTRELLA



A «TIMBIRA» — INDIGENAS EM TRAJES DE GUERRA

De Inhambane a Lisboa

I

PELO INTERIOR

CINCO horas da manhã. Ainda em densa nevoa mergulhada a villa, natureza e gentes descançando do calor fatigante da vespera, um d'aquelles dias d'Africa que suffocam, que

enervam, d'aquelles em que mais dolorosa e profundamente nos empolga o coração a saudade d'esta abençoada, d'esta sempre bella terra de Portugal.

Na residencia do governo, tudo prompto já para a partida — camas, barracas, trem de cosinha, rancho, fato, etc., etc., as mil coisas necessarias para uma viagem de dois mezes pelo interior do districto.

Às 6 horas partimos.

Já o sol se levantava e era ridentissimo o aspecto do porto. A' direita a barra, depois, olhando em redor, as terras do Côche, as plantações da Companhia Industrial e Agricola de Inhambane, a missão do Mongué, o compound da Withwatersrand, a missão americana de Chicuque e o commando de Maxixe. Depois, macissos de palmeiras, a que se seguem longas varzeas que vão até á foz do rio Mutamba.

Nas margens d'este, plantações de canna sacharina, d'entre as quaes se destacam, cortadas de linhas Decauville, verdadeiramente modelares, as plantações da Inhambane Sugar Estates.

A margem em que assenta a villa é toda um tufo de verdura. A destacarem-se n'elle, á esquerda, a nova residencia da Circunscripção de Guilala e o paiol da polvora.

Depois a villa de Inhambane, casaria branca, cortada de largas ruas, lembrando uma aldeia do nosso ridente Minho; para leste, o Ilheu dos Porcos, o Ilheu das Cabras, terras baixas até ao mar, e ao longe o pharol da barra indicando o caminho aos navegantes, ensinando a evitar baixios.

Um escaler a vapor leva-nos porto acima em direcção á embocadura do rio Mutamba

raça dominante n'este commando, estreitas fachas de terreno onde o milho (*sibia*), o amendoim (*ginumbe*), a *mapira* ou *mabila*, a mandioca, a abobora (*marreguire*), o feijão (*chiquene*), a batata doce (*silungo*) e o tabaco (*fela*) são cultivados por processos primitivos, d'uma quasi insignificante producção, apenas sufficiente para as necessidades do casal a que pertencem.

A 8 kilometros do Mutamba corta a estrada um pequeno veio d'agua. E o caminho segue depois na mesma monotonia, sem o menor relevo, até ao commando de Cumbana.

Quiz o commandante receber-nos festivamente. Mulheres de pannos berantes, pretos com as mais extravagantes toilettes, cantos, danças, um barulho ensurdecedor, a que só punham uma nota de harmonia os sons plangentes das marimbas, do *gítende* e do *guipendane*.

Os mulheres eram de um magnifico typo — fortes, hombros largos, pescoço fino, pelle setino-



A 7.^a COMPANHIA DE INFANteria INDIGENA

que subimos até á povoação do mesmo nome. O rio é ainda navegavel até um pouco mais a montante mas muito mais o seria se fosse limpo dos ramos e troncos de arvores que constantemente n'elle lançam as chuvas.

Desembarcámos cêrca das 9 horas. Esperavam-nos 100 carregadores, os creados que com os cavallos na vespera tinham partido por terra, e os nossos moleques. E ás 10 e meia, tendo comido uma ligeira refeição, partimos para Cumbana onde chegámos cêrca das 2 da tarde, depois de fatigante caminhada por uma estrada de areia solta, nua, sem a mais pequena sombra.

Aos lados do caminho bordado de ananazes, estendem-se as plantações dos *bitongas*,

na cabeça aigrettes de missanga (*mu-gango*), as faces marcadas com cinco pintas (*sichogotella*), o ventre as coxas tatuados (*gindova*), os dentes afiados a escopro e martello. Pannos de côres berrantes (em regra 3: *muandá*, *gicumbo* e *táto*) cobriam estes corpos por vezes esculpturaes, d'um tom que ia do preto ao encarnado-escuro. E tudo isto se movia em salerosos requebros, em batuques varios, fazendo chocalhar as tiras de missanga (*funga*) que traziam rente ao corpo, tilintando as manilhas das pernas, dos braços e do pescoço, deixando advinhar loucos movimentos por baixo do *guinungo* que lhes cobria o peito...

Os homens eram de estatura mediana.

Ao pescoço usavam collares de missanga (*ulungo*) ou de clinas de cavallo (*fenhane*), e nos braços e pernas manilhas de arame de latão a que davam o nome de *siquele* e *unavilla*.

Vestiam quasi todos casacos, capas de borracha, sobretudos, fardas as mais variegadas, e um d'elles vi eu encasacado, grave, circumspecto e... porquissimo por signal!

Tive vontade de vêr dois typos de destaque entre os pretos: o feiticeiro e o curandeiro.

Emquanto ao primeiro, foi para mim uma decepção porque não têm curiosidade alguma os seus processos, muito mais simples do que os dos feiticeiros de outras raças que depois encontrei n'esta viagem.

Assisti a uma consulta do segundo (*nhagissolo*). Chegou, sentou-se, e d'uma bolsa de palha (*gieupa*) tirou ossos de cabrito e gazella (*gisselo*); olhou para o doente, leu nos ossos mysteriosas coisas, levantou-se, receitou e... cobrou 20 réis! Oh, medicos

d'esta terra que, para nos aliviardes da mais ligeira enchaqueca, nos aliviades as algibeiras de quantos magros cobres ellas teem, ponde aqui os olhos e vêde o que é humanitarismo!

Tres dias depois, ao toque de marimbas, sob o barulho ensurdecador dos *baiète, incôse! cêna, cêna*, do som dasafinado de gaitinhas, arcos, de tudo, em summa, quanto o genio negro, para desgraça de ouvidos europeus, se lembrou de inventar, deixámos o commando de Cumbana, partindo em direcção ás minas de N'hangelle. A estrada era agora já de bom piso e cheia de sombra.

De quando em quando palhotas de indigenas e de longe a longe uma ou outra loja onde, asqueroso, porco, mechendo, fatalista, nos pés e entoando uma monotona cantiga, talvez, quem sabe? a recordar-lhe os palmares verdejantes, as delgadas bailadeiras da sua India tão distante, um monhé vendia uma ainda mais repelente bebida a que chamava vinho, e roubava descaradamente o preto trocando-lhe a libra por 3⁰⁰500 réis e uma braça de chita que valeria, quanto muito, 100 réis!

Fomos almoçar a uma povoação grande,



UM TRECHO DO RIO INHARRIME
(Na altura da Lixanga)

de palhotas alinhadas, largas ruas, que nos disse um dos nossos cypaes chamar-se Mabeçuana e pertencer ao cabado de Malaiassa.

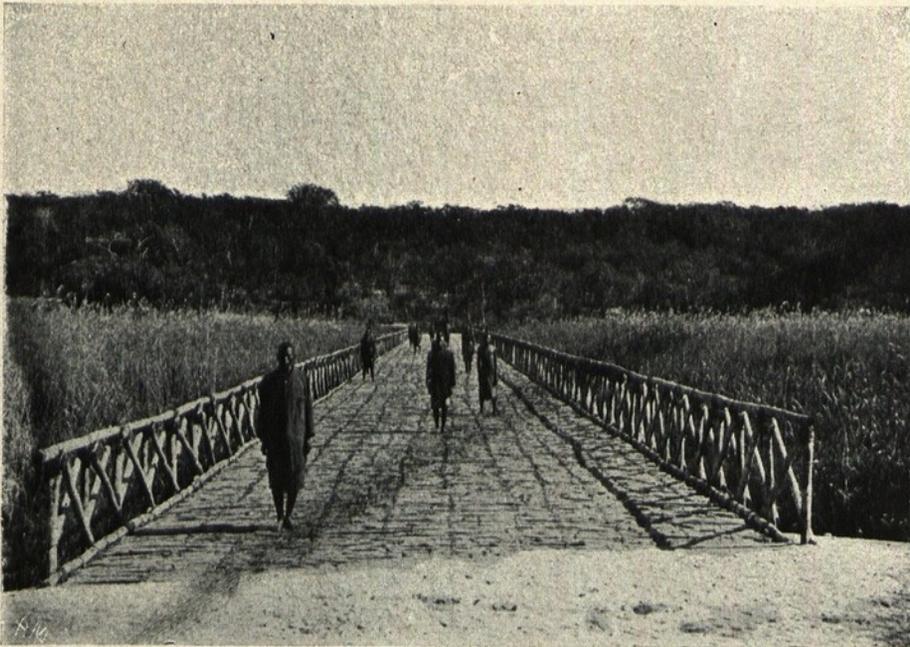
As palhotas eram da fôrma usual: um cilindro encimado por um cone; dentro, divisões formadas por esteiras — na parte superior um taboleiro de caniço para guardar os mantimentos.

Ao centro da povoação uma «casa de fumo» onde, enquanto as mulheres trabalhavam nas *machambas*, os homens passavam o tempo fumando n'um comprido «canudo» ou n'um narguilé rudimentar onde queimavam um tabaco fortissimo, *bangue*, que produz uma tosse cavernosa e a perda, com o tempo, das

faculdades mentaes, e que elles julgavam os fortificava!

E d'este *dulce farniente* só consegue arrancar-os a comida, uma mistura de farinha de milho ou de mandioca, de feijão e amendoim pilado, regada com o celebre e nunca assaz cantado «vinho branco» ou com o *sope* que, ás escondidas das auctoridades, a cada canto fabricavam.

Deixámos depois do almoço Mabecuana. Fomos dormir a uma pequena povoação a 10 kilometros de N'hangella, nas margens da lagoa dos Cavallos marinhos, e depois



PONTE SOBRE O INHAMETAMDE

d'uma noite tormentosa, d'uma lucta heroica com mosquitos varios e de variadas fórmas, partimos para N'hangella onde chegámos cêrca do meio dia.

Do alto onde está situada a povoação avista-se toda a região das pesquisas petroliferas, vastos planos onde abunda á superficie a elaterite. Vem já de muito longe os trabalhos no districto para este fim — mas sem capital para tão dispendiosa empreza, sem material apropriado e, sobretudo, sem pessoal para d'elles proficientemente se desempenhar, não tinham dado resultado algum. Outro tanto já não succedia com as pesquisas mais modernamente feitas que, dirigidas por pessoal habilitado, com longa pratica nas regiões petroliferas da Russia e da America do Norte, tendo á sua disposição ma-

gnificas sondas, bem depressa chegaram a grandes profundidades, encontrando dia a dia mais seguros indicios da existencia do petroleo que eu n'essa occasião vi extrahir misturado com agua d'um dos poços.

Em visitar um dos *drill* passámos aquella tarde. E á noite, a desenas de kilometros de Inhambane e a milhares de leguas de qualquer terra civilisada, n'uma simples palhota, tendo por horisonte um campo deserto, de kilometros sem fim, nós sentavamo-nos a uma meza coberta de flôres, graves, encasacados, de commendas ao peito, ouvindo uma musica cafreal de marimbas e batuques, mas tudo com um tal conforto, sob a magia dos dedos delicados d'uma mulher forte e varonil e da graça estonteante da mais adoravel *miss* que os meus olhos viram em terras africanas, que aquella dia deixou em todos nós uma tão deliciosa lembrança que, mezes mais tarde, no terraço sumptuoso do Casino de Monte Carlo, olhando o azul purissimo do mar, abancado a uma meza scintil-

lante de cristaes e prataria rara, e chegando aos meus ouvidos, n'uma melodia quente, a musica perturbadora d'uma orchestra de zingaros, eu me lembrei com saudade d'uma palhota perdida lá para o interior d'Africa, n'um campo alagadiço e doentio, ouvindo uma musica cafreal, tudo isto transformado em delicioso *home* sob o influxo adoravel d'um vestidinho de cassa branca, d'uns olhos de sonho, d'uns cabellos d'oiro...

*

Quatro dias depois partiamos para o commando de Inharrime. E' deslumbrante o panorama que d'ahi se disfructa. Assente no cimo d'um monte, adormecida aos pés a lagoa Poelela, o rio Inharrime a sumir-se

entre montes para os lados de Chicomo, a linha de lagoas ao longo da costa, as dunas correndo para o sul, e para além d'ellas o mar revolto, quebrando-se nos rochedos da ponta á Zavora...

No commando esperava-nos a mesma recepção que tivemos em Cumbana, mas então maior, de mais gente ainda, indigenas d'uma raça guerreira cujas canções e danças têm qualquer coisa de imponente e grandioso que uma vez vista nunca mais se póde esquecer.

O mesmo barulho ensurdecador, o mesmo movimento, a que davam alegria e graça as côres variiegadas dos panos das mulheres e das pelles de animaes varios com que cobriam o corpo os figurantes das danças de guerra.

E então, diante dos nossos olhos extasiados, passavam esbeltas negrinhas, ás duas e duas, tatuadas nas faces, no ventre e nas pernas até aos joelhos, as orelhas furadas d'onde pendiam em ar de brincos pequenos

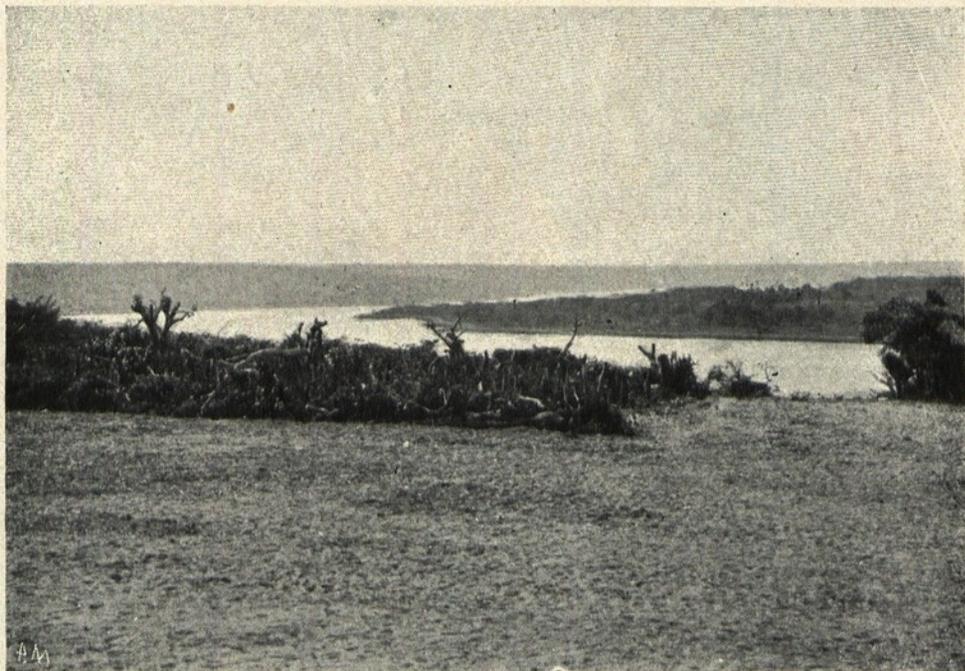
troços de madeira, alguns enfeitados a misanga, dançando o *Chibobo* em meneios e requebros que, ao som cada vez mais apressado das marimbas e batuques (tambores), mais se apressavam tambem, cada vez mais dobradas, cada vez mais estonteantes, a acabar n'uma formidavel, n'uma homérica dança de ventre, sublime e extasiadora apothese da linha curva...

Mais além, acompanhadas pelo bater compassado das mãos, outras dançavam a *Masessa*.

Eu vi no Egypto fazer resurgir do pó de vetustos papyrus illuminados e dos muros de archaicos tumulos as velhas danças; eu vi as «bailadeiras» de sabres nus, cortantes, de frios reflexos de aço a contrastar com o marfim rosado d'uma carne palpitante, eu vi-as

dançar em homenagem a deuses, danças que só deuses podiam ter inventado; eu já assisti em *cabarets* de Paris a cancans furibundos que entonteciam como espuma de champagne, e já vi na grave e pesada Londres, sob reflexos arroxados de luz electrica, dançar, em compassos tão suaves que cada um d'elles era em verdade uma melodia inteira, a mais perfeita beauty que os meus olhos têm adorado.

Já vi isso tudo; mas n'aquella tarde, sob o reflexo d'um occaso africano, com aquelle scenario que encantava, a lua misturando



O RIO INHARRIME

já os seus fios de prata aos raios d'ouro do sol, todos aquelles corpos de ebano purissimo movendo-se sem um passo fóra do acorde, requebrando-se, ora doces e meigas como uma suavissima caricia, ora altivas e cortantes como um olhar ironico de mulher, tudo aquillo produziu em nós uma sensação que eu não me lembro de a ter experimentado mais viva nem mais forte senão muito mais tarde, no meio já d'esta viagem, na magica e enigmatica Italia, quando, depois de cortar na minha gondola as aguas serenas do Canal veneziano, tão cheio de mysteriosas e perturbadoras recordações, assisti a um espectáculo tão bello que por momentos me senti transportado á velha Hellade, a terra sagrada da arte, do culto á belleza e da religião do amor.

Na esplanada, do outro lado do commando, cada regulo e cabo apresentava o seu batuque. Plumas de avestruz na cabeça, clinas de cavallo nos braços e nas pernas, o tronco coberto de pelles de tigre e raposa, nas mãos um escudo pequeno, um machado e uma zagaia, toda aquella pretalhada dançava, cantando lendas de guerra, imitando cargas de cavallaria, nos mil tregeitos e esgares da *Timbira*, da *Zumba* e da *Guinha*.

Os advinhadores e curandeiros que entre as gentes de Cumbana pouco interesse des-

marimbas e batuques, os mais repellentes esgares, dar de beber áquella gente toda uma mixordia qualquer que devia denunciar o causador da morte.

E vi n'uma outra povoação um *Nhamahonzo* dar de beber a uma gallinha e a um cão, o succo da casca d'uma arvore (*uanga*) que, ou os matava denunciando o feiticeiro, ou os deixava sem mal de maior e illibava de toda a culpa o suspeito criminoso, barbaros costumes que a nossa influencia tem dia a dia feito desaparecer, mas que para o interior, em algumas regiões, são ainda conservados.

Quiz assistir á festa da circumcissão dos muleques e da lição ás raparigas, mas não o consegui por não ser aquella a época propria.

Dias depois partimos ao longo das lagoas Poellela, Massava, Nhacodué e Quissico até á povoação d'este nome, séde do commando de Zavalla.

Das danças de *maguambas*, *bindongas*, *pinguines*, *walengues*,

m'chopes e *bilenes*, eu só poderei dizer que ellas foram mais interessantes ainda do que em Inharrime. Mas o que mais nos chamou a attenção, o que mais vivamente se gravou no nosso espirito, foi a impressão que experimentámos ao ouvirmos o *Incuia*, o canto de guerra dos vatuas.

Com franqueza o digo: não conheço hymno algum traduzindo com mais verdade a alma d'um povo, as suas aspirações de liberdade e de justiça, o amor arreigado á sua terra, do que aquella canção guerreira, ora vibrante e energica como um toque de clarim, ora plangente como um soluço, parecendo acabar n'um echo longinquo, n'um marulhar de vagas na areia d'uma praia batida de luar.



NO COMMANDO DE CHICOMO (COGUNO)

pertavam, eram aqui muito mais dignos de menção.

Eu vi um *Nhatischolo* atirar ao chão o *tischolo* de conchas de kagado, buzios, ossos d'uma cabra velha que não tivesse procriado, d'um bode velho, d'uma cabra só com uma cria, d'um cordeiro de dois dias, de gazellas macho e femea, d'um porco do matto, d'uma ovelha e d'um carneiro, e lér depois na disposição d'esta bugiganga toda, um remedio que um seu ajudante, o *n'ganga*, applicava; mais além vi um *Nhamatzau* mandar formar em circulo a gente d'uma povoação onde tinha morrido uma mulher, e, depois de se ter coberto das mais extraordinarias coisas, como ossos, pelles, tintas de cores berrantes, etc., fazendo, ao som de

Dois dias depois partimos para as terras do regulo Canda até Chivacane, perto dos limites do districto.

E' admiravel a vista d'ali. O Inhatunbo correndo entre montanhas onde branqueia aqui e além, sobre o fundo verde da terra, o fumo das palhotas, as lagoas estendendo-se serenas e adormecidas no sopé da cadeia de dunas ao longo da costa, e ao longe o mar muito azul, muito puro, a confundir-se no horisonte com o azul purissimo do ceu d'Africa.

Em todas as povoações nos esperavam as mesmas danças e canções que nem em marcha cessavam, entoadas pelos carregadores, pelos muleques e pelos muitos outros indigenas que sempre caminhavam ao nosso lado. Depois de descançarmos nas terras de Canda, partimos para as do regulo Zandamella, passando por Guni, Chitondo, Mahomba e Libenuco.

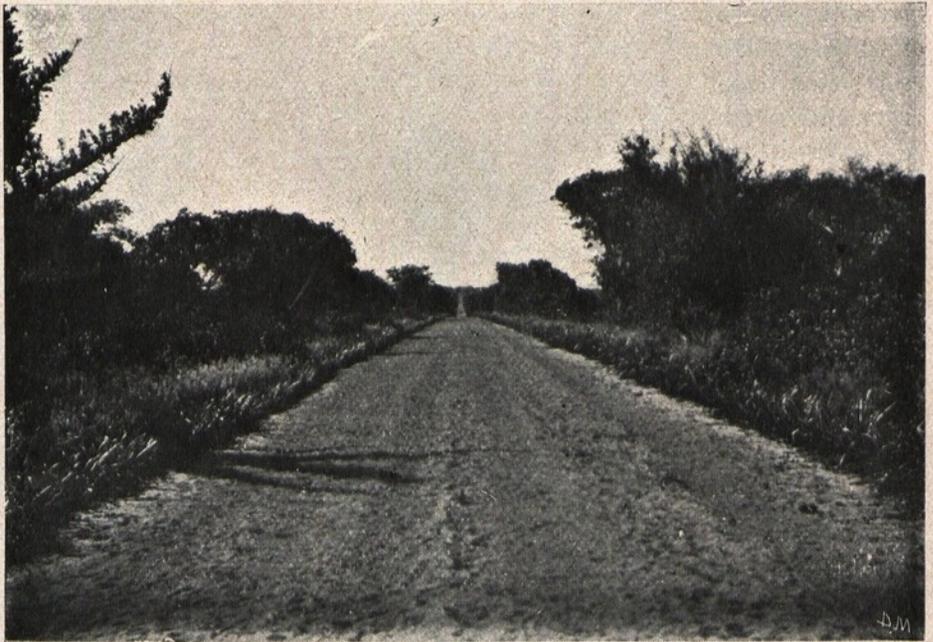
Em Zandamella acampamos para assistirmos a caçadas ao cavallo marinho na lagoa Marrangua e a batidas nos planos que d'ahi se estendem até á planicie de Inhassuno onde abunda a caça grossa, principalmente o antilope, a pala-pala, o porco bravo, o eland, a zebra, etc., etc.

D'ahi, passando pelas terras de Macanda e Mavulule, fomos acampar nas margens da lagoa Chipane, d'onde, cortando os regulados de Chissôa, Mavilla e Matona, voltámos ao Quissico e pela estrada das lagoas a Inharrime.

Descançámos quatro dias, passados os quaes, embarcando n'uma pequena lancha, subimos o rio até ás terras de Guilundu e Mindu, detestavel viagem de que conservo a agradavel lembrança de, por um erro de informação, termos sido obrigados a almoçar ás 2 horas da madrugada, depois

de 18 de navegação, incommodados, mordidos de mosquitos e cheios de fome.

Nas alturas do Madoluane, pequeno riacho que desagua no Inharrime, atravessámos este em direcção ás terras de Matimella, donde seguimos para as de Inhamuenda, passando pela povoação de Mocumbini, Chitate e Binguana. Retrocedendo depois a tomar a estrada para Coguno, fomos acampar á povoação do regulo Banguza, donde na manhã seguinte partimos para a Lixanga onde descançamos um dia. Atravessamos o Inharrime na altura do com-



ESTRADA PARA COGUNO

pound de Withwatersrand, seguindo d'ali por uma larga estrada de 12 kilometros em absoluta linha recta até ao commando de Chicomo, tendo passado o rio Inhametande por uma ponte que era um verdadeiro modelo em construcção cafreal.

Com as mesmas danças e cantos fomos recebidos no commando onde nos demoramos quatro dias, seguindo depois a visitar as terras do Guambá grande e do Guambá pequeno, tendo então occasião de assistir ás variadas phases d'um casamento indigena e mais adiante ao ceremonial interessantissimo do enterro d'um regulo.

Foi perto de Coguno.

Elle, um pretalhão forte e desempenado, viu-a n'um batuque. Viu-a e... amou-a... Falou-lhe em casamento — ella de olhos

baixos, pudica, ruborisadas as faces como uma dessas figurinhas deliciosas de Watteau, disse que sim. Elle disse ao pae a escolha que fez, e este, aprovando-a, foi pedir a donzella. Tal qual como cá!

O noivo pagou ao sogro as 20 libras do estylo. E lá casaram...

Houve batuque, festa rija, rigissima bebedeira, cancans desenfreados, o demonio.

Casaram e creio que foram felizes. Meninos, não sei se os tiveram. Não me demorei o bastante para o saber... Partimos.

No caminho encontramos um grande cortejo, no meio do qual dois pretos levavam á pinga um fardo. Era o corpo d'um regulo.

Tinham-lhe dobrado as pernas e os braços sobre o tronco e enrolado em fazendas de variadas côres. Era aquelle o fardo que levavam.

Tinham já feito uma cama no lodo do rio Inhametande. Nessa cova o iam metter juntamente com fazendas, uma enxada, dentes de elephante, etc., etc., mil presentes que o morto ia levar aos seus antepassados.

Pozeram ali o corpo e por cima mais fazendas ainda, até com o peso ficar bem enterrado. Se voltasse á superficie, é que os presentes não eram bastantes. E lá iriam pôr mais ainda! Tres dias depois é que foi

tornada publica a sua morte e dada posse do regulado ao successor.

E então começou um batuque monstro que, quatro dias depois, quando d'ali nos fomos, ainda durava e duraria enquanto houvesse vinho, sura, sópe, qualquer mixordia com que apanhar uma homerica borracheira!

Depois de muita bebida, muita dança e festas e algo obscenas canções, vão chorar pelo morto: mais batuque, mais bebidas, mais danças e cantigas, que este mundo não vai para tristezas...

Até aqui, a relativamente pequena distancia entre os commandos, a exuberancia da vegetação, sempre variada, o panorama que por vezes era uma maravilha, e a vivacidade dos povos que habitavam esta região, as suas danças, as suas canções, tudo isto tinha concorrido para que a viagem nos fosse bem



DOIS GIGANTES E UM ANÃO
(Guerreiros de Zavalla)

agradavel. Mas aquillo ia acabar por um mez pelo menos. Iamos entrar na planicie de Inhassumo e d'ahi até Villanculos só tinhamos a séde do commando de Panda onde descançar. Atravessamos o Inhassuno, de leguas de extensão, sem se vêr uma só palhota. Ao longe viamos passar manadas de toiros bravos, antilopes, etc. Nenhum passou ao alcance das carabinas.

Chegamos ao commando de Panda. A raça dominante era a macuacua; a lingua, o

landim. Na cabeça usavam uma corôa de cera preta. No corpo, nenhuma tatuagem.

Depois de descançarmos tres dias neste commando partimos para Villanculos, longa jornada por um caminho de pé posto, detestavel, sem agua, a maxilla batendo constantemente nos troncos das arvores, os maxilleiros pessimos, uma tremenda massada tudo aquillo.

Passamos pela povoação do regulo Masive, o mais rico do commando de Villanculos; ali nos esperavam batuques varios, mas já sem graça, sem atractivos, que a distancia enorme entre as povoações não deixava juntar gente bastante para elles. As palhotas eram um cone; entrava-se n'ellas de gatas. O vestuario de homens e mulheres, apenas uma pequena pelle e algumas vezes um pedaço de casca d'arvore. Tudo aquillo era em extremo selvagem.

A distrahir-nos desta monotonia, só um casamento: depois dos varios passos protocolares, começou a festa; e, emquanto durou 5 ou 6 dias, os noivos viveram na mesma palhota sem terem relações. No ultimo dia pozeram-lhes uma vasilha com agua ao pé da cama — Então casaram *de verdad*. No dia

seguinte lavaram-se n'aquella agua e pozeram-n'a á porta da palhota; vieram os parentes, saltaram por cima da vasilha para entrar, lavaram-se ainda na mesma agua (!) e partiram para suas casas. Estava prompto o casamento.

Virgindade na noiva, é coisa de que se não importam. Nem eu sei mesmo se alguma vez nas pretas existiu. . .

O adulterio da mulher é para o marido um grande negocio: tres libras, tres magnificas libras para vinho, para sura, para pannos, etc., etc., e a paz conjugal subsiste e o menage continua feliz como até ali, a mulher prompta para mais uma «queda», o marido prompto para. . . receber mais tres libras. Decididamente a civilisação tem caminhado a largos passos em Africa. . .

Não adoram feitiços nem idolos. Só acreditam que no outro mundo se pode viver com todas as mulheres. . . dos outros! Acreditam nas almas dos antepassados; são ellas que mandam, é a ellas que constantemente consultam sobre as mais absurdas coisas. As mulheres sustentam os maridos: civilisação ainda. . .

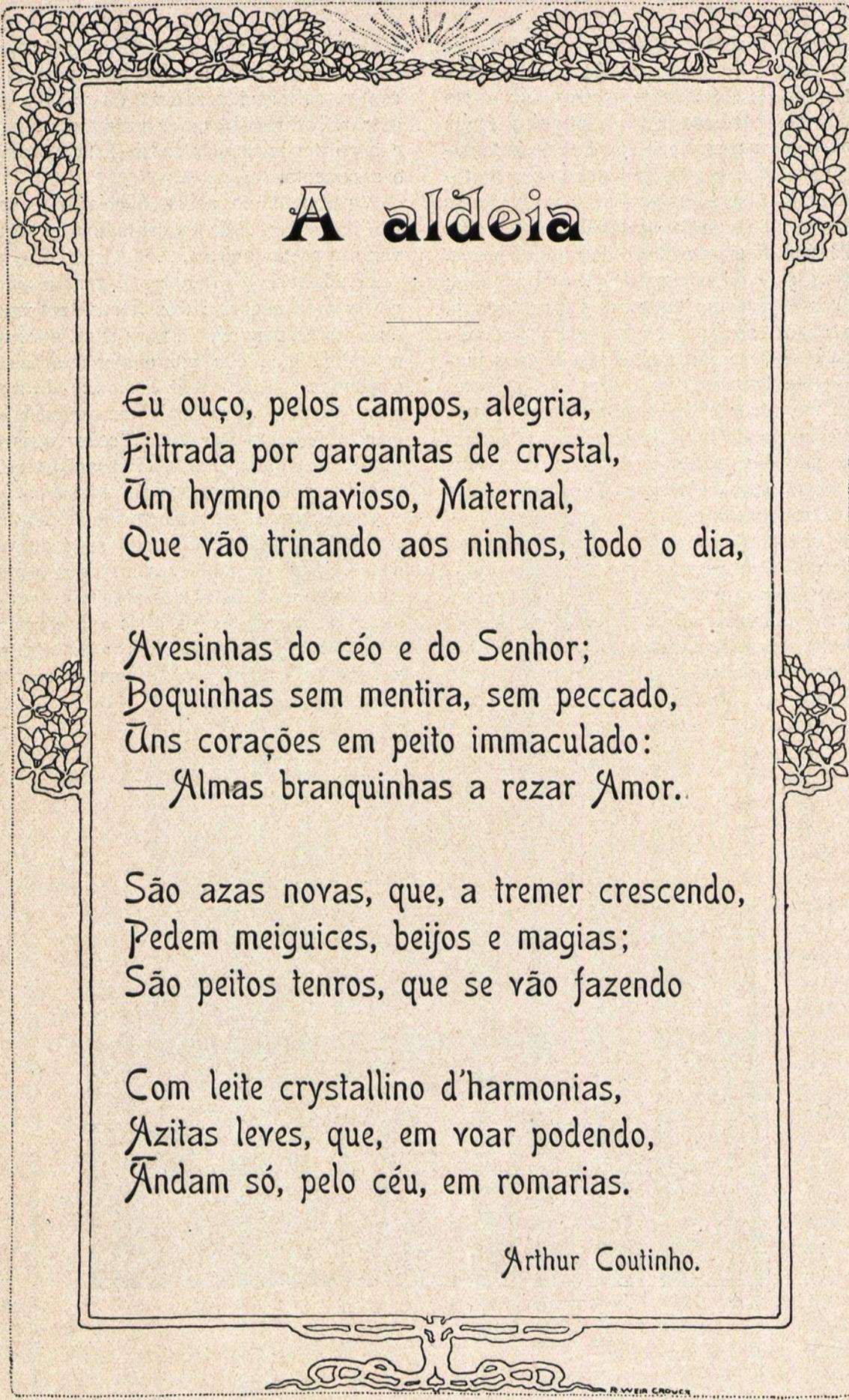
(Continúa.)

THOMAZ DE ALMEIDA GARRETT.



O PORTO

(Pilares para a ponte de desembarque)



A aldeia

Eu ouço, pelos campos, alegria,
Filtrada por gargantas de crystal,
Um hymno mavioso, Maternal,
Que vão trinando aos ninhos, todo o dia,

Avesinhas do céu e do Senhor;
Boquinhas sem mentira, sem peccado,
Uns corações em peito immaculado:
— Almas branquinhas a rezar Amor.

São azas novas, que, a tremer crescendo,
Pedem meiguices, beijos e magias;
São peitos tenros, que se vão fazendo

Com leite crystallino d'harmonias,
Azitas leves, que, em voar podendo,
Andam só, pelo céu, em romarias.

Arthur Coutinho.



Recordações de então

IV

Poucos são os aficionados de hoje que se recordam da primeira geração de artistas que pisaram a arena da praça do Campo de Sant'Anna. Por esse motivo, parecem-nos interessante lembrar-os em poucas linhas, antes de nos occuparmos da gente que formou a segunda geração, mais nossa conhecida.

João Ferreira Grillo e Antonio Maximo de Amorim Vellozo, foram os dois cavalleiros que inauguraram esta praça, tendo um e outro já feita a sua reputação, sellada em successivas tardes de gloria na praça do Salitre.

Do primeiro só se sabe que era um artista de raro valor; do segundo affirma-se que era o cavalleiro da moda no seu tempo, em que, como bandarilheiros, se distinguiam

os irmãos Alegria, Perico e Francisco, este ultimo conhecido por *C. de chumbo*.

João dos Santos Sedvem já por nós foi apresentado como um bom cavalleiro. Tendo exilado com D. Miguel para Italia, alli casou com uma genoveza, regressando mais tarde a Portugal, e vindo a trabalhar no Campo de Sant'Anna com Mesquita e Bittencourt. Equitador eximio, era tenente picador da guarda municipal, motivo porque nenhum collega o avantajava na arte de picaria.

Manoel José de Figueiredo foi tambem um dos cavalleiros que alternaram no Campo de Sant'Anna, mas nunca passou de artista mediocre.

Da gente de pé, portugueza, foram Joaquim Ferreira Grillo, Antonio Bacharel, Joaquim Emygdio Roquete, Antonio Roberto e José Maria Mendonça os que inauguraram a praça do Campo de Sant'Anna. Dos tres primeiros, a historia do toureio só nos trans-

mittiu os seus nomes; de Antonio Roberto, que foi um artista muito valente, já tivemos occasião de falar.

José Maria Mendonça partiu para Hespanha pouco depois de sahir da Casa Pia, onde foi educado. Foi alli que se dedicou á arte de tourear.

Era de pequena estatura mas valente com os touros, e artista bastante apreciado do publico. Muito dado ao que nós hoje chamamos *alegrias taumachicas*, executava o *salto de Martincho* com grilhões de folha collocados nos tornozellos, e passava os touros com um chapéu de sol, sorte em que era exímio.

Antão da Fonseca, irmão de Antonio Roberto, poucas vezes toureou no Campo de Sant'Anna. Tinha outro irmão, de nome Luiz Antão, mas este ainda menos vezes do que elle veiu á velha praça de Lisboa. Quer um quer outro alargaram mais a sua esphera de

acção pelas praças sertanejas, onde o publico de ordinario é menos exigente.

João Pedro da Herra foi um peão distincto e muito estimado, mas só se evidenciou como bandarilheiro; raramente utilisava as mãos para saltar a trincheira. Em compensação, Joaquim Russo, se se destacou menos com as bandarilhas, sobresahia quasi sempre no manejo do capote.

Manoel Calabaça (pae de João da Cruz Calabaça) foi um bandarilheiro de valor.

Um irmão d'aquelle, de nome Sebastião Garcia Calabaça, foi espada da praça do Salitre, e o melhor toureiro que Lisboa teve na sua época. D. Miguel era muito seu amigo, dando-lhe até uma mezada.

Quando este principe partiu para o exilio, Sebastião Calabaça acompanhou-o até Santarem; e alli, organisando D. Miguel uma

brincadeira n'um pateo, sahiu o intelligente toureiro com duas canas para um touro, mas quando ia a fugir por uma janella, um campino fechou-lhe as portas, dando em resultado o animal feril-o gravemente, feridas que lhe vieram a dar a morte no hospital de Santarem.

Francisco Lasca, de Aldegallega, e um tal Maia, de Coruche, onde era oleiro, não chegaram a alcançar celebridade, apesar de terem toureado muito como bandarilheiros. O primeiro, muitos annos depois de retirado do toureio, ainda veiu ao Campo de Sant'Anna, a um beneficio de José Cadete, que tambem já não trabalhava, bandarilhar conjuntamente com este um bezerro, visto que a avançada

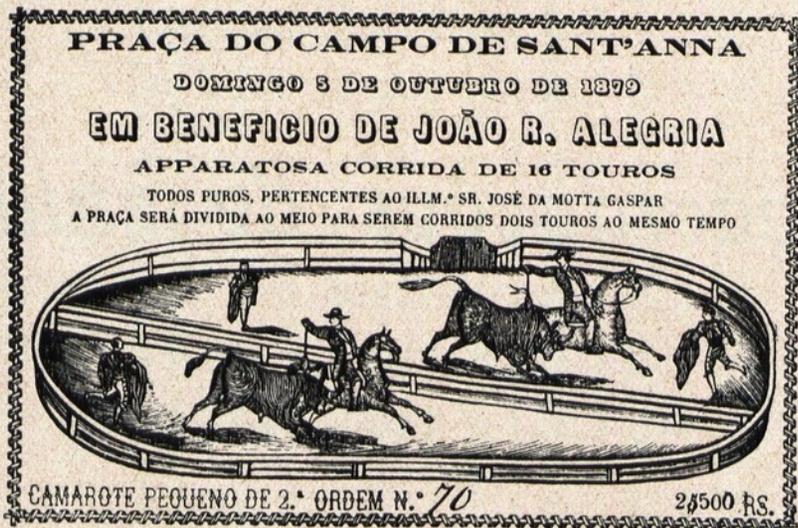
idade já não permitia a um nem ao outro entenderem - se nem mesmo com um garraio.

Uma nota curiosa: José Cadete, que foi um dos toureiros que mais abusaram com os touros, terminou a sua brilhante

carreira artistica lidando um bezerro! Elle, que bastas vezes saltava a trincheira sem lhe tocar com as mãos, atirando-se até em muitas occasiões, de um salto, para as primeiras filas das bancadas do publico, tambem teve, como o seu companheiro d'essa tarde, que utilizar os esconderijos armados em volta da arena para melhor se defender do quasi inoffensivo animal!

No que se transforma a existencia!...

José Antonio de Lima, cujos primeiros principios foram de cocheiro, veiu a trocar esta profissão pela de bandarilheiro. Tinha um publico seu, e chegou a fazer boa figura lidando rezes bravas. Ao fim de alguns annos, porém, escasseando-lhe as faculdades, começou a tourear a cavallo, sendo contractado para ir ao Havre, onde levou Sancho em sua companhia.



UM BILHETE ARTISTICO

Terminamos este artigo com os perfis de dois artistas — Manoel Botas e Diamantino Pontes — que mais ou menos enfileiraram na época que vimos acompanhando, e que são actualmente os unicos representantes d'essa geração de toureiros que ainda é bem recordada por nossos paes, e que assignala uma época na qual o espectáculo contava os mais encarniçados entusiastas, desde a nobreza até ao povo.

Manoel Antonio Botas é contemporaneo dos grandes vultos da tauromachia, desde Sedvem ao Mourisca, desde Antonio Roberto ao *Caixinhas*. Com todos trabalhou,

Ha uns sessenta annos, ahi por 1848 ou 1849, houve na Alhandra uma corrida de touros para os curiosos da terra. Entre os bichos appareceram dois tão grandes, que o empresario — o lavrador Domingos de Carvalho — recebeu algum desastre, e pediu aos bandariheiros Manoel Vargas e Manoel Calabaça para os lidar. Acceberam estes, mas levaram em sua companhia a um rapazote, vendedor ambulante de coisas diversas, para que toureasse tambem. Esse rapazote era Manoel Botas, o velho de hoje.

Tão boa figura fez n'essa tarde, e desejoso de seguir a carreira de *capinha*, que logo no domingo seguinte veiu ao Campo de Sant'Anna, para o touro da embolação, e allí mesmo, pegando em quantas bandarihas pode agarrar, deitou-se a amolar-lhe os ferros com um tijollo. Tão boa sorte teve que as empregou todas e com habilidade.

Dois domingos depois, José Cadete — que vindo de Evora, ficara preso em Alde-

gallega — faltou á corrida no Campo de Sant'Anna, e o empresario Alegria, vendo allí ao novel curioso, agarrou-o, e saltando com elle para cima do curro, foi mostrar-lhe os touros de Rafael da Cunha, que deviam ser lidados n'essa tarde, dizendo-lhe:

— *Te vás a torea... Y anda que si los torea, toreas hasta lo toro é Maria Santissima!*...

Tão bem se sahio Botas do encargo, que no final da corrida, quando foi receber a importancia do seu trabalho ao escriptorio da empreza, o velho Alegria teceu-lhe grandes elogios, assim como um outro entendido aficionado, o João Barbeiro.

Foi uma tarde de gloria!... Recebeu 2\$400 réis!...

O primeiro passo estava dado e logo lhe appareceram diversos contractos, entre elles um de João Sedvem, para ir a Almada tourear em companhia de quatro rapazes da mesma idade. Foi e continuou agradando muito.

O empresario, que via n'elle já um engodo ao publico, convidou-o para a corrida seguinte, mas Manoel Botas, conscio do seu valor, respondeu que

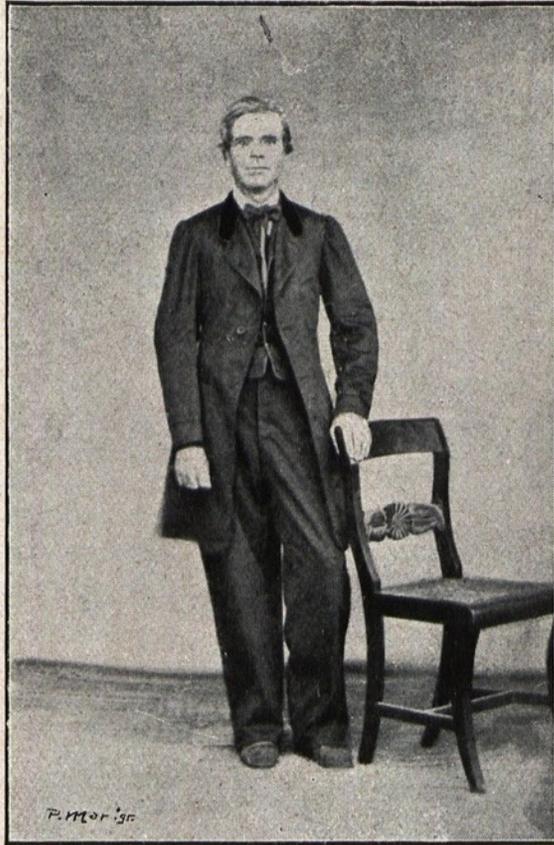
não iria menos de *trez quartinhos*! O resultado foi apanhar um tremendo pontapé do empresario — pelo atrevimento! — e ter que deitar a fugir... para não levar mais.

Hoje, qualquer rapazote que use calça larga e *sombrero ancho*, se o chamam para tourear pede logo... a sorte grande de Hespanha, e mais alguma coisa...

Mas... voltemos ao Botas.

Poucos dias depois o Sedvem mandou-o chamar e lá combinaram a historia dos *trez quartinhos*, porém... isso seria um segredo que morreria com os dois!

Tambem, como muitos dos seus collegas,



ANTÃO DA FONSECA

(Phot. pertencente ao sr. João Roberto)

toureu em Hespanha. Foi a Badajoz, e em Caceres, uma tarde em que se desembolára um touro de cavallo, o publico pediu aos *capinhas* que o lidassem, sendo extraordinaria a ovação que todos ouviram — Manoel Botas, João Calabaça e Manoel Cadete.

Com João Calabaça, visitou a ilha Terceira, e alli, na praça de S. João Baptista, em Angra, toureou com muito agrado, fazendo tão boa figura que ainda hoje o seu nome é lembrado, contando bastantes amigos entre os antigos aficionados.

Poucas colhidas teve. A mais grave foi em Villa Franca, onde um touro o feriu de maneira a romper-lhe o escroto. Operou-se a si proprio, porque n'esse tempo não havia enfermarias nem medicos nas praças!

Eis a historia de Botas como toureiro, o sympathico velho a quem todos os aficionados respeitam — pela idade e pelos conhecimentos que possui da arte.

Diamantino Pontes é actualmente o decano dos cavalleiros portuguezes, tendo alternado com todas as summidades do seu tempo. Nasceu em Lisboa a 16 de maio de 1833, no predio n.º 12 do largo de S. Paulo.

Os seus primeiros passos na tauromachia foram dados na praça de Almada, n'uma corrida de beneficencia promovida pelo conde de Vimioso a favor de alguém que protegia. Tinha então quinze annos. N'essa

(Continúa.)

tarde trabalhou como bandarilheiro ao lado de Pereira Nunes, Callado, *Caçuza*, e outros amadores consumados.

Foi ahi por 1862, tambem instado pelo conde de Vimioso, que decidiu dedicar-se ao toureio a cavallo.

Diamantino, bom conhecedor dos segredos da equitação, sobresahiu sempre pela valentia, mostrando-se e expondo-se aos touros como faziam os toureiros de outras éras.

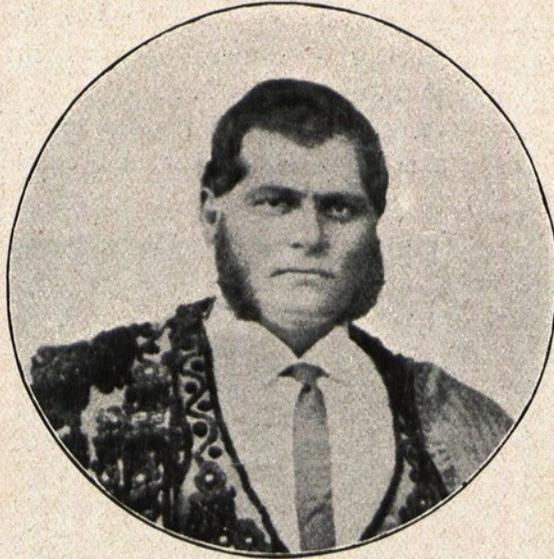
Um exemplo. Para certa corrida de beneficio no Campo de Sant'Anna, tratava o promotor de reunir attractivos, mas attractivos a valer. Já contava com algumas novidades de Batalha, Mourisca, e

outros. Faltava consultar Diamantino, que tambem estava falado para entrar na festa. Foi encontrado no Montanha.

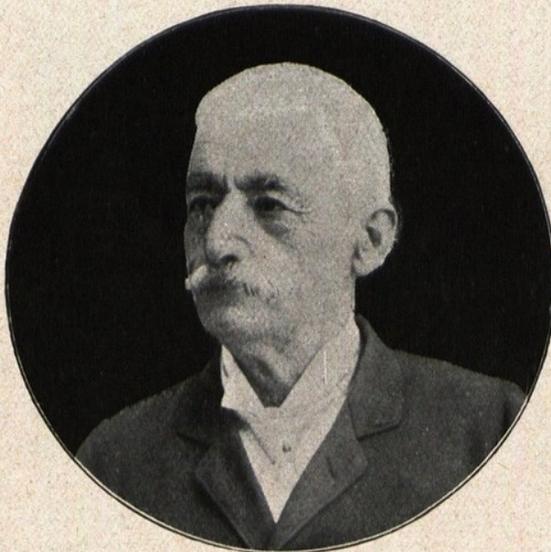
— Olhem — disse Diamantino, rindo-se, depois de saber ao que iam — um attractivo, só se fôr tourear um touro, montado n'um cavallo em pello, levando para governo uma simples corda!...

O dito sahi da bocca de Diamantino simplesmente por graça, mas o promotor da corrida não se importou com isso, e no dia seguinte já vinha a noticia nos jornaes, acompanhada dos nomes de quem tinha ouvido a conversa.

Diamantino nem por isso deixou de cumprir a palavra, contribuindo assim para uma enchente completa; e o publico cobriu-o de applausos, pois foi felicissimo, como nunca suppóz, ao ter que tomar o dito a sério.



MANOEL BOTAS



DIAMANTINO PONTES

A PAIZAGEM PORTUGUEZA

(Inquerito aos homens de letras e outros artistas)



TERMINAM hoje os *Serões* o seu inquerito sobre qual o ponto mais pictoresco de Portugal. D'elle se ractifica a afirmação de ser o nosso paiz um delicioso *bouquet* de paizagens, de floridas estancias, deliciosos edens, e paradisiacos recantos, onde a natureza espalhou a flux as suas galas mais opulentas e mais magnificentes. Byron, o poeta de amor, proclamou Portugal o paraizo terreno e nenhuma creatura ha, que forasteie entre nós, que não boquiabra a sua admiração e não sinta, ao apartar-se, a saudade de deixar tal ceu, taes arvores, e tal torrão.

Muitas das nossas paizagens são as preferidas. Todavia Cintra, o Bussaco e o Bom Jesus de Braga são as que maior votação tiveram.

Termina-se hoje o inquerito e com lisongeiro resultado. Ufanam-se d'isso os *Serões*. Não é sem ufunia que conseguiu reunir respostas tão curiosas, como algumas das publicadas, e nomes tão gloriosos como os que as assignam. Guerra Junqueiro e Gomes Leal, Fialho d'Almeida, Bulhão Pato e Theophilo Braga deram-nos em pequenos e interessantes artiguinhos as razões da sua preferencia. Mas não só estes escriptores responderam ao nosso convite. João Penha, Candido de Figueiredo, Manuel Duarte de Almeida e Abel Botelho, nomes de primeira grandeza na nossa litteratura contemporanea, tambem com penhorante gentileza nos deram a sua adhesão.

Entre os pintores Columbano e Luciano Freire; d'entre os caricaturistas Francisco Valença e Jorge Colaço. Mas não pára aqui a

lista: D. Olga Sarmento da Silveira, escriptora illustre e consagrada; Affonso Lopes Vieira e Correia de Oliveira, Henrique de Vasconcellos, Julio Dantas, Augusto Gil, Alfredo de Mesquita e Manuel da Silva Gayo, José de Figueiredo e Arnaldo da Fonseca. Querendo completar a lista teremos mais, entre os jornalistas, Magalhães Lima, gloriosa figura do nosso jornalismo, José Sarmento e Santos Tavares.

Uma lacuna houve e com magua a registramos. A resposta d'esse bello espirito e litterato primoroso, alma feita de luz e coração cheio de bondade, que se chamou D. João da Camara, que promettida aos nossos leitores a morte implacavel veiu furtar á sua curiosidade amiga.

José de Sampaio (*Bruno*) tambem nos notifica em carta, que sómente não nos envia a sua opinião por falta de saude.

A serie de respostas que hoje publicamos, e com que encerramos o nosso inquerito, não desmerece das anteriores nem no interesse, nem nos nomes que a assignam. Gomes Leal, o illustre poeta, que tanto relevo acaba de dar ao seu *Anti-Christo*, dá-nos por escolhido o seu panorama favorito: a Penha de França. Eugenio de Castro, artista e burilador impeccavel do verso, o seu Mondego amado, da sua Coimbra querida. Fausto Guedes Teixeira, poeta, cujo nome é de ha muito do coração de todos, um trechosinho de Cascaes. Anthero de Figueiredo, o celebrado auctor d'esse insinuante poema em prosa que são os *Comicos*, o seu Minho decantado; Julio Brandão, o Julio Brandão das *Saudades*, do *Livro d'Aglais* e dos *Perfis Suaves*, uma suave paizagem, cheia de saudades e digna de um livro. E finalmente, para encerrar com chave de ouro, F. da Fonseca preferindo Cascaes, ain-

da, e Teixeira de Pascoaes, o Minho, dão um relevo notavel a este numero dos *Serões*.

Nenhuma ordem se seguiu na publicação das respostas mais do que a ordem chronologica, e no agradecimento nenhuma ordem tomamos tambem. A todos os que cooperaram n'esta documentada e curiosa obra a nossa infinda gratidão e o nosso maior reconhecimento.

E como nos livros antigos aqui se escreve o

Finis
Laos Deo

De GOMES LEAL

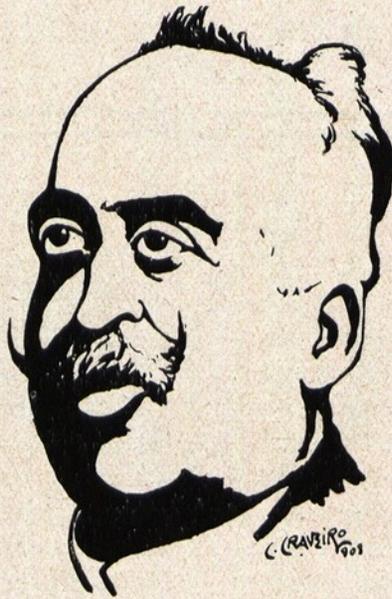
Escriptor

Muitos seriam os locais pittorescos que eu admiro em Portugal, como os da Serra de Cintra, o Bussaco, a Lapa dos Esteios, o Senhor Jesus do Monte em Braga e a Senhora do Monte na Ilha da Madeira. Referindo-me porém somente agora a Lisboa que eu tanto admiro (geograficamente falando) para satisfazer ao apelo que me fez os *Serões*, e ao qual corrorespondo ainda que retardatariamente, não tenho para me desempenhar da comissão, do que citar uma página do meu romance o *Senhor dos Passos da Graça*. Eil-a:

«Aos domingos, quando saía a passeio preferia as culminancias pitorescas da Cidade, onde as paisagens se desenrolam, as arvores são os leques das colinas, e os riachos correm entre as olaias. No entanto não despresava as casariás pardacentas e plebeias da Cidade Velha, onde de vez em quando sobresaía um azulejo católico: uma velha cantaria feudal: ou alguma adúfa mourisca. A ruinaría e a desolação teem atrativos amargos e intimos para as almas tristes. E eu sou uma mistura da jovialidade celtica com a casmurrice silenciosa do mosárabe. Nasci para troveiro jovial, ou para frade cartuxo. Como já disse, preferia nos meus passeios favoritos sempre as montanhas azues: ali respira-se melhor oxigenio: está se longe dos salões da Baixa e das consciencias dos confeiteiros.

Ao sabado de tardinha, ou ao domingo, ás horas em que tocava a banda dos marinheiros ou da guarda municipal, no macróbio *Passeio publico* cercado de grades como uma gaióla de ursos, trepava eu para as eminencias cristalinas do alto de S. Catarina: do alto do *Monte da Graça*: da costa do *Castelo de S. Jorge*: ou da *Senhora da Penha de França*. Sobre tudo,

esta ultima com o seu horisonte azulino e transparente: com as suas nuvens de gaze no céu da tarde e estendendo-se até aos arvoredos e ás ladeiras relvosas de Cintra tem um panorama de mágica. Ali, sombras frescas sob uma agoa dormente ou um agro plantado de oliveiras: ali casinhas brancas, cór de rosa, azues, de todas as côres do arco iris: ali muros carrega-



GOMES LEAL



CONVENTO D'ARROYOS E HORTA DA CERA



EUGENIO DE CASTRO — O MONDEGO NOS CAMPOS DE COIMBRA

dos de trepadeiras escarlates ou *bouganvilles*, pertencentes a algum quintalorio particular: ali caramanchões com campainhas chinezas, tilitando ás aragens da tardinha e fazendo lembrar sestras remançósas em estios amadornados: ali a Praia das Maças, com a sua lagóa e a sua estrada cheia de maceiras cheirosas atapetando de flóres o piso: ali Cintra com os seus nevoeiros fantasticos, as suas paisagens silvestres, as suas ladeiras romanticas, os seus castelos mouritanos: e ali finalmente relvas macias, arvoredos folhudos, e sombras cór de rosa nos poentes de Agosto

bailando ao de cima das agoas dos pequeninos quintaes, com a sua parreira patriarcal e o seu pôço biblico—lembrando ao mesmo tempo a Samaritana e os Afonsinhos.»

Gomes Leal.

De EUGENIO DE CASTRO

Poeta

A minha paizagem favorita é a do Mondego ao pé de Coimbra, vista na doçura ao entardecer, sob a pulverescencia do luar d'agosto, ou ainda em certas manhãs crystallinas e loiras, d'inverno, quando a serra do Espinhal tem o recorte e o azul translucido dos montes, que os primitivos italianos erguiam, como baluartes de saphira, no fundo dos seus quadros.

Paizagem feminina, pela ondulação musical dos seus cômoros e oiteiros, e pelo seu mysterioso poder dispersivo, sempre que a vejo, sinto que está aqui o coração de Portugal,

que é este o sitio onde affluem n'uma palpição suprema, e se transformam n'uma doce perspectiva d'aguas saudosas e de arvoredos resignados, os mais ternos e caracteristicos sentimentos da alma luzitana.

Eugenio de Castro.

De ANTHERO DE FIGUEIREDO

Escriptor

Das muitas paisagens deste lindo Portugal, diante das quaes meus olhos teem parado commovidos e agradecidos, uma

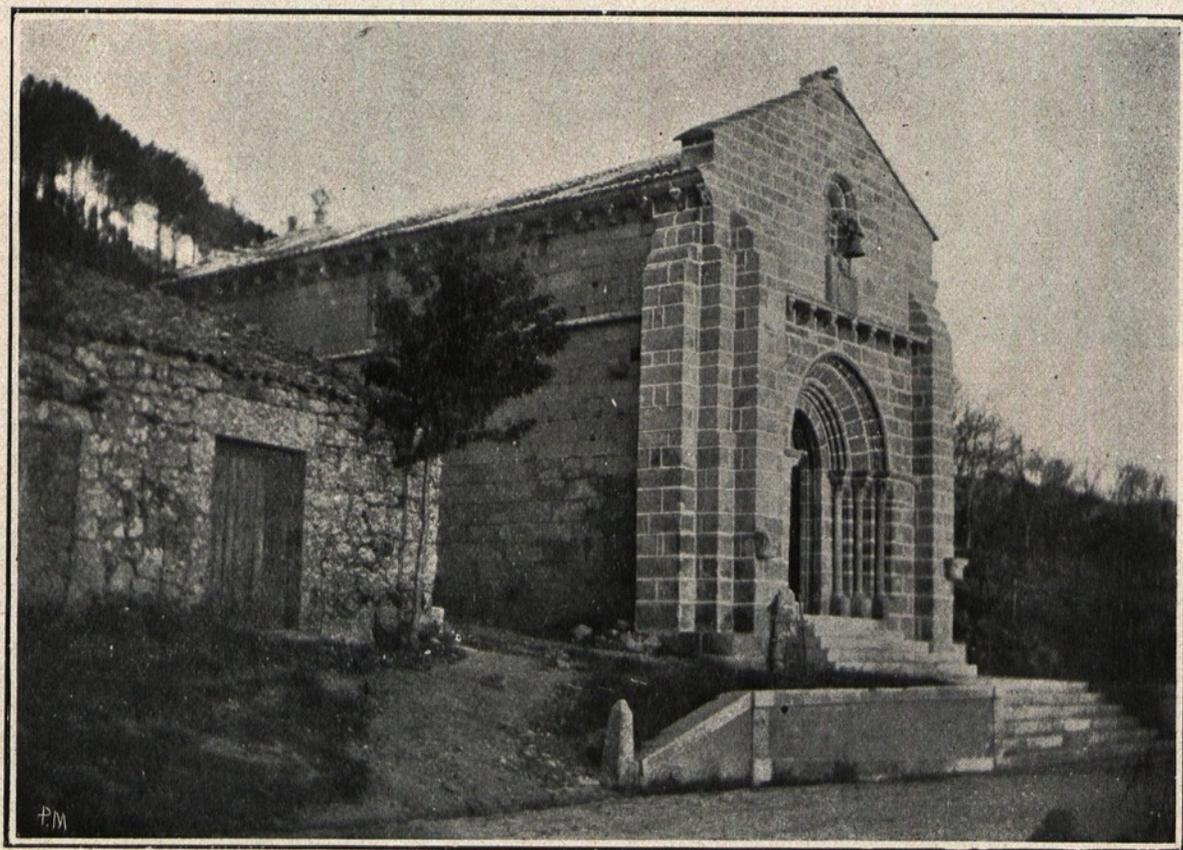
ha que mais se demora em mim: é esse bocado que vae de Melgaço a S. Gregorio, á beira do Rio Minho, em frente de terra espanhola — lá em cima, no extremo norte de Portugal. Desde o Pezo, a estrada, na encosta, sobe, ás curvas, sobranceira ao rio, que nesse sitio, separa dois paises. De cá, campos de milho e oiteiros de verdura; de lá, a Galliza sombria e montanhosa. Numa extensão de meia legua, sempre o Minho se vae deixando vêr: proximo, suas aguas são claras e simples; mas vistas de longe, no fundo do valle, são ora lividas ora brilhantes e, na distancia, de estranha physionomia. O mesmo é nas terras baixas, e nos montes: são verdes os lameiros e os milheirões que nos cercam; relvadas as valetas; floridos os canteiros; as hortas alinhadas; amiga a sombra dos carvalhidos; fartos os espigueiros; abastadas as mēdas e as eiras;

tranquillos os muros; modestas mas alegres as casas de brancos telhados; resignados os mendigos; joviaes os remediados. Mas do outro lado, para além, ha collinas agrestes, campos pobres, espessas mattas de bravios pinheirões, montes atormentados de arestas penhascosas, montanhas escalvadas, serenas e stoicas, e, ao longe nos despovoados campos da baixa Galliza, advinham-se casaes sem pão, e mendigos tragicos e pastores esfomeados — lá por essas serras distantes que noutras serras se prendem e perdem, pela Espanha dentro na cordilheira cantabrica, até as Vascongadas!

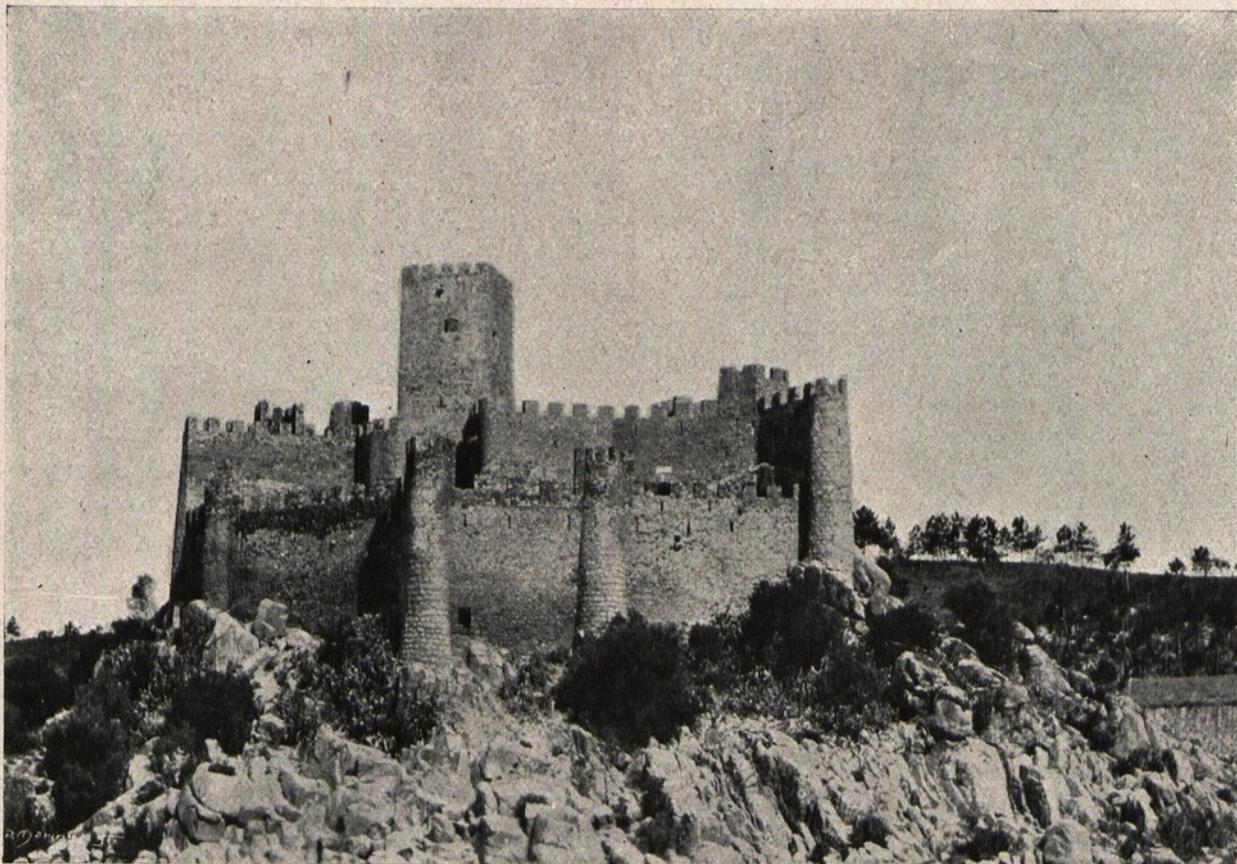
Paisagem amena e dura, amavel e tremenda, proxima e longinqua tem em si ensinamentos profundos: ella é uma voz de bondade e de força clamando a lição penetrante da vida! Faz sorrir, pensar, soffrer! Olhamo-la com olhos abertos e alegres, e, meditan-



ANTHERO DE FIGUEIREDO



MELGAÇO — CAPELLA DE NOSSA SENHORA DA ORADA



O CASTELLO DE ALMOUROL

do, olhamo-la com olhos fechados e pesarosos!

.....
Ainda um dia voltarei a visitar a linda capella de Nossa-Senhora da Orada, que no alto, á borda da estrada, olha para tal paisagem de agrado e de meditação; e, ahi, na paz do seu pequeno adro e á sombra do seu portal romanico, diante dessa terra de silencioso instruir, hei de compôr uma oração, não á Athenêa, como Rénan na collina sagrada da acropole, mas á deusa Serenidade — a deusa dos olhos bellos e frios, a deusa calma e triumphadora que ensinou a libertação a Budha e a renuncia a Epicteto!

Anthero de Figueiredo.

«Tambem fui ás montanhas de Zitza... o sitio mais bello que eu jámais vi, excepto Cintra em Portugal.» — LORD BYRON, *Cartas*.

De JULIO BRANDÃO

Escriptor

...Para mim a paisagem é sempre despertadora de emoções. Não é um estado de alma: Resurge estados d'alma. Os meus olhos rarò a vêem e lhe dão côr e graça, segundo o que a essa hora se passa no meu ser; ella é que é uma evocadora de magia, e logo reaviva outras paragens, faz cantar idyllios, galvaniza estranhamente a vida morta, arranca do passado figuras amadas e scenarios ás vezes dantescos de tristeza. Cada paisagem é um reagente chimico da minha alma...

Ora uma das que mais me têm encantado, é aquella zona de Extremadura ribatejana, — em que, d'um bello monte entre bellas arvores, os olhos divagam na planicie enorme e pallida, que tem ao fundo, quasi a confundir-se com um



JULIO BRANDÃO



TEIXEIRA DE PASCOAES

ceu d'uma luminosidade incomparavel, a agua antiga e ancestral — sempre com braços fecundos para a terra.

Sob o sol offuscante, os velhos sonhos despertos lá vão, como garças claras, depois d'um longo e lento vôo,

refrescar as azas fatigadas... O cair da tarde, ahí, na luz doirada e melancolica, é uma maravilha dolorosa e ineffavel; ao seu influxo, ha jardins mortos que reflorescem na minha vida, perfumes que são vozes, carmes dolentes d'agua, que murmuram a elegia da natureza e de nós todos, numa ancia nunca extincta de libertação. E se o luar envolve a paisagem immensa nas eternas cambraias romanticas, tudo se enche de religiosidade profunda — e de errantes miragens de amor...

Julio Brandão.



UM ASPECTO DO MARÃO

De TEIXEIRA DE PASCOAES

Poeta

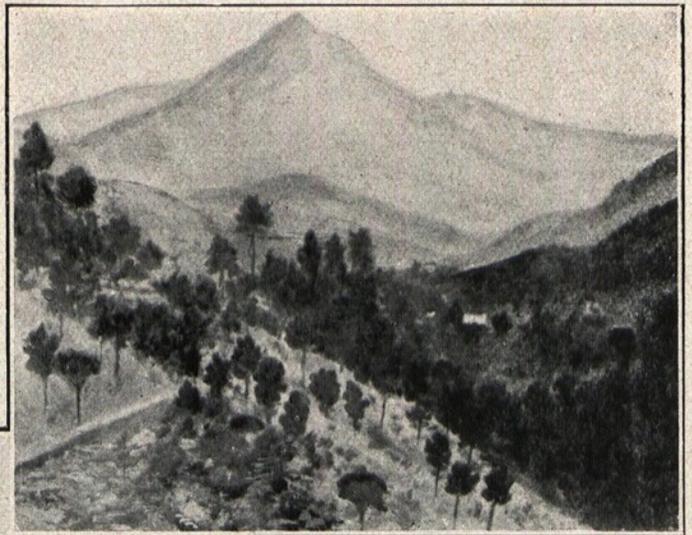
A Paizagem que eu mais amo, é a que se descobre da janella do meu quarto, na casa de Pascoaes.

Esta janella velhinha, *o meu sexto sentido*, como lhe chamei no *Sempre*, abre-se, extatica e saudosa, sobre o valle profundo e verde do Tamega, e a serra alta, negra e petrificada do Marão.

A paizagem desce em scismaticas e religiosos declives de pinheiraes desde nossa casa até ao leito do rio, onde se alarga em campos ferteis de terra viçosa e pagã, que as enchentes alagam e alimentam.

Aquella encosta de mysticos e tristes pinheiraes, terminando, lá no fundo, em verdes prados alegres, recorda uma lagrima de Jesus a espraiair-se n'um sorriso de Pan.

E esta bella Paizagem, depois da descida espiritual do outeiro, e da clara e verde concentração do valle, principia a elevar-se,

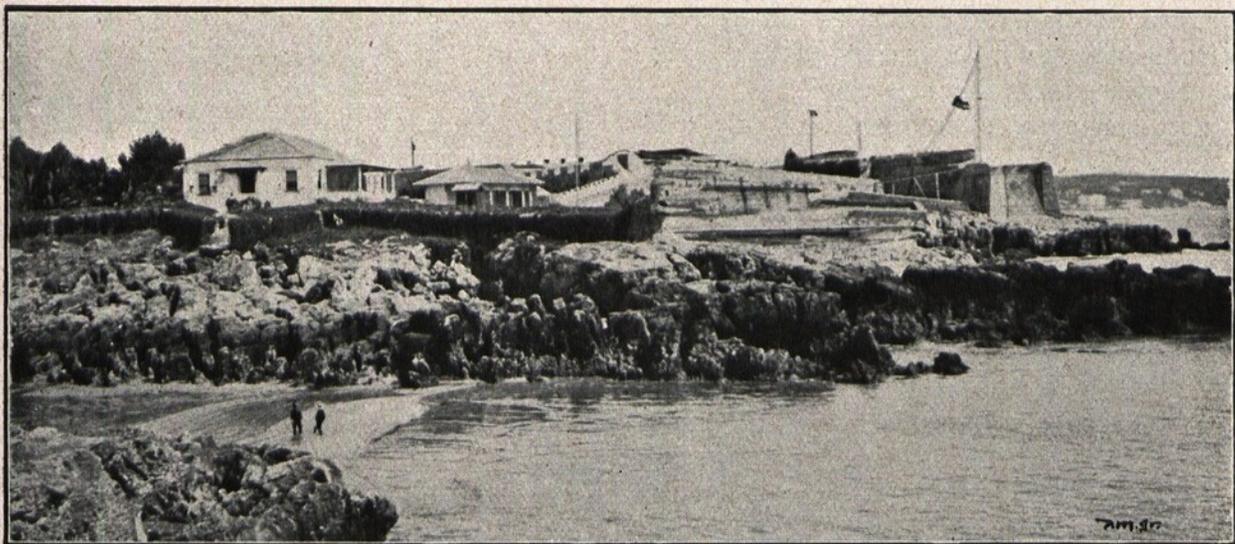


ALTO DA SENHORA DA GRAÇA
(MARÃO)

(Photographia de um quadro da irmã do poeta)

para as bandas do Nascente, em ondulações baixinhas de terra limpida, que se vão turvando e sobrepondo, cada vez mais e violentas, até aos pincares do rude Marão.

Pincaros asceticos e descarnados, onde a Paizagem,



CASCAES

emfim, repousa da grande subida, como alheada e absorta na contemplação do céu proximo, e de todo o vasto mundo que, humildemente, de seus pés, se estende e prolonga, em circulo indifinido, até que se perde na espiritualidade brumosa da Distancia...

O Marão é a sublimação da minha Paizagem; o seu voo, o seu extase, a sua absorpção no Infinito.

Nos seus contornos austéros e despidos, ha traços da phisionomia dos Prophetas; ha rugas de Izaias e gestos de Jesus; e raros enternecimentos idyllicos e alegres, materializados em pequenos planaltos verdes, com rebanhos e pastores como nas Eclogas de Vergilio.

E todo este impeto enorme de rochas vivas e terra viva, como perante uma subita visão mysteriosa, estaca abruptamente, perpendicularmente, sobre Traz-os-Montes.

E assim a boa Paizagem de tristes pinheiraes, de valles alegres, de alturas serenas e rigidas, adquire então uma phisionomia cerrada e esphingica. E' já o Precipicio, a Vertigem, o Delirio! E' o Ha-meet traduzido em fragaredos.

Visto de Traz-os-Montes, o Marão é o Homem no seu enygma psychico; visto da minha janella, é Jesus e Pan, isto, é, o homem definitivo, dentro do alcance da nossa intelligencia, pelo menos.

Eis a minha Paizagem bem amada, a quem devo o tudo e o pouco que sou.

Teixeira de Pascoaes.

De FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

Poeta

«Qual é, em sua opinião, o sitio mais pittoresco de Portugal?»

A bahia de Cascaes, vista d'uma casa amiga, em qualquer estado do nosso coração.

Fausto Guedes Teixeira.

De FAUSTINO DA FONSECA

Escriptor

«Qual é, em sua opinião, o sitio mais pittoresco de Portugal?»



FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

E' difficil responder quando se conhece o paiz inteiro, o incomparavel panorama do Tejo, o infindo desenrolar do casas de campo, mattas e jardins, do esplendor do Estoril ao colorido de Lisboa.

Como escolher entre este litoral symetricamente limitado pelos dois bellos rios Minho e Guadiana guardado pelo encanto de Caminha e pela gravidade pombalina de Villa Real de Santo Antonio recamado pelas

conchas de ouro das praias de banhos; recortado pelos rios que trazem desde a serra os eternos jardins das margens?

Escolher entre estes, que são o primor e a amostra de paisagem: o Lima, o Vizella, o Coura, o Véz, esmaltando de torrentes de prata, de scintillações de ouro o suave pendor de montanhas relvasas, douradas de giestas, rendilhadas de pinheiras, afogadas no verde metallico do milho, enxedrezadas pela cultura, enramilhetadas de carvalheiras; rios que reflectem, a vinha em latadas, em enforcado, em bambine-las, em socalcos, rios que rompem d'entre moitas de silvas, negras como azevi-che, ou vermelhas como morangos, perdendo-se em curvas, sumindo-se em voltas e ondulações sob tuneis de choupaes e salgueiros, por debaixo de parreiras carregados de verde esmeralda, amarelo dourado ou rubro de sangue?

Como escolher entre o scenario de tantas correntes murmurantes, os inolvidaveis rios

do Minho, e tantos outros como o Mondego, o Vouga, o Nabão, o Alcôa, o Liz?

Tenho por impossivel a escolha; a minha preferencia é apenas a influencia do meio que me formou.



FAUSTINO DA FONSECA

Assim eu, embora deslumbrado pelos detalhes e pelo conjunto; com a memoria viva dos grandes panoramas de Santo Antonio do Alto (Faro), Estoy, Castello de Estremoz, Arrabida, Palmella, Cintra, Santarem, Bussaco, Bom Jesus, Santa Luzia (Vianna do Castello), Insua de Caminha, só tenho a verdadeira emoção ante um rôlo do mar e um rochedo a pique.

Nunca mais se esquece o resfolegar da onda nas cavernas, o saltar da vaga á penedia. Irisa-se a agua, modela-se e amolda a rocha, assume volutas, rendilha-se, franja-se, abre-se em leque, revolve-se em con-

cha, estende-se em toalha, roja-se em tapete, ergue-se em collo affrontado, envolve em abraços sensuaes, açouta em chicotadas bravias, ultrapassa a barreira de rochedos, e



A BOCCA DO INFERNO

torna pelas fendas, ora em póderoso rio trasbordante, ora em regato marulhoso de espuma, em infinitos fios d'água, que enroscados nas anfractuosidades do rochedo tem o seu quê de vivo e colleante, roem, perfuram, brocam, e vão consummindo a pedra.

Para mim o sitio mais pittoresco é essa deliciosa miniatura dos rochedos açorianos, a Bôca do Inferno, de Cascaes.

Faustino da Fonseca.

Terminado o inquerito, agora, uma coisa a todos sobreleva e se nos impõe: a riqueza de paizagens as mais bellas e as mais diversas que o nosso paiz possui. Outra nos entristece e nos magôa: é a de ver que não é elle, este nosso bom Portugal, tão admirado como deve ser. Incuria de todos nós, por certo. Clima amenissimo, ceu sem rival, preferencias para todos os gostos, scenario para todos os temperamentos é nossa vaidade satisfeita ao vêr um estrangeiro reconhecer, como Byron, o sem rival da nossa Cintra. Mas consolação suprema: Não fecharemos esta pagina sem citarmos as palavras deslumbradas de um delicado espirito de mulher. Foi Lady Jackson esse espirito e fundos sulcos deixou a nossa pai-

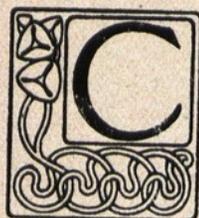
zagem na sua alma. O Bussaco, esse extraordinario, monumental, supremo Bussaco é descripto no seu livro com as côres mais pujantes: «vasta selva religiosa, cujas ramas entretecidas formam arcos de verdura, por onde o sol apenas filtra uns lampejos, que rebrilham na sombra, quando a folhagem bolidada pela viração mosqueia a terra de côres cambiantes. A tapeçaria variegada dos musgos e matizada de boninas parece pedras preciosas. Pompeiam aqui arvores de todos os climas, e todo o colorido de lindas flôres se ostenta».

Depois Cintra impoz-se-lhe tambem deslumbradora e attrahente: «em Cintra respirareis mais a peito cheio que no Bussaco; andareis mais de amores com a vida; esqueceréis que as rosas têm espinhos; gozareis um sereno repouso intimo; e ao sair d'ali, após violento esforço, sentireis o pungimento da saudade até ás lagrimas. Formosa Cintra! Magestoso Bussaco!»

Se não morre uma litteratura que nas suas estantes tem Camões e Vieira, Frei Luiz de Souza e Camillo; se não morre um povo que tem nos seus heroes um «Albuquerque tirribil e Castro o forte», não pode morrer um paiz, não morrerá um torrão que tem no seu seio um Bussaco luxuriante e uma Cintra sonhadora!



Um lance marítimo



Como é triste a vida do pescador!

Os preferidos do Destino, criados no conforto e no luxo das grandes cidades, estão longe de imaginar as angustias porque passa o pobre pescador, procurando no seio revoltado e inclemente das ondas, o sustento de sua família.

E quantas vezes não encontra a morte nessa immensa massa liquida, ora tranquilla e meiga, ora tenebrosa e horrivel?

Como é inconstante o mar!

Comtudo é sempre bello; tanto nos seus dias de ternura, quando as suas vagas esmeraldinas se espraíam deleitosamente na areia dourada, numa caricia voluptuosa e lenta, como quando avança colerico e impetuoso, semelhante a um genio destruidor, a um segundo Attila, e que desafoga os seus furores em temiveis bramidos.

Quão poderosa é a sua força!

Vê desenrolarem-se lentamente os séculos; assiste ao desaparecimento de gerações inteiras, no mysterio profundo do valle da Morte; sente passarem os odios politicos como uma rajada violenta, e conserva-se impassivel, e parece sorrir sempre, com a maior indifferença.

Que lhe importa o Tempo, a Morte, ou a Guerra?

Nenhum d'esses tres genios devastadores o podem attingir. Elle conserva sempre a seiva ardente d'uma mocidade perpetua e exuberante.

E é contra essa força formidavel e cruel, que o pescador ousa aventurar-se.

Não é verdade que só esta idéa nos faz estremecer?

Numa pequena povoação maritima, desenrola-se agora uma scena que nos permite observar de perto a vida do pescador.

A tempestade rugia com todos os seus furores; as vagas bramiam colericas, desfazendo-se em nuvens de espuma, de encontro aos rochedos escarpados da costa.

Quando os pescadores partiram, a manhã estava linda; mas em breve, grossas nuvens negras toldaram o azul puro do céu, e o mar tão calmo havia pouco, começou de subito a embravecer.

Tudo fazia prevêr a tempestade, que pouco depois se desencadeou com a maior violencia.

Havia duas horas que durava a borrasca e nem signaes dos pescadores; a demora tornava-se inquietadora. Na praia as mulheres e as filhas dos desventurados, que áquella hora estavam talvez luctando desesperadamente com a morte, numa lucta heroica, mas forçadamente desigual, imploravam, soluçando, o auxilio de Deus.

A scena era tragica na sua apparente simplicidade.

De subito um clarão de esperança brilhou naquelles espiritos abatidos.

Pareceu-lhes distinguir muito ao longe, uns pontos brancos oscillando á mercê das vagas, que ora os elevavam a prodigiosa altura, ora quasi os occultava em nuvens de espuma, aos olhos humedecidos das pobres mulheres.

Seriam os barcos tão anciosamente esperados?

Talvez fosse apenas uma illusão.

Comtudo todas se agarraram a essa esperança, que a todos os momentos ameaçava fugir-lhes, com a mesma anciedade com que o naufrago exausto de forças e prestes a

succumbir, estende os braços trémulos para a boia salvadora.

Em breve porém, adquiriram a certeza de que eram realmente os pescadores que regressavam.

Ainda assim não estavam livres de perigo, porque perto da costa, o mar era muito violento.

Com que força batiam aquelles corações torturados, que a angustia trespassava como uma lamina cortante, muito fina...

Ainda uns minutos de anciosa suspensão, e emfim, ei-los salvos nos braços das pobres mulheres, que choram de alegria.

Mas não veem todos; falta um barco, Onde iria o Francisco do Rosario, e o filho, um pequenito de doze annos?

A alegria geral, formava um contraste singular, com o desespero soluçante da mãe da pobre creança desaparecida. Todos a rodeavam, procurando consolal-a e incutir-lhe a esperança de que o marido e o filho estavam talvez salvos.

Mas ella não os ouvia; o seu olhar cravava-se com uma fixidez assustadora no mar tempestuoso. Dir-se-hia que aquelle abysmo revólto, a que as sombras da noute davam estranhas tonalidades, exercia nella uma fascinação singular.

O que esperava ella?

Que o mar inclemente lhe restituisse o filho adorado?

Os pescadores, comprehendendo que a solidão se harmonisava melhor com a intensa dór da infeliz mãe, retiraram-se discretamente.

A vasta praia está agora deserta; só o vulto negro da pobre mãe se destaca no fundo sombrio d'aquelle quadro de solidão e de tristeza. Indifferente á furia da tempestade, a infeliz, completamente desvairada, não se quer affastar de junto do oceano que lhe roubou o filho querido. As horas decorrem com lentidão, e ella está sósinha; apesar d'isso, o medo não consegue attingil-a.

As ondas acabam de arremessar á praia um objecto negro e informe, e a mãe aproxima-se cheia de esperança.

Se fossem dois cadaveres?

Este pensamento gela-lhe o sangue nas veias e fal-a recuar horrorizada.

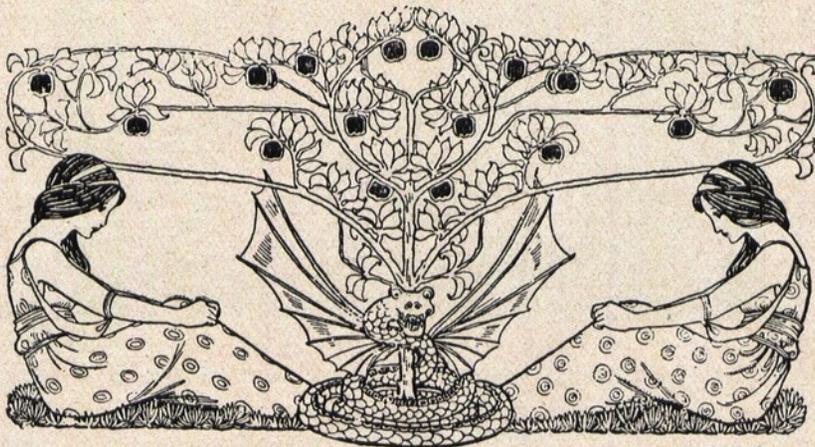
Mas não! E' o barco perdido e está perfeitamente intacto.

E o marido e o filho?

Estão salvos tambem.

E a pobre mulher, que tinha sido tão forte na desventura, desmaiava de alegria, cingindo convulsivamente o filho nos braços, por um d'esses mysterios subtis da alma humana, de que só pode ser susceptivel um coração de mulher e de mãe!

ALINE CUNHA.



CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

JANEIRO DE 1809

Dia 2

O príncipe regente confirma por um decreto, dado no **Rio de Janeiro**, o governo nomeado pelo general inglez Hew Dalrymple, e que subsistirá emquanto as circunstancias lhe não permitirem voltar a Portugal. Ordena que os individuos que o compõem não se denominem «regentes» mas sim «governadores do reino»

Só poderão expedir providões, avisos e portarias; competindo ao príncipe, unicamente, o direito de fazer alvarás e decretos.

N'este e em outros documentos emanados do Rio de Janeiro, manifesta-se o proposito d'aquella côrte de tornar Portugal

uma especie de colonia, submettendo-a por completo ás determinações que viessem de além do Atlantico. Estranho intuito da parte de quem fugira, como se sabe, á aproximação de Junot!

— Uma carta régia, assignada pelos governadores Marquez das Minas, Francisco da Cunha e Menezes e D. Francisco Xavier de Noronha, ordena, em nome do Principe Regente, ao vice-reitor da universidade de **Coimbra** Manoel Paes de Aragão Trigo-so, que faça reorganizar sem demora o corpo academico, cujo patriotismo, aptidão e valor se tinham evidenciado na restauração do reino. Deverá compôr-se dos lentes substitutos, oppositores e estudantes capazes de pegar em armas, e será commandado pelo vice-reitor, a quem



TREMENDOS INSULTOS DOS HEREJOS (sic)
Pertencente à Bibliotheca Nacional de Lisboa
Tem a seguinte epigraphe:

Os sacerdotes celebrando (sic) nos altares de Deos, Confessores e Penitentes. Os Inocentes de peito não escapão dos agudos ferros dos infernaes carneiros dentro dos mesmos templos. Esta he a chamada reforma de Napoleão. A vossa santa Religião soffreu ella o menor insulto? Junot, Edital de 26 de Junho de 1808. Tal he o descaramento do impio Junot.

competirá igualmente o commando dos outros corpos armados de Coimbra. A universidade ficará fechada durante o anno lectivo de 1808-1809.

Dia 11

O exercito inglez do commando de sir John Moore, que tinha retirado precipitadamente para a Galliza, a fim de não ser envolvido por forças inimigas muito mais numerosas, chega á **Corunha**, em estado lastimavel, conservando apenas uns 15:000 combatentes. Não encontra ali os desejados transportes, que tinham ido a Vigo e que não puderam sahir de lá em consequencia de ventos contrarios. Começam logo a reorganizar-se as forças, no intuito de resistirem a Soult, que deve estar a apparecer.

(Não permittem os estreitos limites a que tem de cingir-se este trabalho, o relatar circumstanciadamente a marcha das tropas de Moore, desde Salamanca, onde se tinham reunido, e onde só tarde chegou noticia não sómente da derrota dos exercitos hespanhoes com que deviam cooperar, mas tambem do cerco de Madrid posto pelos francezes. Moore poderia então retirar immediatamente para Lisboa, desistindo de continuar a campanha; fiado, porém, no enthusiasmo patriotico dos hespanhoes, decidiu marchar a coadjuval-os. Tendo sabido que elles, a 28 de novembro, haviam perdido a batalha de Tudela, ordenou a Baird que retrogradasse de Astorga para a Corunha e ahi embarcasse para Portugal. A 9 de dezembro chegou-lhe a nova da entrega de Madrid a Napoleão; mas, julgando-a falsa e crendo que os madrilenos continuassem a resistir, pretendeu auxiliá-los e mandou contra-ordem a Baird. O seu plano era marchar sobre Valladolid, para cortar as communicações das tropas imperiaes com a França. A 14 — com dez dias de atrazo! — tem, porém, a certeza de que Madrid se rendera e que Soult, com 16:000 homens, deve ir tomar Léon, Benavente, Zamora e bater as forças hespanholas que occupam a Galliza. Cuidando que poderia surprehender e derrotar o marechal francez, dirige-se para Alaejos, e, a 20 de dezembro, juntam-se aos 24:000 homens que o acompanhavam os 15:000 de Baird, desembarcados a 14 de outubro, na Corunha. Com o fim de, combinado com os 18:000 hespanhoes do marquez de La Romana,

atacar a direita inimiga, passa a ribeira de Ceia e avança, no dia 23.

Já a sua cavallaria se encontrou com a franceza, quando Moore sabe que se está executando um movimento planeado por Napoleão, com o intuito de o envolver. Para frustral-o, marcha com toda a rapidez para a Galliza, visto ser já impossivel a retirada para Portugal. Em 7 dias, sob medonhos temporaes, percorre 59 leguas de pessimos cominhos.

Esta retirada, que exasperou altamente a Napoleão, pois impediu o aniquilamento completo dos inglezes, por elle considerado já como certo, foi penosissima para as tropas de sir John Moore, que irritadas pelo cansaço e pelas privações, se entregaram, durante ella, aos maiores excessos e quebraram todos os laços da disciplina. A velocidade ainda assim não afrouxou, tanto que as 19 leguas que medeiam entre Villa Franca e Lugo foram vencidas em dois dias unicamente. Os fugitivos que chegaram á Corunha, tinham deixado para traz uns seis ou sete mil homens, muitos dos quaes succumbiram, e perdido 5:000 cavallos e importantissimo material de guerra. Para Vigo fôra a divisão ligeira, e lá chegou sem contratempo de maior, porque o inimigo não lhe ficava á rectaguarda).

Dia 16

Os francezes de Soult, chegados no dia 12 ás proximidades da **Corunha**, resolvem-se a atacar as tropas de sir John Moore, que já tinha embarcado os doentes, os feridos e algum material de guerra, nos transportes chegados finalmente de Vigo. Moore não quiz capitular e defende-se energicamente. Ferido durante a batalha por uma bala de artilheria, morre satisfeito por ver que os seus soldados ganham terreno sobre os inimigos. A acção é muito renhida e causa perdas importantes a ambos os contendores.

O general Hope, que succede a Moore no commando, manda durante a noite embarcar as tropas.

Dia 17

O marechal Soult faz collocar peças de grosso calibre n'uma altura que domina o porto da **Corunha** e que os inglezes tinham

abandonado. Os transportes britannicos levantam logo ferro ou picam as amarras; nem todos, porém, conseguem fazer-se ao largo, de modo que são queimados por aquelle canhoneio.

Do exercito de Moore embarcam 12:000 homens na Corunha e 6:000 em Vigo. A perda de material é de 44 peças de artilharia de campanha, 20:000 espingardas, muitas bagagens, numerario, etc.

(A perda da batalha da Corunha causou tão profundo desalento em Hespanha e Portugal, que muitos descreêm de que a Peninsula chegue a libertar-se do jugo napoleonico.)

Dia 21

Os governadores fazem uma proclamação exortando e animando os portuguezes contra as tropas francezas que vêem sobre Portugal, por se terem retirado para a Galliza os exercitos combinados de sir John Moore e do marquez de La Romana.

— O marechal Berthier, chefe do estado maior general de Napoleão, expede instrucções ao marechal Soutl encarregando-o de invadir Portugal. Segundo ellas, Soutl deverá chegar ao Porto em 5 de fevereiro, e a Lisboa antes de 16 do mesmo mez.

O marechal Victor invadirá o Alemtejo, a fim de cooperar com Soutl.

Dia 23

José Bonaparte estabelece-se de novo em Madrid, d'onde teve que afastar-se em consequencia dos desastres soffridos pelas tropas francezas em 1808. São estas divididas em cinco corpos de exercito, o segundo dos quaes é destinado á invasão de Portugal, e o quinto, exceptuada a sua terceira divisão, a occupar a Galliza.

A força total d'aquelle exercito chegava quasi a 325:000 homens, dos quaes

30:000, approximadamente, eram de cavallaria.

Dia 27

O parlamento inglez vota agradecimentos a sir Arthur Wellesley e ao exercito por elle commandado, em consequencia dos resultados obtidos na campanha finda com a batalha do Vimeiro. Esta votação é compensação justissima para todos os dissabores que o general britannico havia soffrido, por ter intervindo, embora secundariamente, na infeliz convenção de Cintra.

— O desembargador da Casa da Supplicação Francisco Duarte Coelho, o abbade do mosteiro de Belem Fr. Manoel de Mesquita Pimentel, Thimotheo Lecusson Verdier e mais tres francezes que residiam ha muito em Portugal são, por conselho de uma junta de ministros que lhes examinou o procedimento, mandados sahir pela regencia para fóra de Lisboa, a fim de «fazer cessar o escandalo geral», e sem designação de culpa.

Pouco depois são presos diversos francezes com a mesma arbitrariedade.

Dia 28

Soutl, que já se apoderou da Corunha e do Ferrol, recebe ordem para invadir Portugal, entrando pela fronteira da Galliza e seguindo o litoral até o Porto e depois até Lisboa.

O marechal commanda um exercito de 25:500 homens, dos quaes 4:000 são de cavallaria.

Dia 31

Continuando em Lisboa a exaltação patriótica contra os francezes e portuguezes que tinham favorecido o dominio de Junot, uma escolta da legião de S. Paulo prende um francez na rua do Carvalho, porém



MARECHAL SOULT, DUQUE DE DALMACIA

alguns officiaes inglezes querem tirar-lhe o preso. Recolhido este no corpo da guarda da Ribeira Nova por uma patrulha da Guarda Real da Policia, os legionarios resistem com os chuços aos officiaes britannicos e obrigam-n'os a retirar sem terem libertado o francez.

Nos dias anteriores andaram pela cidade constantemente bandos de homens, tambem armados de chuços, prendendo portuguezes e individuos de outras nacionalidades, a fim de serem interrogados na Intendencia Geral da Policia, para se conhecer se eram réus d'aquella culpa.

— Bernardim Freire de Andrade, a quem os governadores do reino tinham ordenado que tomasse o commando das tropas destinadas á defesa da provincia do Minho e bem assim das que existem em Traz-os-Montes, constituindo-se com umas e outras um só exercito, chega a **Braga**, havendo antes entregado o governo militar do Porto ao brigadeiro Caetano Vaz Parreiras.

A provincia do Minho acha-se na maior anarchia, que é em grande parte promovida por alguns sacerdotes que, do alto do pulpito, excitam o povo contra os verdadeiros ou suppostos partidarios dos francezes. Cheios de desconfiança, os minhotos malsinam de traidores a muitos dos que pretendem organizar a resistencia contra o invasor.

Uma junta eleita em Braga pelos agitadores proclama que «o povo é sabio» e que «castigar-lhe os excessos é tirar-lhe a energia».

FEVEREIRO DE 1809

Dia 5

Bernardim Freire marcha de Braga para **Ponte de Lima**, a fim de organizar a defesa, o que se torna quasi impossivel pela confusão que reina por toda a parte desde que se soube da derrota dos inglezes na Corunha.

Só dispõe de uns 1:400 homens de tropas de linha (regimentos de infantaria 6 e 18, um batalhão do 9 e 160 homens de artilharia 4), com 14 peças de campanha, e 8 regimentos de milicias, quasi todos desarmados. Devia receber de Traz-os-Montes uma brigada, mas o general Silveira não lh'a envia, receoso de enfraquecer as suas escassas forças. Ha numerosas ordenanças, que são antes um elemento de perturbação, em virtude do estado em que se acham.

Dia 10

Soult chega com uma parte do seu exercito a La Guardia, na margem direita do Minho, proximo do oceano. Tinha marchado na antevespera de S. Thiago de Compostela, ducidido a atravessar aquelle rio perto da foz, porque ali se faz sentir menos a cheia causada pelas chuvas dos ultimos dias. A outra parte das suas tropas, sob as ordens do general Merle avança para Tuy, e as forças de Lapisse ameaçam as fronteiras da Beira Baixa, podendo ir juntar-se a Soult ou a Victor.

M. A.



A eloquencia em Portugal

«Ha casos em que é a palavra que faz tudo.»

Esta frase do duque de Broglie tem sido certificada entre nós centenaes de vezes desde que se crearam as tribunas parlamentares. Faladores por natureza, calorosos, tendo o instincto da fórma e da imagem, dispondo de uma lingua riquissima, os oradores parlamentares portuguezes de todas as épocas teem quasi decidido inteiramente do prestigio dos partidos e das questões do paiz. Desde Phebo Moniz, nas córtes de Almeirim, até os nossos dias, a politica portugueza tem-se coado por brilhantissimas orações, que a tem feito tomar muitissimas fases, ora para bem ora para mal, ora com facilidade ora dolorosamente. E desde o começo da nossa nacionalidade os oradores sagrados teem exercido consideravel influencia na religião, nos costumes e mesmo nos negocios publicos.

Os primeiros frades que se estabeleceram entre nós provieram da França, e os seus sermoniarios tiveram cá a maior influencia. Fr. Rodrigo de Cintra foi talvez o primeiro grande pregador que houve em Portugal. Fernão Lopes cita-o na chronica de D. João I dizendo que «era notavel e grande pregador, mui letrado e theologo». Fr. Vicente Lisboa foi o mais erudito orador sagrado do seculo xv, chegando mesmo a publicar instruções para os que se dedicavam á pregação. Durante as tres épocas que durou o concilio de Trento brilharam lá oradores portuguezes distinctissimos.

D. Frei Bartholomeu dos Martyres e o padre Antonio Vieira foram dos grandes pregadores que ainda hoje se citam frequentes vezes: o primeiro, conforme diz Frei Luiz de Sousa, pregava doutrina clara em termos

chãos que todos percebessem; o segundo distinguuiu-se pela propriedade e variedade do termo, e pela adaptação que sabia fazer dos termos da escriptura.

E para nos não alongarmos, citando os muitos grandes nomes que houve na eloquencia sagrada, mencionaremos mais somente Alves Mendes, sem duvida o maior pregador dos nossos tempos. Muito fluentes, cheios de elegancia e de imagens, fortes de brilho litterario, os seus discursos são paginas admiraveis da lingua portugueza: mas eram colossaes, esmagadores, quando os pronunciava, com o seu grande folego, com a sua voz potente, umas vezes alargando em bellas frases uma ideia pequena, outras vezes synthetizando em curtas palavras um estenso conceito, sendo mesmo capaz de «fazer a synthese de desenove seculos em desenove palavras».

Nas luctas partidarias, depois de 1820, formaram-se oradores immensos, colossaes.— «A eloquencia, affirmou Chateaubriand, é um fructo das revoluções.» — José Estevam e Almeida Garrett attingiram a maior altura.

Garrett, o poeta, o prosador admiravel, o *janota*, foi no parlamento uma das figuras de maior valor. — José Estevam foi o melhor orador parlamentar que ainda houve em Portugal.

Na eloquencia juridica tambem houve e ha um bom numero de oradores de genio.

Nas actuaes camaras portuguezas vamos ainda encontrar figuras de um altissimo valor oratorio. Ha-os lá arrebatados, latinos, nervosos, doidos quando attingido todo o calor da oração, dominadores, trovejantes quando apostrofando o valôr ou a insignificancia de um assumpto — e ha-os calmos, britannicos, sobrios e prudentes. Portugal pode

ter orgulho de conservar ainda d'esses vultos eminentes que a tradição comemora cheia de orgulho e enthusiasmo.

O conselheiro Antonio Candido, que hoje raramente se nos faz ouvir, foi, no parlamento portuguez, tão grande como Castelar o foi no parlamento hespanhol. Cada um dos seus discursos é um modelo de rethorica, em que não sabemos se mais admirar a imaginação, o poder de linguagem, a fórma, a côr, ou o brilho intenso, sagaz, clarissimo, — a sinceridade espontanea ou o *truc* das meditações.

O conselheiro João Arroyo — um dos homens de maior energia e de maior talento que tem Portugal — é um orador eloquentissimo, forte, ironista. A sua palavra abala a camara e enche o paiz. Um grande escriptor portuguez referindo-se a um duello parlamentar havido entre Hintze Ribeiro — esse bello estadista que ainda não teve successor — e João Arroyo, diz que ninguem como este attingiu até hoje, na tribuna portugueza, «essa alta sciencia de mimica e de expressão, e nunca ninguem melhor afeiçoou a voz para essas declamações parlamentares».

O conselheiro José de Alpoim é arrebatado, violento, colossal. Temperamento de artista e de luctador, homem de letras e politico eminente, os seus discursos são fortes arremessos sanguinolentos... Troveja quando em todo o vigor do discurso; e mesmo quando serena, e a sua voz paira, calma fria, incisiva, os seus gestos mortificam, as suas frases pesam, e as pausas que elle tem são para os adversarios uma terrivel expectativa.

A mais prestigiosa figura de orador da camara dos deputados é o dr. Alexandre

Braga. Quando se ergue, com o seu corpo levemente adunco, o olhar altivo, a cabelleira solta como uma juba irrequieta, a palavra clara e incisiva, começa por diliciar e acaba dominando o auditorio inteiro.

E quantos, quantos mais poderíamos citar nas camaras passadas e nas actuaes? Não foi Fernandes Thomaz, esse grande patriota, fomentador de revoluções, um eloquente orador? E esse caloroso e fluentissimo Passos Manuel, e Seabra, e Fonseca Magalhães, e Fontes Pereira de Mello? O nome de Pinheiro Chagas, que os portuguezes de agora aprenderam a decorar quando nas aulas infantis começaram o estudo da nossa historia, não figura elle entre os dos oradores de raça?

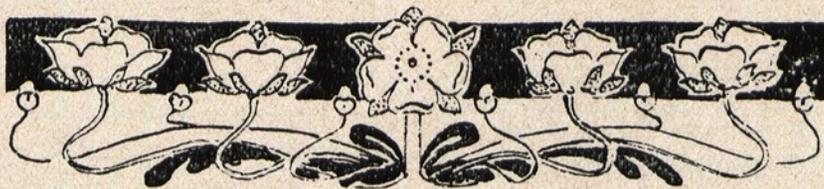
Pinheiro Chagas, que passou a vida sacrificando-se pela sua patria, alliava ás qualidades de homem estudioso, de historiador, de jornalista, aquella outra de orador, bem mais rara e bem mais privilegiada. Sempre subjogado por multiplos afazeres, pensava o artigo para o jornal de casa para a redacção, estudava todo um brilhante discurso da redacção até ás camaras, confiando não só na sua extraordinaria memoria, como nas facilidades de falar e de escrever.

Não é, porém, sempre o orador quem melhor convence... E para verificarmos isso basta-nos recordar aquelle caso que refere Plutarco de dois architetos que se apresentaram aos athenienses que queriam um templo colossal: o primeiro architecto falou muito, expoz em lindas frases uma construcção sumptuosa e immensa; logo após elle falou o segundo, e disse simplesmente:

— Athenienses! Eu farei tudo assim como esse homem fala.

E triumphou o segundo.

JOSÉ DE ABREU TORRES.





Charada

Uma e outro sei que tens
E tambem os tenho eu. — 4
Apesar de ser um livro
Que um grande sabio escreveu.

ARIEL.



Partilha facil

Exhausto de fadiga e de fome, um viajante encontrou no seu caminho dois camponios, que se preparavam para comer, em alegre convivio, os seus farneis, á sombra de arvore frondosa. Accederam estes a que o faminto viajante tomasse parte na sua pouca e variada refeição, para a qual concorria um com 13 pasteis e outro com 7, sendo todos esses 20 pasteis, da mesma qualidade e d'egual grandeza e feitio. Eram feitos de carne, ovos e farinha, em fôrma de queijos.

Terminada a refeição, de que nada sobrou, tendo cada um dos três comido, rigorosamente, a terça parte da totalidade dos pasteis, retirou o viajante, pagando generosamente, o serviço prestado, deixando aos dois camponios 20 moedas de 100 réis.

O que concorrera com 13 pasteis queria tomar para si 13 tostões, deixando ao companheiro os 7 restantes; este, porém, queria que comessem por tomar cada um 10 tostões e, depois, embolsaria o outro do valor, em dinheiro, de 3 pasteis.

Não chegaram a accordo e, por isso, dirigiram-se ao mestre-escola da sua aldeia, que fez a partilha com a devida equidade.

Terá algum dos nossos leitores a bondade de enviar-nos a solução justa d'esta questão, afim de verificarmos a do mestre-escola?

Abril de 1909.

NUNES CARDOSO.

Decifrações

Do n.º 46

Questão proposta — Tomem-se tres reguas A, B, C de comprimento indefinido mas egual em todas e todas divididas em partes eguaes numeradas seguidamente desde o primeiro traço, que marcaremos zero, do modo seguinte:

A	regua A	terá as divisões de	1 a 7	} successivamente tantas vezes quantas o seu comprimento o permittir.
»	» B	» »	» 1 a 35	
»	» C	» »	» 1 a 5	

Colloquem-se contiguas essas tres reguas, coincidindo nos zeros (fig. 1.^a). Verifica-se desde logo que, de todo o comprimento das reguas, bastará considerar a parte d'ellas comprehendida entre 5×7 divisões em A, 35 em B e 7×5 em C, porquanto as partes restantes das reguas são reproduções repetidas dos tres agrupamentos, terminadas, relativamente a qualquer numero, por grupos incompletos de divisões que se correspondem.

Dê-se ás tres reguas a disposição de varetas de leque com o eixo no zero, e abram-se as varetas de maneira que A e C formem dois eixos coordenados rectangulares, sendo B a vareta bissectriz.

Supponha-se esta ultima prolongada, por fôrma a tomar a grandeza da diagonal do quadrado das varetas A e C, tomando as divisões de B os alongamentos proporcionaes respectivos (fig. 2.^a).

Tracem-se no plano da figura as coordenadas dos pontos de A marcados com os numeros 7 e as abscissas dos pontos de C marcados com os numeros 5, e notemos os rectangulos da quadricula assim formada, por onde passa a vareta-diagonal, com um signal de orientação, o qual pode ser um simples ponto no angulo superior direito.

Corte-se com teouras esta quadricula pelos traços coordenados, desprezem-se os rectangulos inuteis e sobreponham-se os rectangulos orientados. Se esses rectangulos fo-

rem transparentes verificar-se-ha que os numeros, que constituam primitivamente a diagonal, formam, agora, a disposição procurada na questão proposta.

A bom entendeur... salut.

Maio de 1909.

NUNES CARDOSO.

Do n.º 47

Charadas — 1.ª Discordia; 2.ª Fascinação; 3.ª Lavadura.

Enigma pittoresco — Accedendo ao pedido, do modo que posso, remetto um enigma pittoresco para o Almanach dos Serões.

Fig 1

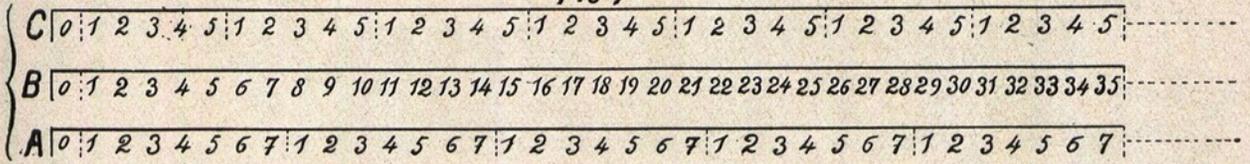
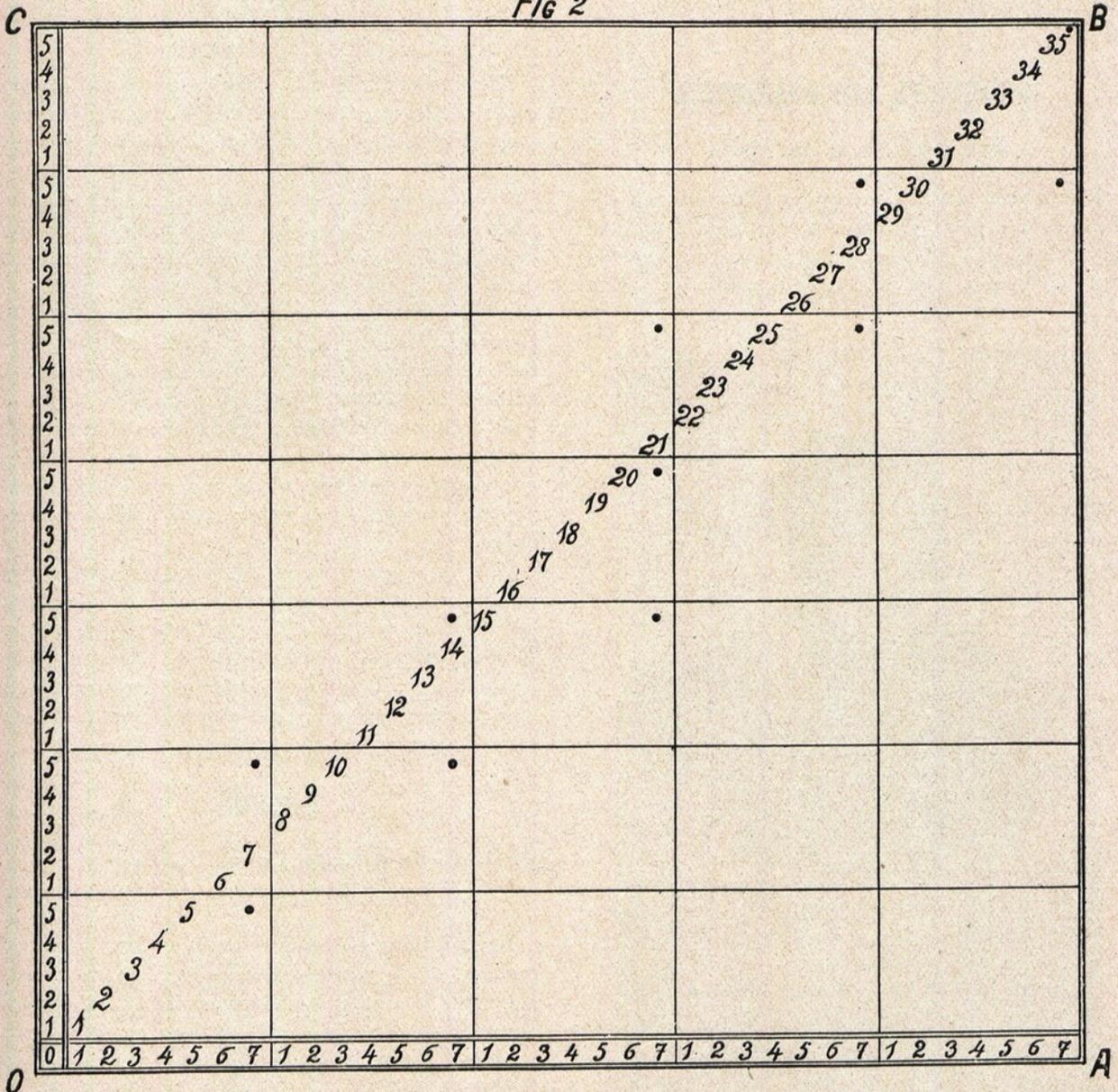


Fig 2



DEBILITADOS por EXCESSOS de forças physicas e musculares, pessoas excessivamente NERVOSAS, curam-se completamente com a

Somatose

em pó ou liquida —————
 ————— (dóce ou secca)
 ————— Vende-se —————
 nas pharmacias e drogarias



Senhoras em evidencia

Aristocracia e caridade

E' um nome distinctissimo pela tradiçãõ, pela intelligencia e pelas virtudes. A sua figura destaca-se na pleiade das fidalgas senhoras que constituem a cõrte portugueza sabendo manter com rara elevaçãõ o



D. ISABEL SALDANHA DA GAMA

nome illustre que herdou e a alta posiçãõ social que occupa.

Desde ha muito querida dos reis portuguezes, esta senhora atrãe extraordinariamente os que d'ella se acercam, por mais humildes que sejam, com a bondade enternecedora da sua bella alma e a singeleza captivante do seu finissimo t:ato.

El-rei quer-lhe muito. Foi ella a sua aia, quando ainda o infante gentil e feliz não sonhava sequer nas pompas e nas agruras do throno, que a desgraça lhe concedeu.

A rainha de Portugal tem n'esta senhora uma das suas melhores amigas, uma d'aquellas gentilissimas damas que a princeza de Orlãns veiu encontrar nos paços dos reis portuguezes.

A sr.^a D. Isabel de Saldanha da Gama tem a alma esteryotipada no rosto, que a intelligencia e a bondade illuminam singularmente. Campre nobremente a velha usança da fidalgaia portugueza, qual é fazer o bem sempre e em toda a parte, sem olhar a quem, enchendo o seu nome das bençãos dos que soffrem, e que sempre encontram n'ella uma consolaçãõ moral ás suas magoas, e um auxilio para as suas necessidades.

Como outr'ora os seus antepassados vieram dos campos de batalha cobertos de gloria, ella voltará das luctas da vida satisfeita por ter praticado o bem. E á semelhança dos cavalleiros do seculo xiv, que levavam nas armas a sua divisa predilecta, a ella, a esta distincta senhora, cabe esta benemerita divisa: «Passar, fazendo o bem».

Versos

Prefacio de Affonso Lopes Vieira

Retrato por Adriano de Souza Lopes

Nesta quadra soalhenta do anno, as obras litterarias rareiam, sendo poucas ainda as que conseguem chamar sobre si a attençãõ publica, presa ás delicias das praias e das termas e até—curioso exotismo—aos meandros da politica. As novidades litterarias que apparecem passam despercebidas na turba-multa de coisas inuteis em que se compraz recrear-se toda a gente, neste delicioso tempo de verãõ, sendo preciso que represente na realidade uma obra de verdadeiro merito o trabalho que consegue impôr-se e vencer.

E' o caso do livro *Versos*, de Domitilla de Carvalho

—um nome que é um orgulho para todas as mulheres portuguesas.

Versos é um lindo livro sahido dos prelos da livraria França Amado, de Coimbra, um precioso volume como documento psychologico, como demonstração clara de que atravez da sciencia e da lucta social é possível conservar ainda o *quantum* de sentimento e de simplicidade indispensaveis á creação e amor do Bello.

Domitilla de Carvalho, é um dos mais altos talentos femininos que conhecemos e um dos mais nobres caracteres que admiramos. O seu livro é a manifesta-



D. DOMITILLA DE CARVALHO

ção sincera e pura da sua formosa alma, sonhando sempre, no desejo insaciavel d'um mundo melhor, dominada pelo amor, pela justiça e pela caridade.

No primoroso prefacio—primoroso como um trabalho de ourive-aria da Renascença—o grande artista que é Affonso Lopes-Vieira, accentua essa forte individualisação amorosa e sentida, propria da mulher, que Domitilla de Carvalho soube conservar encantadoramente, atravez toda a sua vida, até no mistér materializador a que se dedicou. Depois da sua formatura, em philosophia, mathematica e medicina, o espirito d'esta senhora, tão avêssò a manifestações de celebridade, tão docemente preso á modestia e singelleza que a distinguem, não se esterilidou nos estados aridos da sciencia, continuou a encontrar e a fixar flagrantemente o sentimento das coisas. Onde uma medica veria apenas a materia que se anniquilla e volta ao seio da Natureza, ella vislumbra commovidamente, em toda a delicadeza do seu finissimo sentir, uma alma que palpita, que soffre, que vibra, no agitar convulso d'uma enorme dôr...

Foi assim que á cabeceira do leito d'uma pobre pequenita ella encontrou enternecedoramente a inspiração sentida d'um dos mais lindos sonetos do seu bello livro, e que, só por si, faria a reputação da penna

que o escreveu e diria toda a bondade commovida do coração que o sentiu.

Flôr que morre é um soneto que fica, como hão de ficar muitos outros do seu livro.

Foi assim, amando, soffrendo, sonhando e sentindo que Domitilla de Carvalho alcançou definitivamente um lugar de destaque entre os nossos poetas portugueses.

Que mais quererá ser Domitilla de Carvalho que o não consiga? Mulher de sciencia d'um merito incontestavel, professora intelligente e conscienciosa, poetisa encantadora, e...—se não fosse o receio de sermos indiscretos, diriamos tambem como nas suas mãos de artista os pinceis fazem brotar deliciosas flores do fundo das suas télas de estudo.

O nome de Domitilla de Carvalho, aqui como lá fóra, deve ser invocado, para orgulho das mulheres de Portugal.

Flôr que morre

No hospital

*E' linda como os anjos. Na pureza
Do seu olhar macio, avelludado,
Ha sempre a mesma febre, a mesma reza
Que o meu peito recolhe apiedado.*

*Com gesto de quem pede e essa tristeza
De quem presente o fim amargurado,
Ergue as mãos pequeninas de princeza
E sorri para todos com agrado.*

*Com aquella ideal resignação
E a mesma fé em Deus nosso Senhor,
Ha dois annos que a vejo doentinha.*

*Quando presa de immensa compaixão
Do seu leito me acerco: «—Está melhor?»
Ella responde sempre: «—Melhorsinha...»*

Festa do Coração de Jesus



EL-REI D. MANUEL
SAHINDO DA BASILICA DA ESTRELLA
DEPOIS DA FESTIVIDADE

A semana d'armas

A semana d'armas em Portugal revestiu-se este anno, a par d'um interesse geral e entusiastico por parte dos amadores, d'uma imponencia de trabalhos como de ha muito em Portugal se não viam.

Depois dos brilhantes resultados obtidos pelos esgrimistas portuguezes nos concursos em França, a semana d'armas portugueza veio pôr n'um alto destaque este genero de *sport*, que conta hoje entre nós um grupo distinctissimo de profissionaes e amadores.

O concurso realisou-se na esplanada do Hotel Bragança e teve, em todos os dias em que se effectuou, uma concorrência desusada, sobretudo de senhoras.

O Centro Nacional de Esgrima deve sentir-se or-

esgrimista distinctissimo, ganhou esta taça durante dois annos consecutivos (1907-1908), devendo ficar em seu poder definitivamente este anno, caso a gannhasse; tal não succedeu, porém. Mario de Noronha, que em França se portou tão distinctamente, conseguiu trazer para si a gloria de ser o detentor da taça.

Os assaltos foram vigorosos e alguns até academicos, especializando-se pela elegancia no ataque o esgrimista portuense Basto Correia. O jury era composto dos srs. conde de Penha Garcia, visconde de Reguengos (Jorge), professor Antonio Martins, Menezes Vasconcellos e tenente Horacio Ferreira.

Os restantes dias de combate, para eliminatorias, meias finais e finais, se não despertaram tanto interesse, não foram menos distinctas.



1.º PLANO DA ESQUERDA PARA A DIREITA: DR. EMAUZ, BASTO CORREIA, ALEXANDRE PAREDES, JOSÉ OCHÔA

2.º PLANO DA ESQUERDA PARA A DIREITA: D. SEBASTIÃO HEREDIA, FREDERICO PAREDES, MARIO DE NORONHA, ALBERTO MACHADO

gulhoso com o resultado da sua iniciativa, que foi dos mais brilhantes.

No primeiro disputou-se a *Taça Antonio Martins* por *équipes* de 3 atiradores. Ficou com a posse definitiva d'esta taça o Centro Nacional de Esgrima, vencendo o grupo formado pelos srs. dr. Emauz Ribeiro, Simão de Martel e Fernão Simões. Veiu depois o campeonato militar de sabre, a que se seguiu o dia de mais entusiasmo, para se disputar a *Taça Penha Longa*.

O combate para a disputa d'esta taça foi o mais brilhante d'entre todos e teve a curiosa circumstancia de vêr um amador bater um profissional.

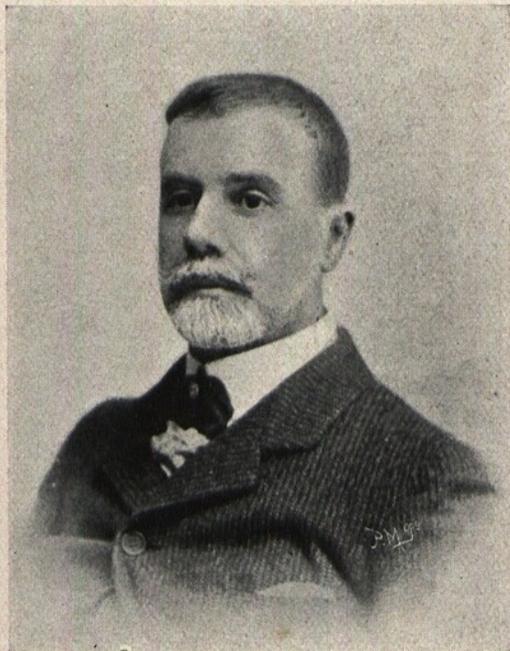
Carlos Gonçalves, que é, como todos sabem, um

O que pôde com justiça concluir-se é que em Portugal o gosto pela esgrima se vae accentuando cada vez mais, adquirindo verdadeiros apaixonados, que lá fóra vão enchendo de gloria o nome de Portugal, de ordinario tão esquecido em tudo que representava uma manifestação de vida internacional.

Os esgrimistas portuguezes estão afinal continuando uma tradição honrosa. Sempre no nosso paiz o jogo das armas teve dedicados cultores, que não brilhariam muitas vezes pelo cunho academico do jogo, mas que sabiam ter a sciencia do golpe certo e firme, afinal de contas o que mais é para desejar n'este genero de *sport*.

Litteratura

Auctor do *Inventario de junho* (livro exgotado), *Cartas sem moral nenhuma* (egualmente exgotado), do *Agosto azul*, da *Sabina Freire* e dos *Desenhos e anedotas de João de Deus*, é hoje um dos nossos



M. TEIXEIRA GOMES

mais scintillantes e vernaculos prosadoras. *Gente singular*, o seu ultimo livro, constituído por seis contos interessantissimos, confirmam os foros, a que tem direito, de escriptor cheio de observação, graça, conceituoso e de fando.

*
*
*

Editada pela importante livraria do Rio de Janeiro, pertencente a Francisco Alves, acaba de ser lançada no

mercado a segunda edição do suggestivo romance *A paixão de Maria do Céu*, de Carlos Malheiro Dias. A crítica do livro está feita ha muito tempo. Elogiosa, em toda a linha, pôs em relevo, e com toda a justiça, as singulares faculdades de escriptor, de psicó-



CARLOS MALHEIRO DIAS

logo, de delicado, gracioso e subtil pintor de caracteres do seu auctor.

Carlos Malheiro Dias é uma individualidade de eleição no nosso meio litterario. A sua obra, vasta e de largos horisontes, ha de ficar; tem-se accentuado em multiplas manifestações, todas ellas vigorosas e scintillantes.

Colonias

Nuno Queriol é o actual governador dos territorios da Companhia de Moçambique na Beira. Capitão de mar e guerra, antigo governador do Congo e de Lourenço Marques, official de marinha com uma briosa folha de serviços, deputado em varias legislaturas, chefe do gabinete do ministerio do reino na ultima



NUNO QUERIOL

situação politica a que presidiu o fallecido conselheiro Hintze Ribeiro, da casa militar de el-rei, com o peito profasamente constellado de condecorações nacionaes e estrangeiras, muito intelligente e muito honesto, ha de desempenhar-se tão brilhantemente do novo cargo em que o investiram como se desempenha d'outros igualmente espinhosos.

Exposição de pintura

Francisco Grandella, no nobre e generoso intuito de concorrer para o desenvolvimento das Bellas-Artes, no nosso meio, tão necessitado destas iniciativas altruistas, organisou uma exposição de pintura nos seus amplos e luxuosos armazens, que muito contribuirá para estimular o gosto dos expositores e para interessar o publico em geral, por uma das artes que maior numero de cultores está contando actualmente no nosso paiz.



EXPOSIÇÃO DE PINTURA NOS ARMAZENS GRANDELLA—UM ASPECTO

O povo português, pelo que respeita á educação esthetica, encontra-se num atrazo desgraçadissimo.

Inteiramente abandonado a si proprio, sem com-

prehender a arte e sem respeito por ella, precisa que se lhe facilitem todos os meios de ser iniciado na comprehensão do *bello*, que tanta e tão alta influencia



EXPOSIÇÃO DE PINTURA NOS ARMAZENS GRANDELLA—OUTRO ASPECTO DA EXPOSIÇÃO

exerce no temperamento e no caracter de cada individuo. Assim todos os esforços praticados no sentido de educar, aperfeiçoar e desenvolver a cultura do gosto pelas Bellas-Artes são realmente merecedoras do applauso caloroso dos que ainda não sabem ser indifferentes ao progresso do paiz.

Os trabalhos expostos, em numero de 354, formam um interessante conjunto, do qual destacamos valiosas affirmações e risonhas tentativas e promessas.

Ao lado d'alguns trabalhos de valor, como as deliciosas aguarellas de Roque Gameiro, as tela de Julio Costa e D. Margarida Costa Romão; os bellos estudos de D. Rachel Gameiro e Hebe Gonçalves; os trabalhos conscienciosos dos discipulos da sr.^a D. Emilia dos Santos Braga, a pintura ceramica de Levy Bensabat, os quadros de Battistini e os «panneaux» decorativos de Domingos Costa, a que o jury prestou as homenagens da sua justiça, havia muita promessa vaga que o tempo e o estudo poderão converter em excellentes manifestações artisticas. Entre os premios destinados aos expositores notavam-se objectos de grande valor artistico e real. O producto da venda dos catalogos revertia favor das escolas liberaes.

Oxalá que a exposição Grandella se repita, porque é sem duvida um grande serviço prestado á Arte e um louvavel e generoso ensinamento ás classes trabalhadoras, que não podem frequentar os museus e galerias das grandes capitães.

E' ás iniciativas tenazes e patrioticas d'este genero que a Arte nos outros paizes deve uma boa parte dos seus melhores impulsos.

Direito e investigação criminal

Muito novo, Fernando Emygdio da Silva, acaba de obter a sua carta de bacharel; estuda para se licen-



FERNANDO EMYGDIO DA SILVA

ciar e habilita-se para receber o capello dentro de pouco tempo. Possui um cerebro robusto, uma força

de vontade pouco vulgar, a legitima ambição que torna os homens grandes, o caracter integro que os transforma em modelos e idolos das massas. Irá longe. No jornal e no livro tem já um logar honroso. O seu ultimo trabalho *A investigação criminal*, é uma obra de alcance e merecimento. Revela não só muito estudo e boa orientação na pesquisa, mas ainda serios dotes de criminalista, de philosopho e de observador.

Modas

Devemos fallar de modas, aconselhando? guiando a leitora sobre o que se usa? Mas o que se usa toda

Outras vezes a troça vae mais longe, flagella cruelmente, bate com látégos de ironia os desmandos da moda. Mas de que vale isso?

Ninguem se sente visada.

Tudo foi com as outras... Lavra uma grande insanias nos espiritos mais atilados quando se trata de modas; não se attende á idade, á constituição physica de cada um. As pessoas baixas querem vestir como as altas, as gordas como as magras.

Vejam essas tres figurinhas da nossa gravura que podem ser tres lindas raparigas transformadas em tres feios modelos de modas absurdas.

Vão lá dizer a muitas senhoras que semelhantes



a gente vê pelas ruas, toda a gente sabe. Neste momento fallar de modas deveria ser, pedir que *se não use o que se usa...* Pedir que se modere nas *toilettes* a phantasia, que tantas vezes briga com o bom gosto e com a esthetica! rogar que se dê um pouco menos de amplidão aos chapéus e um tanto mais de roda nos vestidos...

Mas... Seria bradar no deserto.

Os jornaes estrangeiros veem cheios de anedotas e caricaturas sobre as dimensões dos chapéus.

Para accentuarem o ridiculo inventam figuras de damas em viagem, cercadas das suas chapeleiras, que pelo volume são despachadas como rodas de bicycletas.

trajes as desfeiam, vão mal á sua figura, ao seu estado, ao seu rosto!...

Não se convenceriam, ou peor ainda, não se importariam talvez sacrificar tudo isso ao prazer de *trajar á moda...*

— Mas... *vestir á moda* (é preciso accentuar esta verdade) nem sempre é synonymo de estar bem-vestida.

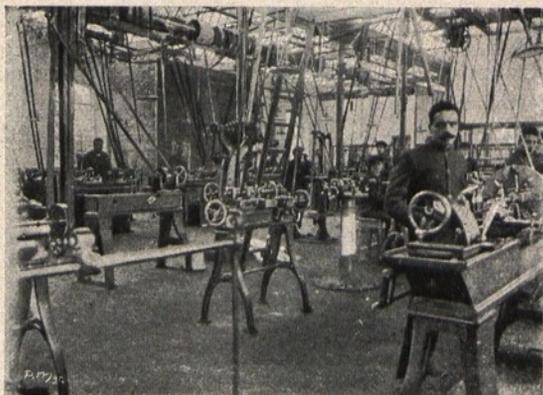
A sciencia de vestir bem não é seguir a moda cegamente, é harmonisal-a com o nosso feitio, dosal-a com sufficiente bom gosto, pôr simplicidade nas guarnições, harmonia nas côres, correcção e elegancia no córte. E', sobretudo, excluir os exaggeros.

A alegria de vêr as creanças sans, robustas, fortes e rosadas, consegue-se unicamente administrando-lhes **SOMATOSE.**

Quando um grande numero de senhoras se conven-
cerem d'esta verdade, estamos certas que se formaria
uma liga denominada *Liga do Bom Senso, contra os*
desmandos da toilette. E se alguma das nossas que-
ridas leitoras quer pôr mãos á obra, pode desde já
contar-nos no numero das suas associadas.

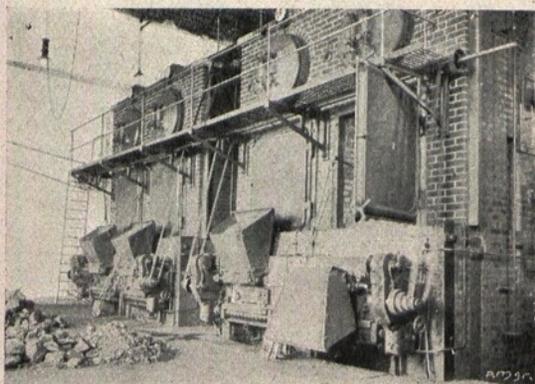
Fabrica de projecteis

Municiamento. — Ha muito tempo reclamada
pelas necessidades do exercito, cujo municiamento
era todo fabricado no estrangeiro, pondo-nos assim
á mercê dos caprichos da politica internacional, acaba
finalmente de ser montado, proximo de Braço de
Prata, com todos os requisitos modernamente exigi-
dos, e dotado dos machinismos mais aperfeiçoados
para o fim a que é destinado, este importantissimo
estabelecimento militar.

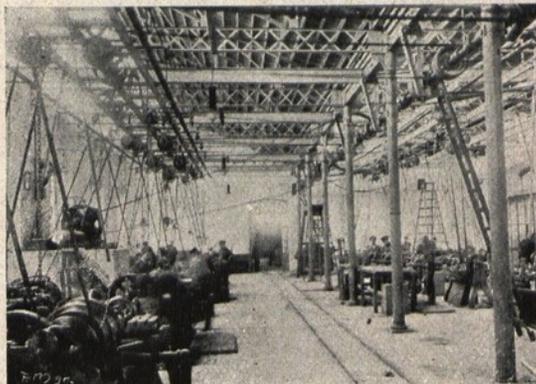


OFFICINA DE ESPOLETAS

São muito interessantes os machinismos installados
nas diversas officinas, cuja força motriz é produzida



DOIS GRUPOS DE CALDEIRAS AQUITUBULARES



OFFICINA DE TORNEAMENTO DE PROJETEIS

As officinas são amplas, arejadas e bem illumina-
das, sendo de notar pela sua vastidão aquella em que
está installada a grande prensa hydraulica, que abre
nos blocos de aço a cavidade onde hade ser intro-
duzida a carga, e que trabalha a 100 atmospheras.

por dois dynamos accionados por duas poderosas
machinas a vapor.

E' este um melhoramento de maxima utilidade
para o paiz, e director do estabelecimento o sr. co-
ronel Ramos da Costa, um official distinctissimo.

Graphico das listas civis de diversos soberancs da Europa, expressos em libras



E. U. DA AMERICA

FRANÇA

INGLATERRA

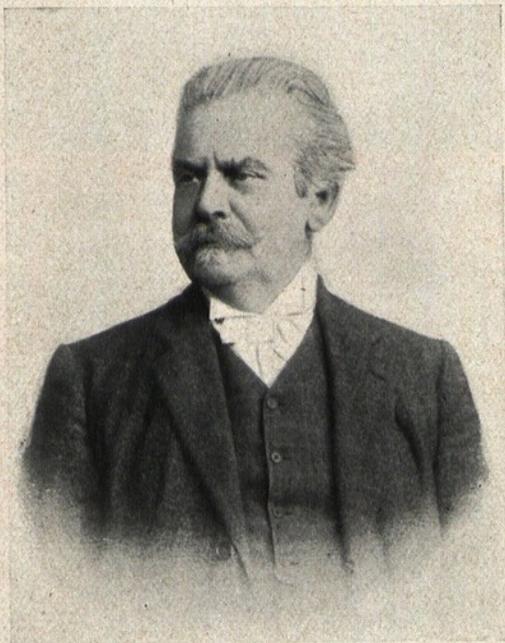
ALLEMANHA

TURQUIA

Arte

Inaugurou-se ha tempos em Lourenço Marques um excellente retrato de el-rei D. Manuel, devido ao pincel cuidadoso e habil do illustre pintor Felix da Costa, artista muito conhecido no nosso meio.

E' copiosa a obra de Felix da Costa, principal-



FELIX DA COSTA

mente em retratos, sendo os seus principaes trabalhos o esplendido retrato do conselheiro Hintze Ribeiro e ultimamente o do augusto chefe do Estado.

Felix da Costa é, não só um artista de merecimento, como procura dar sempre aos seus estudos a maxima perfeição.

Benemerencia

O commendador Manoel da Costa Pereira é uma das figuras mais proeminentes e sympathicas da colonia portugãesa no Rio de Janeiro. Director do Banco Commercial da grande metropole brasileira e até ha pouco tempo presidente da Sociedade de Be-



COMMENDADOR MANUEL DA COSTA PEREIRA

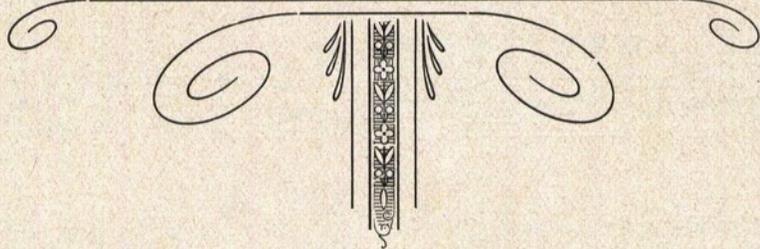
nificencia Portugêsa, o seu caracter bondoso, a sua intelligencia lucida, o seu caracter integro, grangearam-lhe uma situação especial de respeito e veneração.

As nossas boas vindas.

**FARINHA
LACTEA NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.

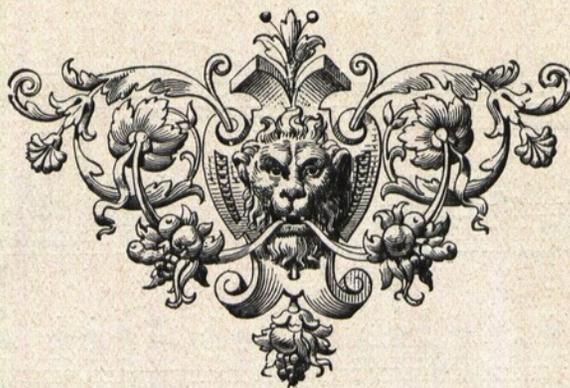
Musica dos Serões



Marcha Zurca

————— POR —————

L. de Beethoven



Marcha Turca

—== FOR ==—

L. de Beethoven

Allegro.

L. van Beethoven.

The musical score is written for piano and consists of five systems of two staves each. The key signature is one sharp (F#) and the time signature is 2/4. The score includes various musical notations such as slurs, accents, and fingerings (e.g., 2, 3, 1, 2, 1, 3, 2, 3). Dynamics are indicated by *p*, *poco cresc.*, *f*, *n*, *f*, *cresc.*, and *ff*. The piece begins with a piano (*p*) dynamic and concludes with a fortissimo (*ff*) dynamic.

First system of musical notation, consisting of a treble and bass clef staff. The treble staff contains a melodic line with various ornaments and fingerings (2, 1, 3). The bass staff contains a rhythmic accompaniment of chords and eighth notes.

Second system of musical notation. The treble staff continues the melodic line with fingerings (2, 4, 1, 2, 1) and dynamic markings *p* and *p*. The bass staff continues the accompaniment.

Third system of musical notation. The treble staff features a melodic line with fingerings (2) and dynamic markings *f* and *p*. The bass staff continues the accompaniment.

Fourth system of musical notation. The treble staff has a melodic line with fingerings (1, 3, 3) and dynamic markings *f*, *cresc.*, and *ff*. The bass staff continues the accompaniment.

Fifth system of musical notation. The treble staff has a melodic line with fingerings (3, 1, 2, 1, 2, 1) and dynamic marking *poco u poco dim.*. The bass staff continues the accompaniment.

Sixth system of musical notation. The treble staff has a melodic line with dynamic markings *p*, *dim.*, and *pp*. The bass staff continues the accompaniment.



SONETO

(Com as rimas do «Soneto», publicado
no n.º 48 dos **Serões**)

A meu irmão Celestino Monteiro

Só a riqueza, a glória o deslumbrava,
A glória, sim, que mais e mais fugia,
Quanto mais, porfiando dia a dia,
De a procurar, porém, não se cansava.

D'aquelle anhélo a coruscante láva
Por proceloso mar o ia levando, —
Encarnação d'outro *argonauta*, quando.
Em cáta do ouro, a Cólchida buscava...

Foram passando os annos, mas, desleal,
A Sorte (maldição!) deixa-o sósinho,
Já perto ás culminancias do Ideal...

Quando transpôr, alfim, o agro caminho
Que leva ao Capitólio, — por seu mal
Fugira a mocidade... era velhinho...

Coimbra.

José Alves Monteiro.

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO

~~~~~  
**GOTA**  
~~~~~

NEURALGIAS

Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



LOÇÃO DEQUEANT

**CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS**

Umico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo

L. DEQUEANT, Pharmaceutico, 38, Rue Clignancourt, Paris

Em LISBOA, 15, Rua dos Sapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.º, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, **128, Faubourg Poissonnière — PARIS.**

Grandes vantagens

Aos assignantes dos

SERÕES

BRINDE: Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

BONUS

Desejosa a administração dos "SERÕES" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "SERÕES" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre...	1\$200 »
	{ Trimestre...	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca).....	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	- Anno.....	15 fr.

Pedidos á

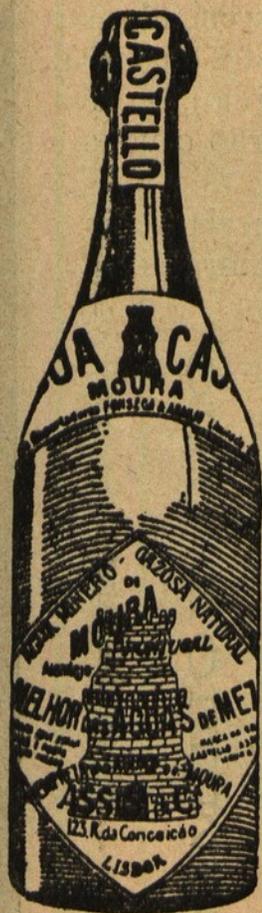
Administração dos "SERÕES"

30, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30, (Palacio Foz).



AGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

— DE —

— **MOURA** —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO
Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.:
LISBOA

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 8.º volume da 2.ª serie.

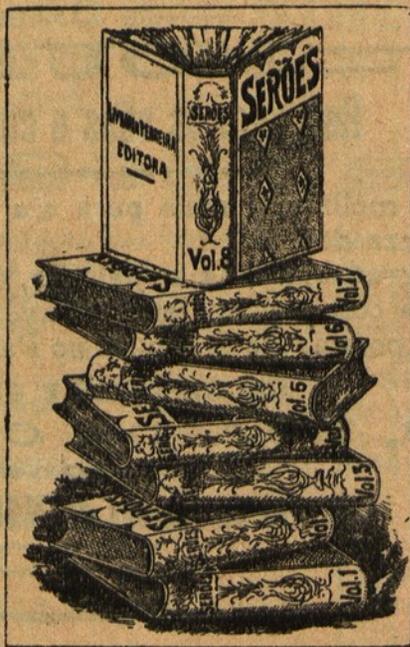
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

OITO VOLUMES

2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não sofram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA